**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM**

IRENE OKABE

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:
UMA PROPOSTA DE INDICADORES DE GÊNERO NA FAMÍLIA**

**SÃO PAULO
2010**

IRENE OKABE

**VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:
UMA PROPOSTA DE INDICADORES DE GÊNERO NA FAMÍLIA**

Tese apresentada à Escola de Enfermagem da
Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutor em Enfermagem.

Área de concentração:
Enfermagem em Saúde Coletiva.

Orientadora:
Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca.

SÃO PAULO

2010

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Okabe, Irene

Violência contra a mulher: uma proposta de indicadores de gênero na família. / Irene Okabe. – São Paulo, 2010.
206 p.

Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca.

1. Violência contra a mulher (indicadores). 2. Família.
I. Título

Nome: Irene Okabe

Título: Violência Contra a Mulher: uma proposta de indicadores de gênero na família.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, como requisito para obtenção do título de Doutor em Enfermagem.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof.^a Dr.^a _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, pelo carinho, pela compreensão das minhas ausências e o estímulo para continuidade dos meus estudos.

À minha família, pelo apoio, afeto e por ser a minha referência em todos os momentos da vida.

Aos meus amigos, pela solidariedade e incentivo durante esta jornada.

A cada uma das mulheres, pelas entrevistas que me permitiu a execução deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Expresso os meus sinceros agradecimentos pela contribuição valiosa a todos que participaram desta pesquisa.

À professora, Dr.^a Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca, pela orientação, ensinamento, confiança e carinho.

À Dr.^a Anna Maria Chiesa e à Dr.^a Kleyde Ventura de Souza, pelas sugestões para o aperfeiçoamento desta pesquisa, na banca de qualificação.

À Antônia pelo apoio, dedicação, contribuições na editoração e revisão minuciosa desta pesquisa com valiosas sugestões na efetivação desta tese.

À Miti, pela disponibilidade da estada, pelo carinho e acolhimento durante o doutorado.

Aos colegas do Curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Paraná e aos ex-colegas da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, pelo incentivo e colaboração no decorrer de todo este processo.

Aos alunos do Curso de Enfermagem da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, pela solidariedade e compreensão durante minha trajetória de estudos.

À Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, pela autorização e pelo apoio na realização deste estudo.

À Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e aos funcionários desta Escola, pela acolhida e oportunidade de concretização deste projeto.

À coordenação e à equipe do Programa Mulher de Verdade e Rede de Atenção à Mulher em Situação de Violência, pelo apoio, fornecimento da base de dados e pela constante disponibilidade dos documentos necessários para a realização da tese.

Às mulheres que me acolheram para contar a sua história de vida e forneceram subsídios para este estudo.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente colaboraram na realização deste trabalho.

E finalmente, agradeço a Deus pela vida e as bênçãos recebidas.

Retrocedamos en la historia de la humanidad buscando la silueta de la mujer, en las diferentes edades de la Tierra. La encontraremos más humillada y más envilecida, mientras más nos internemos en la antigüedad. Su engrandecimiento lleva la misma marcha de la civilización; mientras la luz del progreso irradia más poderosa sobre nuestro globo, ella, la agobiada, va irguiéndose más y más.

Y, es que a medida que la luz se hace en las inteligencias, se va comprendiendo su misión y su valor y hoy ya no es la esclava de ayer sino la compañera, la igual. Para su humillación primitiva, ha conquistado ya lo bastante, pero aún le queda mucho que explorar para entonar un canto de victoria.

*Gabriela Mistral
("La Instrucción de la Mujer", Vicuña, 8 de marzo de 1906)*

Okabe I. Violência contra a mulher: uma proposta de indicadores de gênero na família [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2010.

RESUMO

Esta tese trata da relação entre desigualdade de gênero na família e a violência contra a mulher, com a finalidade de elaborar uma proposta de indicadores de gênero na família. Parte da constatação de que a violência doméstica não é um fenômeno recente e tem sido uma constante na sociedade, principalmente sobre os membros mais vulneráveis da família como mulheres, crianças e idosos. Especificamente contra a mulher, a violência persiste no tempo e se estende praticamente por todas as classes sociais, em diferentes culturas e sociedades. Daí a necessidade de conhecer em profundidade o fenômeno violência de gênero para enfrentá-lo com êxito, e os indicadores constituem um dos instrumentos viáveis para mensurar essa realidade. Para proceder à análise, este estudo apoia-se teoricamente no conceito de gênero de Joan Scott (1990) e toma como parâmetro os indicadores de (des)igualdade de gênero na família de Goldani (2000). Os sujeitos da pesquisa são 19 mulheres residentes em Curitiba-PR, com média de idade de 31 anos, portanto, mulheres em idade reprodutiva e em grande parte inseridas no mercado de trabalho, em sua maioria casada ou em união consensual estável, e distribuídas por todos os graus de escolaridade, desde o ensino fundamental até o nível superior. Seleccionadas com base na Ficha de Notificação de violência contra a mulher, do Programa Mulher de Verdade, da Secretaria Municipal de Saúde-Curitiba, suas entrevistas resultaram, após a sistematização, em histórias de vida, conforme procedimento preconizado por Bourdieu (1997). Com o emprego da técnica de análise de Bardin (1977), das histórias de vida foram extraídas frases temáticas correspondentes a cada indicador e, com isso, foi possível construir os indicadores de subalternidade de gênero na família, proposta central deste estudo. Como uma das conclusões desta tese, aponta-se que a família, como unidade primária de socialização, em que se produz e reproduz determinada desigualdade de relação de gênero, condiciona em muitos casos a violência contra a mulher e a vivência das (des)igualdades entre os sexos em outras esferas da vida social.

Palavras-chave: Violência. Gênero. Família. Indicadores.

Okabe I. Violence against Women: a Proposal for Family Gender Indicators [Dissertation]. São Paulo: School of Nursing, University of São Paulo; 2010.

ABSTRACT

This dissertation deals with the relationship between gender inequality in the family and violence against women, and its purpose is developing a proposal for family gender indicators. It starts from the observation that domestic violence is not a recent phenomenon and has been constant in society, particularly against more vulnerable members of the family such as women, children and the elderly. More specifically against women, violence persists in time and permeates all social levels in different cultures and societies. Hence the need to study the gender violence phenomenon in depth if we are to stand up to it effectively, and indicators are one of the instruments available to measure this reality. In order to carry out the analysis, this study is theoretically based on Joan Scott's gender concept (1990) and the parameters used are (in)equality family gender indicators developed by Goldani (2000). The subjects of the research are 19 women residing in Curitiba-PR, averaging 31 years of age, and so, women in their reproductive years, generally active in the job market, most of them married or in stable consensual relationships, with education levels ranging from fundamental to higher education. Their selection was based on the violence against women notification record of the *Mulher de Verdade* program of Curitiba's Municipal Secretariat for Health, and after being systematized, the interviews resulted in life stories, according to a procedure suggested by Bourdieu (1997). Through the use of Bardin's analysis technique (1977), thematic phrases were extracted from the life stories and correspond to each indicator, which allowed the creation of family gender subjugation indicators – the central proposal of this study. As one of this dissertation's conclusions we point out that the family, as a primary socialization unit that produces and reproduces gender inequality, is, in many cases, the vector of violence against women and (in)equality experiences between the sexes in other spheres of social living as well.

Key-words: Violence. Gender. Family. Indicators.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Indicadores de (des)igualdade de gênero na família	24
Quadro 2 - Área de produção Interna ou “Esfera da Reprodução” – Frases temáticas componentes dos indicadores de subalternidade de gênero na família, segundo os níveis da realidade ou da idealização, e o significado do conteúdo, segundo a perspectiva de reiterar ou superar as desigualdades e a subalternização da mulher	110
Quadro 3 - Área de produção externa ou esfera do trabalho remunerado – Frases temáticas componentes dos indicadores de subalternidade de gênero na família, segundo os níveis da realidade ou da idealização, e o significado do conteúdo, segundo a perspectiva de reiterar ou superar as desigualdades e a subalternização da mulher.....	116
Quadro 4 - Redes sociais e apoios familiares – Frases temáticas componentes dos indicadores de subalternidade de gênero na família, segundo os níveis da realidade ou da idealização, e o significado do conteúdo, segundo a perspectiva de reiterar ou superar as desigualdades e a subalternização da mulher	121
Quadro 5 - Poder de decisão sobre a própria vida – Frases temáticas componentes dos indicadores de subalternidade de gênero na família, segundo os níveis da realidade ou da idealização, e o significado do conteúdo, segundo a perspectiva de reiterar ou superar as desigualdades e a subalternização da mulher	129

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico das mulheres entrevistadas – Curitiba - 2009	50
Tabela 2 - Perfil sociodemográfico do agressor – Curitiba - 2009	52
Tabela 3 - Tipo de agressão sofrida pelas entrevistadas – Curitiba - 2009	55
Tabela 4 - Distribuição usual das decisões com os filhos e (ou) dependentes e quem deve fazê-los segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	75
Tabela 5 - Distribuição usual das tarefas domésticas e quem deve fazê-las, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	76
Tabela 6 - Expectativa a respeito dos filhos, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	77
Tabela 7 - Distribuição usual das tarefas domésticas e quem deve fazê-las, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	85
Tabela 8 - Distribuição usual dos cuidados com os filhos e (ou) dependentes e quem deve fazê-los, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	88
Tabela 9 - Repartição justa entre o casal das tarefas domésticas e o cuidado com o filho segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	90
Tabela 10 - Tempo gasto para realizar as tarefas domésticas e o cuidado com o filho/dependente, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	90
Tabela 11 - Responsabilidade pelo sustento da família e quem deve fazê-la segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	92
Tabela 12 - Significado do trabalho remunerado segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	94
Tabela 13 - Mudança na vida profissional após a alteração no estado civil ou nascimento dos filhos, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009	95

LISTA DE SIGLAS

OMS	- Organização Mundial da Saúde
OPAS	- Organização Panamericana da Saúde
NOB-SUS/96	- Norma Operacional Básica do SUS de 1996
SUS	- Sistema Único de Saúde
CAPS	- Centros de Atendimento Psicossocial
CMUM	- Centros Municipais de Urgências Médicas
SADT	- Serviço Auxiliar de Diagnóstico e Terapia
SMS	- Secretaria Municipal da Saúde
MID	- Membro Inferior Direito
MSE	- Membro Superior Esquerdo
ONG	- Organização Não Governamental
ONU	- Organização das Nações Unidas
PNAD	- Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
MS	- Ministério da Saúde
ISSP	- International Social Survey Programme

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	15
1. INTRODUÇÃO	17
2. OBJETIVOS	26
2.1 OBJETIVO GERAL	26
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	26
3. REFERENCIAL TEÓRICO	27
3.1 GÊNERO COMO CATEGORIA ANALÍTICA	27
3.2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	31
3.3 INDICADORES DE GÊNERO	34
4. METODOLOGIA	38
4.1 TIPO DE PESQUISA	38
4.2 CENÁRIO DO ESTUDO	40
4.3 SUJEITOS DO ESTUDO E COLETA DE DADOS	41
4.4 TRATAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS	44
5. RESULTADOS	47
5.1 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER	47
5.2 VIVÊNCIAS E VISÕES DE MUNDO	57
5.2.1 A família e os arranjos conjugais	57
5.2.2 Dissolução ou negação da união	64
5.2.3 Poder de decisão: para si e para os filhos	72
5.3 ESFERA DA REPRODUÇÃO E DA PRODUÇÃO	79
5.3.1 Esfera da reprodução	82
5.3.2 Esfera da produção	91
6. DISCUSSÃO	100
6.1 UMA PROPOSTA DE INDICADORES DE SUBALTERNIDADE DE GÊNERO NA FAMÍLIA	108
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS	136
APÊNDICE 1 - GUIA DE ENTREVISTA	144
APÊNDICE 2 - HISTÓRIAS DE VIDA	152
ANEXO 1 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	202
ANEXO 2 - TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO	204
ANEXO 3 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	206

APRESENTAÇÃO

A escolha deste tema está associada ao desenvolvimento das minhas atividades profissionais, como enfermeira do Departamento de Epidemiologia da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba – SMS/Curitiba, instituição que trabalhei por quase vinte anos, e posteriormente como docente da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, na área de saúde coletiva.

Como enfermeira epidemiologista, desenvolvi minhas atividades na Divisão de Diagnóstico em Saúde. Este setor tem como objetivo subsidiar as políticas públicas do município, a partir dos estudos epidemiológicos da população residente em Curitiba-PR. Estes estudos têm como base o sistema de informação relativa à demografia, mortalidade e morbidade.

No que se refere à rede ambulatorial, chamou minha atenção o grande número de atendimentos às mulheres com diagnósticos de distúrbios neuro-vegetativos (DNV) e diagnósticos que, segundo a Classificação Internacional das Doenças, se enquadram ao grupo das mal definidas. Este achado me trouxe alguns questionamentos e a necessidade de investigação nos momentos em que atuava nas Unidades de Saúde (US). O mesmo ocorreu durante visitas domiciliares, pela semelhança do perfil encontrado com as das mulheres em situação de violência descrita no Relatório Mundial de Violência e saúde da Organização Mundial de Saúde – OMS (KRUG et al., 2002).

Em Curitiba, confirmando os achados do estudo anterior, as pessoas consideradas “DNV” e com sinais e sintomas inespecíficos pelos profissionais de saúde são mulheres, na sua grande maioria, que têm pouca visibilidade na sociedade, baixa autoestima, com reduzida autonomia, e que enfrentam inúmeros problemas como a falta de recursos materiais, conflitos familiares, dentre eles a violência de gênero, nem sempre expressada ou mesmo percebida.

O fato de as mulheres com queixas inespecíficas provavelmente serem aquelas que vivenciam relações de gênero violentas é ainda pouco reconhecido no âmbito de serviços de saúde e também pela própria vítima, visto que muitas cenas de família consideradas normais ou corriqueiras só recentemente passaram a ser categorizada como violência interpessoal e, nessa perspectiva, como um dos problemas graves da saúde coletiva a ser enfrentado.

Ao me interessar pelo tema da violência que ocorre no âmbito doméstico, deparei-me com valores e crenças da cultura patriarcal, que se concretizam em comportamento dominantes dos homens e submissos das mulheres na relação familiar, resultantes de relações de poder que se traduzem em desigualdades entre eles, tendo como fruto situações de violência.

Goldani (2000) aponta no estudo de famílias e gênero a persistência das desigualdades de gênero nas famílias, quanto à divisão do trabalho doméstico, tempo livre e autonomia pessoal, apesar das mudanças ocorridas na sociedade nos últimos anos, como a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, que não foi acompanhada pelo mesmo crescimento da participação dos homens na esfera familiar e doméstica. Eu observo a mesma situação na minha prática profissional e pessoal.

Esses fatos trouxeram-me inquietação no sentido de buscar esclarecer a articulação entre as desigualdades de gênero persistentes na família e a violência contra a mulher, tema ainda pouco explorado, motivaram a escolha pelo objeto de estudo desta tese.

1. INTRODUÇÃO

A violência ocupa lugar prioritário na pauta dos problemas sociais da sociedade contemporânea, sendo objeto de reflexão de pesquisadores de diversas áreas do conhecimento, na tentativa de esclarecer um problema que a cada ano atinge cada vez mais pessoas. A título de exemplo, anualmente, mais de 1,6 milhões de pessoas perdem suas vidas e, a cada vida perdida, pode-se inferir a existência de agravos não fatais que oprimem e geram danos físicos e psicológicos. (KRUG et al., 2002)

É muito difícil conceituar violência, principalmente por ser um fenômeno extremamente complexo que não só atinge as pessoas, mas as afeta emocionalmente. Trata-se de um problema social que acompanha toda a humanidade e se fundamenta nas questões relativas à moralidade, à ideologia e à cultura de acordo com a época, local e circunstâncias em que ocorre o evento. As questões apontadas assumem formas específicas de manifestações influenciadas pela percepção e atitude em relação à violência, segundo o momento histórico vivido na sociedade. As noções do que é aceitável e inaceitável em termos de comportamento são culturalmente influenciadas segundo normas sociais mantidas por usos e costumes ou por aparatos legais da sociedade. (BRASIL, 2005)

Há ainda diversas maneiras possíveis de definir a violência, segundo quem elabora a definição e a sua finalidade. Na perspectiva do setor saúde, a preocupação baseia-se na magnitude das mortes e dos traumas provocados pelo fenômeno que contribui para anos potenciais de vidas perdidas. Demanda, assim, respostas do sistema de saúde relativas aos transtornos biológicos, emocionais e físicos que comprometem o bem-estar dos indivíduos, das famílias e das comunidades.

A Organização Mundial de Saúde define a violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra grupo ou uma

comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação. (KRUG et al., 2002, p.5)

O Ministério da Saúde do Brasil, de forma semelhante à OMS, refere-se à violência nos seguintes termos: "...ações realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações que ocasionam danos físicos, emocionais e espirituais a si próprios e aos outros". (BRASIL, 2001, p.7)

A concepção adotada no setor saúde destaca a intencionalidade da ação, inclui o uso do poder e exclui o incidente não intencional, abrangendo tanto a violência interpessoal como os comportamentos autoinfligidos e os conflitos coletivos.

O relatório mundial sobre violência e saúde da Organização Mundial da Saúde (2002) classifica a violência contra a mulher como uma violência intrafamiliar ou familiar inserida na categoria interpessoal e refere que o fenômeno ocorre normalmente no ambiente doméstico, entre membros da família e parceiros íntimos; inclui as agressões e os maus tratos contra a criança, a mulher e os idosos.

A violência doméstica não é um fenômeno recente e tem sido uma constante na sociedade, principalmente sobre os membros mais vulneráveis da família como as mulheres, as crianças e os idosos. Esses conflitos são utilizados, muitas vezes, na tentativa de moldar os familiares pela dificuldade de lidar com as frustrações que ocorrem no âmbito doméstico da não correspondência da expectativa cultural masculina em dominar mulheres e crianças.

Existe uma tradição histórica de tolerância sociocultural em relação às diversas manifestações de violência doméstica, atribuída ao evento como problema de cunho familiar, pela sua natureza privada e íntima. Isto tem tido pouca visibilidade e muitas vezes a violência é aceita como fato corriqueiro e consequente aos problemas familiares. O reconhecimento da violência doméstica como problema social é ainda um fato recente na nossa sociedade.

A introdução da problemática que cerca a violência contra a mulher na agenda da saúde ocorreu por meio do movimento feminista, nas

últimas décadas do século XX, buscando sensibilizar as mulheres e a sociedade em geral para a consciência de gênero, pressionando e exigindo ações e intervenções do Estado junto às vítimas, não apenas para o tratamento das lesões e traumas provenientes da violência, mas também para o reconhecimento das mulheres na sua condição de cidadãs e como sujeitos capazes de decidir sobre suas próprias vidas.

Como resposta a isso, foram alcançados alguns resultados no desenvolvimento de estudos e de políticas sociais voltados ao problema. Entre os resultados dessas políticas, pode-se citar a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, realizada em 1994, que reconheceu a violência contra a mulher como um obstáculo para a saúde sexual e reprodutiva e os direitos afins da mulher. Ainda nesse mesmo ano, foi realizada a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher, o que representou um esforço do movimento feminista internacional para dar visibilidade à existência da violência contra a mulher, ao recomendar aos governos das Américas a adoção de medidas para prevenir, punir e erradicar esse tipo de violência.

Doze anos após essa Conferência, no Brasil é sancionada a Lei n.º 11.340/2006, Lei Maria da Penha, cujas disposições encontram-se no art. 1.º:

Art. 1.º Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8.º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Violência contra a Mulher, da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher e de outros tratados internacionais ratificados pela República Federativa do Brasil; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar.

Em 1995, na IV Conferência Mundial das Mulheres, realizada em Pequim, as organizações femininas reforçaram a defesa da eliminação da violência contra o sexo feminino e as desigualdades entre homens e mulheres. Incluiu-se, nessa agenda, a proposta de incorporação da perspectiva de gênero em todas as políticas públicas, para que ambos os

sexos possam se beneficiar de forma equivalente dos efeitos positivos dos programas governamentais, considerando que as questões das mulheres são globais e universais e que a equidade é essencial para a construção de uma sociedade mais justa. (BARBOSA et al., 2005)

Segundo a Organização Panamericana de Saúde-OPAS (2002), a equidade é um conceito ético baseado no ato de justiça social e de direitos humanos, com o intuito de proporcionar as mesmas condições de tratamento e oportunidades aos indivíduos, conforme suas necessidades biológicas e sociais, garantindo o acesso aos recursos e às oportunidades que lhes permitam gozar da plena saúde; já a igualdade pressupõe as mesmas condições sociais de tratamento e oportunidades a mulheres e homens. O documento da OPAS ressalta que “nem todas as desigualdades são iniquidades” (p.3), pois a iniquidade corresponde às desigualdades consideradas desnecessárias, evitáveis e injustas.

A desigualdade entre homens e mulheres na esfera da saúde se caracteriza como um dos determinantes no processo saúde-doença, que resulta em diferentes modos de adoecer, diferentes consequências e diferentes impactos nas mulheres e nos homens.

A teoria da determinação social do processo saúde-doença interpreta os fenômenos saúde e doença como expressão de um mesmo processo, no seu duplo caráter biológico e social porque, apesar de ter características biológicas, a natureza humana revela-se a partir da sociedade. A organização social é o determinante fundamental das manifestações desse processo e “evidencia-se como uma forma de manifestação da qualidade de vida dos agentes sociais, que por sua vez, é determinada pelos processos de produção e reprodução da vida social”. (FONSECA; EGRY e BERTOLOZZI, 2006, p. 58)

As diferentes implicações no processo saúde-doença entre homens e mulheres podem ser compreendidas a partir da perspectiva de gênero articuladas com diferentes categorias como classe social, geração, raça, partindo do pressuposto que a determinação dos fenômenos sociais subjaz à interarticulação entre diferentes categorias, com emergência ora de uma, ora de outra, de acordo com a subjetividade construída.

Estudo realizado pela OPAS, em 1999, aponta que entre 10% e 50% das mulheres relatam ter sofrido maus tratos por seus parceiros íntimos, em algum momento da sua vida, e entre 10% e 30% terem sofrido violência sexual por parte de seus parceiros. No Brasil, a pesquisa da Fundação Perseu Abramo, de 2004, revela que 33% das mulheres admitem já terem sido vítima de violência, em algum momento de sua vida (BRASIL, 2005). Este fenômeno tem repercussão direta, entre outras, na saúde da mulher e dos filhos, o que reflete a assimetria de poder e da capacidade de negociação nas relações sociais de gênero.

As consequências não fatais da violência de gênero se apresentam sob a forma de lesões físicas, transtornos mentais, problemas crônicos como dor abdominal, cefaleia, infecções vaginais, distúrbios do sono e da alimentação. Além das doenças de efeito retardado como hipertensão, artrite e doenças cardíacas, as consequências fatais são representadas pelos suicídios e homicídios (KRUG et al., 2002). Fatos relacionados em muitas situações com a dificuldade de a mulher expressar a violência sofrida (vergonha, culpa, medo, proteção ao agressor por razões de dependência econômica ou afetiva e o medo de perder os filhos e, ainda, não confiar nos serviços de saúde quanto ao seu acolhimento) têm a ver com o fator cultural, a falta de autonomia, baixa autoestima, pobreza, bem como com a organização dos serviços de saúde e o despreparo dos profissionais para tais situações.

Em relação aos aspectos econômicos, estima-se que um em cada cinco dias de absenteísmo no trabalho feminino decorre da situação de violência acarretando perda de emprego e dificuldade em negociar aumentos salariais e promoção na carreira profissional. O Brasil é o país que mais sofre com a violência doméstica, perdendo cerca de 10% do seu PIB em decorrência desse grave problema. (BRASIL, 2005)

Na esfera do trabalho e da família, no Brasil, as últimas décadas foram fortemente marcadas por mudanças na relação de trabalho e na relação familiar. O declínio da fecundidade e a inserção da mulher no mercado de trabalho trouxeram algumas alterações na composição da família. Houve redução do tipo tradicional de família formada por um casal e

filhos, considerada família nuclear em que havia separação entre a esfera da produção e reprodução e o papel do homem provedor e da mulher dona de casa. Por outro lado, cresceu expressivamente o número de famílias compostas por chefes mulheres e filhos sem a presença do cônjuge, a família monoparental feminina, com predominância de emprego informal ou com inserção nas ocupações mais precárias oferecidas pelo mercado de trabalho. Crescem também as famílias de dupla profissão em que ambos os cônjuges têm trabalho remunerado; ainda muitas mulheres e homens não perceberam a importância da contribuição que as mulheres prestam aos orçamentos familiares e à economia do país, pois o trabalho feminino continua a ser considerado como secundário. A nova configuração das famílias implica, necessariamente, novas formas de organização da vida familiar, bem como transformações nas relações sociais de gênero. (SORJ, 2005)

A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho indica que o papel feminino tradicional vem mudando rapidamente sem que o papel masculino tenha se alterado. Os homens continuam praticamente inativos nos afazeres domésticos, sobrecarregando as mulheres com a dupla jornada de trabalho e sobreposição dos tempos do trabalho remunerado e doméstico, assim, elas têm comprometida sua qualidade de vida e não recebem o devido reconhecimento social e político. Preserva-se, ainda, a cultura de que os afazeres domésticos relacionam-se diretamente às mulheres. (PERISTA, 2006; SANTI, 2000)

No âmbito familiar, as mulheres geralmente são vistas e tratadas apenas como provedoras do bem-estar da família ou como meio de bem-estar dos outros, como mães e esposas, desprovidas de demandas próprias. Neste espaço, é mais evidente a presença dos preconceitos e das desigualdades de gênero, que muitas vezes estimulam as práticas discriminatórias, como a violência intrafamiliar, e limitam as mulheres na tomada de decisão nas questões relativas ao seu cotidiano.

A situação alcançada pelas mulheres no mercado de trabalho parece não refletir em uma mesma igualdade no âmbito familiar. Na situação atual, mulheres inseridas no mercado de trabalho trazem uma nova dinâmica

familiar e questionamentos dos papéis e responsabilidades de homens e mulheres no interior das famílias que se traduzem em desigualdades de gênero na família.

Essas mudanças têm tido impactos sensíveis sobre a situação das mulheres, nem sempre positivos e muitas vezes com efeitos contraditórios ou perversos, ainda que as informações dos indicadores tradicionais não traduzam necessariamente a real situação das mulheres. Algumas situações não são passíveis de serem detectadas pelos indicadores tradicionais, pois a sua construção se baseia numa visão conservadora da organização social: divisão rígida dos papéis femininos e masculinos; atividades consideradas produtivas apenas se e quando destinadas ao mercado e não produtivas, não reconhecidas e socialmente desvalorizadas quando destinadas à própria família. Os atuais indicadores porque são construídos segundo estes pressupostos não permitem detectar a enorme penalização que advém para as mulheres deste tipo de organização. (CANÇO; JOAQUIM, 1997)

Na perspectiva da integração da equidade de gênero nas políticas públicas, Goldani (2000) propõe indicadores de (des)igualdades de gênero na família que têm como referência três eixos:

- As permanências na discriminação de gênero e a urgência de conciliação entre a vida familiar e a do trabalho;
- A crescente responsabilidade das famílias pela qualidade de vida de seus membros e o fato de que isto depende, sobretudo, da disponibilidade de tempo das mulheres, e
- A incorporação da perspectiva de igualdade de gênero nas políticas sociais e necessidade de instrumentos para análise e avaliação das (des)igualdades de gênero.

Na proposta dessa autora, foram consideradas quatro áreas de indicadores: produção interna ou “esfera da reprodução”; produção externa ou “esfera de trabalho remunerado”; redes sociais e apoios familiares e poder de decisão, sendo estes referentes tanto às práticas como às representações, com a perspectiva de explicar os processos de discriminação de gênero na família, como mostrado no quadro a seguir.

Quadro 1 - Indicadores de (des)igualdade de gênero na família

Áreas	Níveis	Indicadores	Informações necessárias
I – Produção Interna ou “esfera da reprodução”	Práticas	<ul style="list-style-type: none"> - Distribuição e proporção da contribuição das tarefas domésticas dos membros das famílias - Distribuição e proporção das tarefas de cuidado com os filhos e/ou outros dependentes 	<ul style="list-style-type: none"> - Quem faz o quê em casa? - Duração do tempo diferencial por sexo na realização das tarefas. - Quem faz as tarefas de atendimento dos dependentes em termos de: <ul style="list-style-type: none"> ✓ questões escolares, ✓ higiene pessoal e ✓ apoio psicológico.
	Representações	<ul style="list-style-type: none"> - Norma geral de atribuições de quem faz o quê em termos das tarefas domésticas e cuidados com os filhos e/ou dependentes número ideal de filhos - Apreciação sobre a “justiça distributiva” da repartição de tarefas 	<ul style="list-style-type: none"> - Quem deve e tem competência para fazer as tarefas domésticas e cuidado com filhos e/ou dependentes - Grau de justiça para o caso pessoal - A repartição seria justa se: <ul style="list-style-type: none"> ✓ a mulher fizesse todas as tarefas, ✓ a mesma carga para ambos, ✓ 1/3 para homens e 2/3 para mulher etc.
II - Produção Externa ou “esfera do trabalho remunerado”	Práticas	<ul style="list-style-type: none"> - Estrutura diferencial dos recursos financeiros das mulheres da família - Tipos de trabalho (oculto) feminino - Mudanças de estado civil e/ou filhos com reorganização profissional - Trajetória profissional dos membros da família 	<ul style="list-style-type: none"> - Nível salarial ou renda - Número de horas de trabalho remunerado - Trabalho familiar não remunerado - Trabalho remunerado eventual - Outras formas de trabalho precário - Abandono, permanência e/ou mudança de emprego - Aumento ou diminuição de horas de trabalho - Situação na profissão atual/última - 1.º trabalho e tipo de atividade - Situação profissional no momento da união
	Representações	<ul style="list-style-type: none"> - Responsabilidade pela sobrevivência familiar - Importância e significado atribuído pela mulher e o homem à vida profissional - Percepção das dificuldades da mulher e do homem na conciliação família/trabalho - Normas de reorganização profissional face à situação do estado civil e o fato de ter filhos 	<ul style="list-style-type: none"> - Quem deve trabalhar para o sustento da família (homem, mulher, ambos) - Independência, realização pessoal, ajuda financeira para manter a família, saída do espaço doméstico. - Grau de dificuldade atribuído ao fato de se Ter que conciliar a família e a profissão (avaliação pessoal) - Relações entre ser solteiro, casado, divorciado ou viúvo com alterações na vida profissional de homens e mulheres. - Relação entre nascimento, número e idade dos filhos com a atividade profissional de homens e mulheres.
III- Redes Sociais e Apoios Familiares	Práticas	<ul style="list-style-type: none"> - Trocas de serviços domésticos com familiares, amigos, vizinhos, etc. - Apoio no cuidado de crianças e/ou dependentes idosos por parte de famílias, amigos, vizinhos, etc. 	<ul style="list-style-type: none"> - Que tipo de ajuda são prestadas (financeiras, de trabalhos domésticos etc.) - Quem são as pessoas que ajudam (pai, mãe, sogro (a), filhos (as)). - Modalidades de ajuda (guarda temporária, diária, visitas, cuidado de saúde, alojamento, serviços domésticos - Protagonistas da ajuda.
	Representações	<ul style="list-style-type: none"> - Representações sobre a importância e o Modelo ideal de família - Representação sobre o celibato, casamento, divórcio, viuvez - Representação sobre a igualdade de gênero - Representação do sentido da amizade e solidariedade 	<ul style="list-style-type: none"> - Centralidade da família quando comparada com outras instituições - Opiniões sobre a condição conjugal - Opiniões sobre a obtenção da – igualdade e os conteúdos para uma situação paritária (o que é mais importante: os mesmos recursos educacionais, profissionais, participação política e no trabalho doméstico etc.
IV – Poder de Decisão	Práticas	<ul style="list-style-type: none"> - Tomada de decisão nas diferentes esferas e atividades da vida familiar 	<ul style="list-style-type: none"> - Quem toma decisão sobre: filhos, educação dos filhos, compras para casa, carro, imóveis, questões financeiras, decide sobre férias etc.
	Representações	<ul style="list-style-type: none"> - Normas de distribuição das competências 	<ul style="list-style-type: none"> - Quem as mulheres e os homens consideram mais competente para tomar decisões em cada uma das atividades familiares mencionadas acima.

Fonte: Goldani, 2000, p.58-59.

Levando-se em consideração todo o exposto, esta pesquisa tem como objeto de estudo a relação entre as desigualdades de gênero na família e a violência contra a mulher. As questões norteadoras são:

- Seria a violência contra a mulher resultante das desigualdades de gênero na família?
- Quais são as práticas e os comportamentos dos homens e das mulheres no âmbito familiar onde existe a violência contra a mulher?
- Quais as desigualdades de gênero mais prevalentes, nas famílias em que existe a violência contra a mulher?

Pretende-se, assim, uma análise que subsidie a elaboração de uma proposta de indicadores de gênero na família.

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a relação entre desigualdades de gênero na família e a violência contra a mulher, com vistas à elaboração de uma proposta de indicadores de gênero na família.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar os posicionamentos das mulheres acerca dos indicadores de gênero na família, considerando as práticas e os comportamentos de homens e mulheres.

Correlacionar a ocorrência de desigualdade de gênero na família com episódios de violência intrafamiliar.

Caracterizar as ocorrências de violência doméstica quanto ao agressor, a agredida e a agressão.

Propor indicadores que possam dar visibilidade às desigualdades de gênero na família.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

Para dar conta dos objetivos estabelecidos para este estudo, entendeu-se necessário fundamentar a análise com os três temas que perpassam a problemática apresentada: gênero como categoria analítica, violência e indicadores.

3.1 GÊNERO COMO CATEGORIA ANALÍTICA

A noção de gênero foi introduzida na década de 1970 com o termo *gender* – traduzido para o português como gênero – nos estudos feministas de grupo anglo-saxãs, para compreender as relações estabelecidas entre mulheres e homens, mulheres e mulheres, homens e homens. Refere-se à construção social do sexo e distingue-se do sexo porque este corresponde à dimensão biológica da caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos, reconhecida como essencial e inata na determinação da diferença entre homens e mulheres. (MEYER, 2005)

Segundo Fonseca (1996), a discussão sobre o conceito de gênero, inicialmente vinculada aos papéis sexuais em termos das diferentes posições sociais entre sexos, situa-se hoje numa dimensão mais ampla porque busca compreender as relações sociais historicamente construídas, que se estabelecem entre homens e mulheres, mulheres e mulheres e homens e homens. Esta nova forma de abordagem representa um avanço teórico-conceitual, pois rompe com a dualidade homem-mulher, buscando também romper com as amarras da heterossexualidade compulsória.

Utilizar a categoria gênero pressupõe, assim, todo um sistema de relações sociais e culturais assumidas historicamente, que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo. E isso torna necessário para seu entendimento conciliar a teoria com a história das relações sociais entre homem e mulher.

Fonseca (1996, p. 12) esclarece que:

Historicamente, a construção do pensamento feminista utilizou abordagens na análise de gênero que podem ser resumidas em três posições: a primeira tenta explicar as origens do patriarcado; a segunda, de orientação marxista, propõe uma abordagem histórica tentando encontrar uma explicação material para o gênero ou propondo uma solução baseada nos sistemas duais, composto pelo domínios do patriarcado e do capitalismo e a terceira, mais recente, dividida entre o pós-estruturalismo francês e as teorias anglo-americanas das relações de objeto, inspira-se nas várias escolas da psicanálise para explicar a produção e a reprodução da identidade de gênero dos sujeitos sociais.

Para Saffioti (2004), o patriarcado traz implícita a noção de relações hierarquizadas entre seres com poderes desiguais; as diferenças sexuais presentes nos seres humanos são transformadas em subordinação histórica das mulheres. Scott (1990, p.9) refuta a análise de gênero feita sob visão da teoria do patriarcado porque “ela pressupõe um sentido permanente ou inerente ao corpo humano – fora de uma construção social ou cultural – e em consequência a não historicidade do gênero em si mesmo”. No mesmo sentido, ao analisar a dominação dos homens sobre as mulheres, Meyer (1996, p.42) assinala que no conceito de patriarcado, o poder pertence aos homens e, em geral, eles o exercem sobre as mulheres; o poder, assim, é “legitimado por diferenças inscritas em corpos sexuados universais e imutáveis”.

A discussão sobre gênero não pode prescindir de uma abordagem histórica, necessariamente tendo que “encontrar uma explicação material”, no dizer de Scott (1990, p.9). Os argumentos relativos à dominação masculina sobre as mulheres são construídos de acordo com os contextos históricos, culturais e sociais específicos (MEYER, 1996, p.43). Assim, os “homens possuem e exercem poder sobre as mulheres, principalmente pela sua inserção na esfera de produção”.

Uma das questões apresentadas por Scott (1990, p.9) para a análise de gênero diz respeito ao fato:

que os sistemas econômicos não determinam de maneira direta as relações de gênero e que, de fato, a subordinação das mulheres e

anterior ao capitalismo e continua sob o socialismo; a busca, apesar de tudo, de uma explicação materialista que exclua as diferenças físicas naturais.

Sobre a análise de gênero que se aproxima teoricamente do pós-estruturalismo, Meyer (1996, p.43-44) observa que esses estudos trazem

para o debate feminista abordagens que privilegiam a discussão do gênero a partir e/ou de forma articulada a questionamentos referentes, especialmente, às grandes narrativas e aos esquemas que pretendem descrever e explicar a realidade numa perspectiva totalizante; à ênfase na centralidade da linguagem como constituidora dos sistemas de significação, representação e organização que os sujeitos têm da vida e do mundo; à hierarquização das diferenças; aos conceitos modernos (iluministas) de sujeito, consciência e subjetividade; às relações entre saber, poder e verdade.

Para este estudo, considera-se como suporte teórico da análise de gênero as concepções da feminista Joan Scott (1990, p.14), para quem “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”. Na primeira parte da definição – como elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas – o gênero envolve quatro elementos que funcionam de maneira articulada, mas não obrigatoriamente ao mesmo tempo:

- 1.º - Os símbolos – culturalmente disponíveis; de representações múltiplas, por vezes contraditórias. São exemplos: Maria, símbolo de pureza, que engravidou e pariu sem perder a virgindade, e Maria Madalena e Eva, pecadoras, imagens da sedução e do pecado.
- 2.º - Conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado

do homem e da mulher, do masculino e do feminino via rejeição ou repressão de outras formas.

3.º - Superação da noção de fixidez, identificando “a natureza do debate ou da repressão que produzem a aparência de uma permanência eterna na representação binária dos gênero” (SCOTT, 1990, p.15) Inclui as instituições e organizações sociais – família, mercado de trabalho, sistema político, sistema educacional, sistema de saúde, que divulgam, reafirmam os conceitos e organizam-se sobre esta base.

4.º - A noção de Identidade Subjetiva. Como as Identidades de gênero são construídas a partir de formação de conceitos e preconceitos, imaginária e simbolicamente. A partir da compreensão da linguagem como elemento formador e constitutivo do psiquismo, bem como os símbolos que prendem os sujeitos a formas normativas de exercer a sua subjetividade.

Ao tratar da segunda parte da definição de gênero – o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. Para Scott (1990, p.16) “o gênero é um primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado. O gênero não é o único campo, mas ele parece ter constituído um meio persistente e recorrente de dar eficácia à significação do poder no Ocidente, nas práticas judaico-cristã e islâmicas”.

A incorporação do gênero como categoria abre caminhos para a compreensão das desigualdades persistentes entre homens e mulheres. Gênero é abordado como elemento constitutivo das relações sociais e como forma básica de representar relações de poder, superando a visão de que as representações dominantes são naturais e inquestionáveis. Assumir gênero como uma construção sociológica, político-cultural do termo sexo possibilita compreendê-lo numa dimensão que integra toda uma carga cultural e ideológica. É nesse sentido que são necessárias referências concretas sobre a identidade masculina e feminina, sendo impossível compreender o específico da identidade feminina sem a compreensão do específico da identidade masculina e do que há de comum em ser humano. (SCOTT, 1990)

3.2 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência contra a mulher é um fenômeno polissêmico que se expressa de várias formas. A expressão refere-se a situações tão diversas como a violência física, sexual e psicológica cometida por parceiros íntimos, o estupro, o abuso sexual de meninas, o assédio sexual no local de trabalho, a violência contra a homossexualidade, o tráfico de mulheres, o turismo sexual, a violência étnica e racial, a violência cometida pelo Estado, por ação ou omissão, a mutilação genital feminina, a violência e os assassinatos ligados ao dote, o estupro em massa nas guerras e conflitos armados. (MINAYO, 2006; HEISE, 1999)

Em 1993, na Assembleia Geral das Nações Unidas é formulada a definição oficial sobre esse tipo de violência, mediante a “Declaração para Eliminação da Violência contra as mulheres”. O artigo 1 desta declaração define a violência contra a mulher como: “qualquer ato de violência de gênero que resulte ou possa resultar em dano físico, sexual, ou psicológico ou sofrimento para a mulher, inclusive ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária da liberdade, quer isto ocorra em público ou na vida privada”. (UNITED NATIONS, 1993)

A violência contra a mulher é uma forma de violência que persiste no tempo e se estende praticamente por todas as classes sociais, em diferentes culturas e sociedades. Desde a década de 1950, vem sendo referida de diversas maneiras, tais como: violência intrafamiliar, violência contra a mulher, violência doméstica. Na década de 1990 foi designada como violência de gênero. (BRASIL, 2006)

A violência de gênero é um fenômeno ligado ao poder e abrange a que é praticada por homens contra as mulheres, por mulheres contra homens, entre homens e entre mulheres. Mesmo considerando que a mulher possa vir ser agente de violência na sua relação com o homem, culturalmente, na sociedade brasileira e no mundo, em sua grande maioria a mulher é vítima preferencial. (BRASIL, 2007)

A expressão violência de gênero tem ligação direta com o feminismo e está vinculada, conceitual e politicamente, com o movimento

das mulheres na desconstrução das raízes culturais da inferioridade feminina e do patriarcalismo. O movimento feminista, que se fortaleceu em meados do século XX, teve como principal objetivo dar visibilidade ao fenômeno, buscando intervenções sociais e jurídicas na tentativa de modificar as leis que mantinham a dominação masculina e de construir novas bases de relação protagonizadas por meio de mudanças de atitudes e de práticas nas relações interpessoais. (MINAYO, 2006; GOMES, 2005)

A incorporação da categoria gênero na compreensão do fenômeno pressupõe a compreensão da violência ocorrida em um contexto de desigualdade de gênero, diferenciando o sexo biológico do social para romper a dicotomia dos papéis sociais, vista como natural, abrindo possibilidade de superar a subalternidade feminina. Para tanto, é necessário que se considerem as condições em que histórica e socialmente se constroem e estabelecem as relações sociais de sexo.

Em *A dominação Masculina*, Bourdieu (2005, p.5) descreve como a relação entre sexos não pode ser vista como algo natural; de acordo com o autor:

aquilo que, na história, aparece como eterno não é mais que o produto de um trabalho de eternização que compete a instituições interligadas tais como a família, a igreja, a escola,...) devendo, portanto, ser reinserida na história de modo que se devolva à ação histórica a relação entre os sexos que a visão naturalista e essencialista dela arranca e se mostre como as diversas instituições agem no sentido de manter um estado de coisas.

A desigualdade de gênero se reproduz e naturaliza a partir da violência simbólica: “violência suave, insensível, invisível a suas vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento”. (BOURDIEU, 2005, p.7-8). A violência simbólica, pelo seu caráter sutil e invisível, faz com que as relações de dominação sejam incorporadas pelos dominados de forma quase natural. A relação de dominação aparece como algo dado e inquestionável.

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas numa divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os *habitus*: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade como transcendentais históricos que sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentais. (BOURDIEU, 2005, p.45)

Ao naturalizar diversas desigualdades entre homens e mulheres, a violência simbólica possibilita a violência de gênero. O processo da violência simbólica se dá de forma sutil e eficiente porque a maioria das mulheres não está ciente da sua condição de dominada. Elas próprias participam desse processo de dominação simbólica, na medida em que tudo aquilo que está no campo do simbólico tem o poder de mascarar a arbitrariedade da inculcação e do que é inculcado. Assim, o não reconhecimento por parte das mulheres das estratégias de dominação situadas na região do simbólico faz com que elas aceitem e mesmo contribuam para essa dominação. (CARVALHO, 2006)

Nesse processo, a desigualdade de gênero é entendida como desigualdade estruturante da sociedade que inclui crenças e valores sobre a capacidade e habilidades de homens e mulheres definirem espaços e possibilidades disponíveis a cada um. De modo geral, as justificativas para tais desigualdades são dadas por meio de referências ao contexto cultural que marcam determinada sociedade. Entende-se que comportamentos preconceituosos e fenômenos como o da violência doméstica contra as mulheres decorrem de uma cultura discriminatória, patriarcalista, machista e racista. (II PLANO NACIONAL DE POLÍTICAS PARA MULHER, 2008)

Dos estudos de Heise (1999) e Minayo (2006), extrai-se que em todas as sociedades existem instituições, convicções e práticas culturais que limitam a autonomia das mulheres e alimentam a violência de um sexo contra o outro. Muitas culturas sustentam que o homem tem o direito de

controlar o comportamento de suas esposas e que ele pode punir as mulheres que contestam este direito. Da mesma forma, em muitos países em desenvolvimento as próprias mulheres concordam com a noção de que o homem tem direitos de disciplinar suas esposas usando a força, uma das circunstâncias é recusar sexo ao marido quando este o deseja. Em outros países, às vezes, distinguem-se causas justas e injustas da violência, além de considerar que existem níveis aceitáveis de agressão contra a mulher.

Apesar de ser um fenômeno universal e transversal a todas as sociedades por ocorrer em âmbito privado, a violência de gênero é encoberta por uma invisibilidade social, permeado por ideologias de gênero que tem uma profunda relação com a construção de uma noção assimétrica em relação ao valor e direitos de homens e mulheres. Nesse sentido, quando as mulheres optam por não levar ao espaço público uma situação vivida de violência, provavelmente estão respondendo ao processo de socialização que as constituem também como reprodutora das ideologias de gênero. (MARCELINO; DIMENSTEIN, 2006)

3.3 INDICADORES DE GÊNERO

A expressão clássica da epidemiologia “informação – decisão – ação” parte da premissa que no ato de intervir, tanto no intuito de mudar uma situação existente julgada insatisfatória como na formulação da estratégia de ação, é necessário conhecer adequadamente o fenômeno para ampliar a possibilidade de enfrentá-lo com êxito. Os indicadores são usados para este propósito pelo fato de informarem a situação existente mediante a mensuração de seus objetos de estudo.

Segundo Assis (2005, p.106), os indicadores são uma espécie de sinalizadores que buscam expressar sinteticamente um aspecto da realidade (variável). Contudo, nunca dão conta da totalidade do real. Por isso, mesmo quando são muito potentes, eles assinalam determinadas tendências, mas não trazem certeza absoluta quanto aos resultados de uma ação ou processo (neste estudo, desigualdade de gênero na família). Seu grande valor é

possibilitar a verificação dos aspectos tangíveis ou intangíveis da realidade. Tangíveis são elementos facilmente verificáveis (renda, escolaridade) e intangíveis são os elementos que só podem ser captados indiretamente por meio de suas formas de manifestação (valores, atitudes etc.).

Nesse sentido, o indicador de gênero tem a função de captar as mudanças relacionadas ao gênero na sociedade ao longo do tempo. Ele pode ser expresso por meio de uma medida, um número, um fato, uma opinião ou uma percepção que assinala uma situação ou condição específica e que mede as mudanças desta situação ou condição através do tempo.

O indicador pode ser quantitativo ou qualitativo segundo a sua finalidade. O indicador quantitativo proporciona uma visão panorâmica do fenômeno e faz uso de medidas numéricas para tanto, enquanto o indicador qualitativo procura compreender os processos de um fenômeno mediante percepções ou juízo de um indivíduo buscando o aprofundamento da questão. As duas abordagens não se opõem; ao contrário, se complementam na análise e na visualização da situação.

A estatística de gênero ainda é recente e foi reforçada em 1995, a partir da IV Conferência Mundial das Mulheres, realizada em Pequim, quando as organizações femininas reforçaram a defesa da eliminação da violência contra o sexo feminino e as desigualdades entre homens e mulheres. Incluiu-se na plataforma para a ação desta conferência o objetivo que destaca a necessidade de produzir e difundir dados e informação desagregados por sexo destinados ao planejamento e à avaliação. O documento que resultou dessa Conferência recomenda, entre outros, a elaboração de indicadores que apontem as desigualdades entre homens e mulheres no setor saúde, educação e trabalho, dada a necessidade da melhoria da informação sobre a totalidade da contribuição das mulheres e homens para economia, incluindo os setores informais de trabalho. Destaca-se, ainda, o seguinte objetivo: dar visibilidade à distribuição desigual do trabalho remunerado e não remunerado entre os homens e as mulheres, omissos na economia nacional como o cuidado dos dependentes e o trabalho doméstico. (BARBOSA et al., 2005)

Os indicadores quantitativos têm sido tradicionalmente mais utilizados pela sua legitimação quase automática por serem considerados “objetivos”. (DIAZ, 2004, p.26) Outro fator que contribui para sua maior utilização é a disponibilidade de muitas das informações necessárias para construção desses indicadores no sistema de informação oficial, o que possibilita uma elaboração mais ágil e menos onerosa.

Em contrapartida, os indicadores qualitativos ainda recebem críticas quanto à sua construção, pois na maioria das vezes se refere a indicadores qualitativos com a lógica quantitativa em que as informações são ordenadas a partir de escalas nominais e ordinais. Essa estratégia reduz a complexidade da real situação das mulheres, que em muitas situações demonstra apenas a desagregação das informações socioeconômica em sexo masculino ou feminino reduzindo a compreensão do fenômeno. Diante disso, recomenda a necessidade de incorporar indicadores qualitativos a respeito das experiências vividas pelas mulheres. (ECHENIQUE et al., 2006)

A abordagem qualitativa por estratégias qualitativa na construção deste instrumento tem como objetivo possibilitar a visualização dos aspectos não observados da realidade pelos indicadores tradicionais que muitas vezes ocultam a disparidade de gênero na dinâmica familiar como, por exemplo, o trabalho doméstico e o cuidado com os filhos, tarefas tradicionalmente atribuídas a mulheres e com pouca participação dos homens. Outra questão de pouca visibilidade nas estatísticas oficiais é a violência contra a mulher que ocorre em sua maioria no domicílio, que é a expressão das relações de poder desigual autorizadas ou legitimadas entre homem e mulher no interior da família.

Segundo Minayo (2009) e Assis (2005), os indicadores qualitativos por estratégias qualitativas evidenciam a adoção ou a rejeição de certas atitudes, valores, estilo de comportamento e de consciência e se fundamentam na necessidade de ressaltar as dimensões das relações vividas intersubjetivamente, entendendo que elas fazem parte de qualquer processo social e o influenciam. Para sua construção, é importante assumir sua natureza hermenêutica, ou seja, entender que os atores sociais, ao se comunicarem sobre qualquer assunto do mundo da vida, interpretam e

julgam-no a partir de um estoque de referências como classe, gênero, etnia, idade e função social. Igualmente, os pesquisadores que analisam tais interpretações também são pessoas que convivem no mesmo tempo histórico e estão marcados por diversos fatores sociais.

Para Deslandes apud Minayo (2009), os indicadores qualitativos devem ser construídos de forma participativa e considerados como balizas avaliativas que permitem mapear com mais profundidades a natureza das mudanças ocorridas e em processo. As técnicas mais utilizadas para a construção de indicadores qualitativos são instrumentos específicos de coleta de dados como entrevistas, grupos focais, observação participante e outras técnicas de narrativas. Reforçando esse princípio, Demo (2000, p.145) ao discorrer sobre a pesquisa qualitativa, ressalta que a qualidade pode direcionar para a perfectibilidade, assim explicada pelo autor: “Na sociedade, o sentido da perfectibilidade passa por conceitos como participação, democracia, cidadania, sugerindo que será tanto mais perfeita, quanto mais participativa.” E conclui sugerindo que “participação poderia ser sinônimo de qualidade”.

À luz do referencial teórico exposto, entende-se possível a construção de indicadores que não se atenham somente a dados e informações quantitativos, mas também considerem as subjetividades que singularizam a realidade vivenciada pelos sujeitos da pesquisa.

4. METODOLOGIA

4.1 TIPO DE PESQUISA

Neste estudo optou-se por adotar uma abordagem metodológica quantitativa e qualitativa.

A abordagem quantitativa prevê a mensuração de variáveis preestabelecidas para verificar e explicar determinado fenômeno. Fundamentada no paradigma positivista enfatiza o raciocínio lógico, a utilização dos termos matemáticos na busca da magnitude e das causas dos fenômenos sociais, sem interesse pela dimensão subjetiva para a compreensão da realidade. (MINAYO, 2008)

O estudo descritivo tem como propósito a apresentação das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. Neste estudo possibilitou caracterizar o perfil da mulher agredida e do agressor em relação aos aspectos socioeconômico, demográficos e a frequência relativa das práticas e representações dos indicadores, no cotidiano das mulheres. Para tanto, a elaboração dos indicadores foi baseada na proposta da Goldani (2000), que utiliza os indicadores trabalhados pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (1997).

Goldani (2000, p.55), no capítulo “Famílias e gêneros: uma proposta para avaliar (des)igualdades”, do livro *A prática feminista e o conceito de Gênero*, esclarece as referências de sua proposta nos seguintes termos:

- 1) as permanências na discriminação de gênero e a urgência de conciliação entre a vida familiar e a do trabalho; 2) a crescente responsabilidade das famílias pela qualidade de vida de seus membros e o fato de que isso depende, sobretudo, da

disponibilidade de tempo das mulheres, e 3) a incorporação da perspectiva de igualdade de gênero nas políticas sociais e a necessidade de instrumentos para a análise e avaliação das (dês)igualdades de gênero.

Tais indicadores estão sistematizados em quatro áreas (I - Produção interna ou “esfera da reprodução”; II - Produção externa ou “Esfera do Trabalho remunerado”; III - Redes sociais e apoios familiares; IV - Poder de decisão), cada uma delas subdividida em dois níveis (práticas e representações), com os respectivos indicadores e as informações necessárias.

Para este estudo, a área e os níveis definidos por Goldani (2002) foram mantidos, mas os indicadores e as informações necessárias foram detalhados. Por exemplo, as tarefas domésticas e os cuidados com os filhos ou dependente foram relacionados por atividade, sendo verificado quem a executa e quem deveria executá-la. Dessa adaptação resultou o guia de entrevista, composto por questões fechadas e abertas, que norteou a coleta de dados e informações (Apêndice 1).

A abordagem qualitativa possibilita a complementaridade do estudo quantitativo dando maior visibilidade ao fenômeno por aceitar a descrição e possibilitar uma compreensão mais aprofundada do cotidiano e das práticas vividas pelas mulheres no interior da família. Segundo Minayo (2008), Deslandes (1996), tal corrente não se preocupa em quantificar, mas sim, em compreender e explicar a dinâmica das relações sociais, que por sua vez, são depositária de crenças e valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com experiência, com a cotidianidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultados da ação humana objetivada. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis.

Ainda segundo Minayo; Sanches (1993), do ponto de vista metodológico, não há contradição, assim como não há continuidade, entre uma investigação qualitativa e quantitativa. Ambas são de natureza diferente. A investigação quantitativa atua em níveis de realidade e tem como objetivo trazer à luz dados, indicadores e tendência observáveis. A investigação qualitativa, ao contrário, trabalha com valores, crenças, representações, hábitos e atitudes e opiniões.

Assim, a pesquisa quantitativa tem a finalidade de mensurar os fatos e a qualitativa objetiva a investigação dos fatos ou fenômenos na busca da compreensão da sua essência. Portanto, a utilização das duas vertentes de construção do pensamento analítico é aqui empreendida por entender-se que ambas se complementam no sentido de enriquecer a compreensão do objeto de estudo e viabilizar a consecução dos objetivos propostos nesta tese.

4.2 CENÁRIO DO ESTUDO

Curitiba, a capital do Estado do Paraná, foi fundada em 29 de março de 1693. Está localizada na Região Sul do Brasil, uma das mais desenvolvidas social e economicamente. É o município polo da Região Metropolitana de Curitiba, composta de 26 municípios incluindo a capital.

Segundo a estimativa do IBGE para o ano de 2009, a população estimada era de 1.851.213 habitantes, sendo 965.157 mulheres e 886.056 homens, distribuídos em 75 bairros e nove regiões administrativas.

Quanto ao sistema de saúde municipal, o processo de municipalização foi iniciado em 1992 e Curitiba se habilitou à Gestão Plena do Sistema Municipal em março de 1998, conforme a Norma Operacional Básica do SUS de 1996 (NOB-SUS/96).

Com a Gestão Plena do Sistema, a Secretaria Municipal de Saúde se responsabiliza pela organização do conjunto dos serviços vinculados ao SUS, 299 prestadores atuando no nível ambulatorial. Destes, 147 são unidades públicas, 17 filantrópicas e as demais privadas. A assistência hospitalar é realizada por 30 hospitais credenciados ao SUS (três públicos, 12 filantrópicos, 15 privados), totalizando 4.735 leitos cadastrados. (CURITIBA, 2009)

O serviço municipal dispõe de uma rede própria composta por nove Distritos Sanitários, 134 equipamentos de saúde, sendo 53 Unidades Básicas de Saúde, 53 Unidades Básicas com Estratégia de Saúde da Família, nove Unidades de Saúde complexas, nove Centros de Atendimento Psicossocial – CAPS, oito Centros Municipais de Urgências Médicas –

CMUM, um Hospital Geral e Maternidade e um Laboratório Municipal de Análises Clínicas. (CURITIBA, 2009)

O prontuário eletrônico (médico, de enfermagem e odontologia) que registra todos os atendimentos realizados nas unidades de atenção teve sua implantação iniciada em 1999 e atualmente abrange 100% das Unidades e os nove Distritos Sanitários que compõem o sistema.

O Município ainda conta com um Sistema de Gerenciamento dos Procedimentos de Alto Custo, uma Central de Marcação de Consulta e Exames Especializados – SADT, com acesso *on-line* das Unidades de Saúde, um Sistema de Atendimento para os Centros de Especialidades.

Os programas voltados à área de saúde da mulher desenvolvidos são:

- Programa Mulher de Verdade – Programa de Atenção à Mulher Vítima de Violência, implantado em 2002.
- Programa Viva Mulher – implantado em 1997, tem por objetivo a implementação das ações de controle do câncer do colo uterino e da mama.
- Programa Mãe Curitibana – Ações de melhoria da qualidade do pré-natal e garantia de acesso ao parto, implantado em 1999.
- Programa de Planejamento familiar – iniciado em 1989 com o objetivo de reduzir a gravidez indesejada.

Curitiba é município de referência para a Região Metropolitana, interior do Paraná e para outros Estados, quanto aos procedimentos especializados, serviços de alto custo e de alta complexidade.

4.3 SUJEITOS DO ESTUDO E COLETA DE DADOS

O conjunto de participantes do estudo foi constituído levando-se em consideração o critério de fechamento amostral por saturação teórica. Segundo Fontanella, Ricas e Turato (2008), operacionalmente é considerado como a suspensão de inclusão de novos participantes quando os dados

obtidos passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição, não sendo relevante persistir na coleta de dados.

Participaram do estudo 22 mulheres heterossexuais residentes em Curitiba que sofreram violência doméstica, impetrada pelo parceiro íntimo, notificada ao Programa Mulher de Verdade, no ano de 2007. Porém, constituem sujeitos de análise 19 delas, haja vista que três mulheres foram excluída em função de suas entrevistas não terem correspondido à condição de entrevista claramente audível, história mais completa e com maior clareza de expressão e de gravação, sem a interferência de barulhos (criança chorando ou falando, cachorro latindo, música muito alta, TV, vizinhos) dificultando a compreensão das falas, bem como a saturação das informações pertinentes ao tema.

O Programa Mulher de Verdade, como já dito, tem como um dos seus objetivos a notificação compulsória de violência contra a mulher que foi implantada na capital do Paraná, no ano de 2002, pela Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba, em parceria com a Secretaria de Estado da Segurança Pública, Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania, Delegacia da Mulher e Secretaria de Estado da Saúde.

Caracteriza-se a notificação compulsória como o registro obrigatório dos casos de violência contra as mulheres atendidas nos serviços de saúde, públicos e privados. Os registros possibilitam dimensionar a magnitude do problema, caracterizar as circunstâncias da violência, o perfil da vítima e dos agressores e subsidiar o desenvolvimento das políticas públicas para o enfrentamento deste problema.

Em Curitiba, as notificações ocorrem a partir dos atendimentos realizados em Unidades de Saúde, Hospitais, Centro de Referência da Mulher, Delegacia da Mulher e do Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher.

Para identificar as participantes da pesquisa, foram contatadas as mulheres que constavam no banco de dados do Programa Mulher de Verdade, tendo como fonte de dados primários a ficha de notificação de violência contra a mulher, na qual consta o endereço para localização delas, disponibilizada pela Secretaria Municipal da Saúde de Curitiba.

As informações foram coletadas por meio de entrevista semi-estruturada com guia de entrevista (Apêndice 1), além da ficha de notificação de violência contra a mulher. As entrevistas foram realizadas individualmente, em data, horário, domicílio ou em local determinado pela entrevistada de acordo com a sua disponibilidade.

A entrevista é o tipo mais comum de técnica de coleta de dados em pesquisa. É acima de tudo uma conversa a dois, realizada por iniciativa do entrevistador, destinada a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa, e abordagem pelo entrevistador, de temas igualmente pertinentes tendo em vista este objetivo. (MINAYO, 2008)

Para Poupart (2008, p.220), há três argumentos para a entrevista de tipo qualitativo:

Primeiro - de ordem epistemológica: a entrevista do tipo qualitativa é necessária, uma vez que uma exploração em profundidade da perspectiva dos atores sociais é considerada indispensável para uma exata apreensão e compreensão das condutas sociais.

Segundo - de ordem ética e política: a entrevista do tipo qualitativa parece necessária, porque ela abre a possibilidade de compreender e conhecer internamente os dilemas e questões enfrentados pelos atores sociais.

Terceiro - argumentos metodológicos: a entrevista de tipo qualitativo se impõe entre as “ferramentas de informação” capazes de elucidar as realidades sociais, mas principalmente, como instrumento privilegiado de acesso à experiência dos atores.

Deve-se certamente observar que esses três tipos de argumentos se aplicam igualmente ao conjunto dos métodos qualitativos.

Como a entrevista permite uma exploração em profundidade das condições de vida dos atores, ela é vista como um instrumento privilegiado para denunciar, de dentro, os preconceitos sociais, as práticas discriminatórias ou de exclusão e as iniquidades. O recurso à entrevista em profundidade comporta, contudo, a vantagem de permitir não apenas evidenciar o que as pessoas

vivenciam no cotidiano, mas igualmente dar-lhe a palavra e compensar sua ausência ou sua falta de poder na sociedade. (POUPART, 2008)

Na presente pesquisa, após o consentimento das mulheres e para garantir a fidedignidade daquilo que foi dito, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra, preservando-se rigorosamente o conteúdo das falas. Para manter o anonimato, os nomes verdadeiros das entrevistadas foram substituídos por nomes de flores.

4.4 TRATAMENTO E ORGANIZAÇÃO DOS DADOS

O tratamento dos dados qualitativos iniciou-se a partir das transcrições das entrevistas. Os relatos transcritos foram lidos e relidos inúmeras vezes, sendo sistematizados em histórias de vida (Apêndice 2), acompanhando o procedimento preconizado por Bourdieu (1997), que requer a manutenção da essência das falas, sem alterar a estrutura da entrevista.

Esse pensador, que denomina a entrevista como uma comunicação “não violenta”, deixa perceber que esta é uma situação relacional entre o pesquisador, o pesquisado e a pesquisa.

Tentar saber o que se faz quando se inicia uma relação de entrevista é em primeiro lugar tentar conhecer os efeitos que se podem produzir sem o saber por esta espécie de *intrusão* sempre um pouco arbitrária que está no princípio da troca (especialmente pela maneira de se apresentar a pesquisa, pelos estímulos dados ou recusados etc.) é tentar esclarecer o sentido que o pesquisado se faz da situação, da pesquisa em geral, da relação particular na qual ela se estabelece, dos fins que ela busca e explicar as razões que o levam a aceitar de participar da troca. É efetivamente sob a condição de medir a amplitude e a natureza da distância entre a finalidade da pesquisa tal como é percebida e interpretada pelo pesquisado, e a finalidade que o pesquisador tem em mente, que este pode tentar reduzir as distorções que dela resultam, ou, pelo menos, de compreender o que pode ser dito e o que não pode, as censuras que o impedem de dizer certas coisas e as incitações que encorajam a acentuar outras.

Posteriormente, das histórias de vida foram extraídas frases temáticas correspondentes a cada indicador. Para tanto, foi seguida a técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977, p.42), que assim a define: “conjunto de técnicas de análise de comunicação visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens”.

Do ponto de vista operacional, a análise de conteúdo parte de uma leitura flutuante para atingir um nível mais aprofundando relacionando estruturas semânticas (significantes) com estruturas sociológicas (significados) dos enunciados. (MINAYO, 2004)

Os resultados obtidos na análise dos dados quantitativos foram expressos por frequência absoluta e relativa.

Em síntese, para a construção dos indicadores de gênero na família proposto neste estudo, foram seguidas as seguintes etapas:

- 1) Elaboração do guia de entrevista a partir do quadro proposta pela Goldani (2000);
- 2) Realização de entrevista semiestruturada com as mulheres notificadas ao Programa Mulher de Verdade da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba;
- 3) Transcrição das entrevistas;
- 4) Sistematização das entrevistas em história de vida, segundo Bourdieu (1997), mantendo as falas sem fragmentá-las, tentando conservar sempre que possível os detalhes da entrevista, para evidenciar o que as mulheres vivenciam no seu cotidiano tanto na esfera privada como na esfera pública;
- 5) Extração de frases temáticas que expressam os valores, as atitudes e os sentimentos das mulheres em situação de violência em relação à esfera de reprodução, esfera do trabalho remunerado, redes sociais e poder de decisão;
- 6) Identificação das melhores frases temáticas provenientes das mulheres em situação de violência correspondente a cada indicador.

Vale, contudo, enumerar algumas dificuldades operacionais na realização das entrevistas:

- endereços incompletos ou inexistentes ou em área de invasão sem a possibilidade de localização;
- mudança de endereço;
- recusa de participação da pesquisa;
- local adequado para realização de entrevista (domicílio com criança, familiares) ou em locais públicos como parque;
- dificuldade de conciliar o horário da pesquisadora com a pesquisada.

4.5 PROCEDIMENTOS ÉTICO-LEGAIS

O projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, assim como parecer favorável para sua execução pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Secretaria Municipal de Saúde de Curitiba e pelo Centro de Estudo em Saúde, instância responsável para avaliação dos projetos de pesquisa desenvolvidos na SMS-Curitiba, em conformidade com a Resolução n.º 196/96 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde. (Anexo 3)

Todas as mulheres entrevistadas foram informadas sobre os objetivos do estudo, sendo-lhes assegurados o sigilo e anonimato, como também lhes foi assegurada a liberdade de desistir do estudo quando desejassem conforme o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. (Anexo 1 e 2)

5. RESULTADOS

5.1 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

A violência contra a mulher é uma das violações de direitos humanos mais praticadas e menos reconhecidas no mundo. É um fenômeno que atravessa os tempos, com características muito semelhantes em várias culturas e em locais distintos, permeado pela invisibilidade por ocorrer principalmente no espaço privado onde ainda impera em muitas situações o silêncio da vítima. Esta circunstância faz com que a violência contra a mulher seja um problema complexo, com facetas que se inserem na intimidade das famílias e das pessoas, geralmente agravada por não ter testemunhas ou ser presenciada apenas por pessoas próximas que, muitas vezes, não intervêm a favor da mulher em situação de violência.

É um fenômeno que gera uma situação paradoxal com a visão construída na atualidade, quando se discute a expansão dos direitos humanos e sociais das mulheres e o reconhecimento que a desigualdade entre homens e mulheres acarreta consequências não só para o pleno e integral desenvolvimento das pessoas, comprometendo não só o exercício da cidadania e dos direitos humanos, mas também o desenvolvimento socioeconômico do país. (CANÇO, 2003)

Ademais, a violência de gênero constitui um problema de saúde, pois afeta a integridade corporal e o estado psíquico e emocional da vítima. Estudos demonstram essa relação da violência e a consequência no estado de saúde, como traz o Brasil (2007, p.15), quando se refere aos dados de uma pesquisa realizada em 2001, pelo Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, sob a coordenação da Organização Mundial da Saúde:

[esses dados] mostram que os principais serviços procurados pelas mulheres em situação de violência foram os hospitais e os centros de saúde (16% na cidade de São Paulo e 11% na Zona da Mata em Pernambuco). Os problemas mais frequentemente relatados eram relacionados à saúde mental, sendo observada maior taxa de tentativas de suicídio, assim como maior frequência de consumo e problemas relacionados ao uso de bebidas alcoólicas.

Na presente pesquisa, a faixa etária prevalente encontra-se entre 20 e 39 anos de idade, concentrando 68,4% dos casos analisados. A média de idade é de 31 anos. São mulheres em idade reprodutiva e inseridas na população economicamente ativa (12 delas estavam no mercado de trabalho no momento da notificação; uma não mencionou experiência de trabalho externo e as outras estiveram no mercado de trabalho em algum momento da vida).

A grande maioria está casada ou em união consensual estável, representando cerca de 90%. Em menor número figuram as solteiras. No entanto, em função da indefinição do estado civil advinda da legislação sobre a união consensual, nem todas conseguiram informar precisamente o tipo de relação conjugal que mantinham.

A escolaridade das entrevistadas apresenta paridade entre as mulheres com ensino fundamental e aquelas com ensino médio e superior, o que caracteriza a violência como um fenômeno transversal que atinge praticamente todas as mulheres, indiferente do seu nível de escolaridade.

Essas mulheres, em geral, exercem atividades com menor qualificação profissional como diarista, copeira, zeladora. Há um número significativo de desempregadas (31,6%). O Ministério da Saúde (2005) apresenta dados relativos a 1997, do Banco Interamericano de Desenvolvimento, dando conta de que 25% dos dias de trabalho perdidos pelas mulheres têm como causa a violência, o que reduz seus ganhos financeiros entre 3 e 20%.

O nível salarial as caracteriza como mulheres de baixa renda, com praticamente 80% com renda abaixo de 3 salários mínimos, o que está de acordo com as funções exercidas pelas entrevistadas. Essa situação

evidencia a sobreposição entre os sistemas de dominação e exploração constituídas pelas relações de gênero e classe social, acarretando às mulheres pobres uma carga mais pesada e maior exposição às violências.

A violência foi encontrada em mulheres independentemente do nível de escolaridade e da ocupação, porém, no cruzamento das variáveis, foi possível identificar que a violência psicológica era mais relatada pelas mulheres de nível superior. Em uma das notificações, a da Junquilha, constava apenas a psicológica, o que demonstra que o esclarecimento da mulher suporta com menor tolerância a violência; nos demais casos notificados as violências se sobrepunham. É certo que quanto menor o suporte social maior o risco, visto que há uma tendência de a mulher submeter-se mais frequentemente ao agressor pela falta de oportunidade de lutar e enfrentar a violência. (SILVA, 2003)

O perfil sociodemográfico dos sujeitos desta pesquisa encontra-se na tabela 1.

Tabela 1 - Perfil sociodemográfico das mulheres entrevistadas – Curitiba - 2009

Características Sociodemográficas	Abs.º	%
Faixa etária		
< 20 anos	01	5,3
20 - 29 anos	06	31,6
30 - 39 anos	07	36,8
40 - 49 anos	04	21,1
> 40 anos	01	5,3
Situação marital		
Casada	06	31,6
Solteira	02	10,5
União Consensual	11	57,9
Escolaridade		
1º grau incompleto	04	21,1
1º grau	05	26,3
2º grau	07	36,8
Superior	03	15,8
Renda		
< 1 Salário Mínimo	03	15,8
1 Salário Mínimo	09	47,4
1-2 Salário Mínimo	03	15,8
> 3 Salário Mínimo	02	10,5
Ignorado	02	10,5
Ocupação		
Agente de apoio	1	5,3
Contadora	1	5,3
Autônoma	1	5,3
Advogada	1	5,3
Diarista	4	21,1
Aux. Administrativo	1	5,3
Aux. de enfermagem	1	5,3
Copeira	1	5,3
Zeladora	1	5,3
Do lar	1	5,3
Desempregada	6	31,6

Fonte: SMS-Curitiba. Programa Mulher de Verdade. Ficha de notificação de violência contra a mulher.

Segundo as informações contidas na Ficha de Notificação de violência contra a mulher e complementadas, em alguns aspectos, pelas entrevistadas, a faixa etária dos companheiros está próxima à das mulheres, um pouco mais envelhecida e concentrada na faixa entre 30 e 39 anos de idade. A média obtida é de 34 anos.

A escolaridade masculina também se aproxima à das mulheres, com a ressalva de que a escolaridade ignorada representa 15,8%. Da mesma forma, o nível da renda e ocupação encontra-se comprometido, pela falta de informação a respeito. Mesmo sendo seus parceiros íntimos, muitas mulheres desconhecem a real situação deles quanto à renda, provavelmente pela predominância da condição de “autônomo” no mercado de trabalho informal.

O uso de álcool ou droga foi constatado em cerca de 70% dos casos. O Ministério da Saúde (2002) considera o abuso de álcool e (ou) outras drogas um importante fator desencadeante dos atos violentos, visto que, pela ação no sistema nervoso central, essas substâncias tendem a inibir a censura e a pessoa passa a assumir condutas socialmente reprováveis.

Rabello e Caldas Júnior (2007, p.974) constataram em sua pesquisa que a probabilidade

“de exposição à violência foi sete vezes maior quando havia consumo de drogas [...]. Em consumo exclusivo de álcool o risco foi de seis vezes maior em relação à família que não consumia nenhuma droga [...]. O álcool parece ser a droga mais nociva ao funcionamento familiar, pois, por ser aceito socialmente, há largo consumo principalmente pelos homens”.

As características sociodemográficas dos parceiros das mulheres entrevistadas que sofreram violência encontra-se na tabela 2.

Tabela 2 - Perfil sociodemográfico do agressor – Curitiba - 2009

Características Sociodemográficas	Abs.	%
Idade		
20 - 29 anos	04	21,1
30 - 39 anos	08	42,1
40 - 49 anos	02	10,5
> 40 anos	03	15,8
Ignorado	02	10,5
Escolaridade		
1º grau incompleto	05	26,3
1º grau	03	15,8
2º grau	07	36,8
Superior	01	5,3
Ignorado	03	15,8
Renda		
< 1 Salário Mínimo	02	10,5
1 Salário Mínimo	02	10,5
1-2 Salário Mínimo	04	21,1
> 3 Salário Mínimo	03	15,8
Ignorado	08	42,1
Ocupação		
Aeroportuário	1	5,3
Autônomo	9	47,4
Comerciante	1	5,3
Aux. Serv. Gerais	2	10,5
Metalúrgico	1	5,3
Estoquista	1	5,3
Eletrônico	1	5,3
Ignorado	3	15,8
Relação		
Companheiro ou marido	16	84,2
Ex-marido	3	15,8
Uso de álcool/drogas		
Sim	13	68,4
Não	05	26,3
Ignorado	01	5,3

Fonte: SMS-Curitiba. Programa Mulher de Verdade. Ficha de notificação de violência contra a mulher.

A ficha de notificação de violência contra a mulher traz um resumo da ocorrência que ocasionou a procura do serviço. Neste estudo tal descrição serviu para caracterizar os diferentes tipos de violência pelos quais passaram as agredidas, uma vez que na entrevista este assunto não foi abordado.

- 1 - Casada há 12 anos, ele é muito ciumento, devido a isso ela não para em nenhum serviço. Na semana passada ele a agrediu e quer se separar dele. (Begônia)
- 2 - Mantém união estável há 16 anos, tendo sofrido agressão desde o primeiro ano de casamento, além de agredir as filhas verbalmente, ele tem uma relação extraconjugal há três anos. (Cravo)
- 3 - União estável há 16 anos, três filhos menores, desde que começou a trabalhar fora, vive sendo cobrada por parte do marido. Em janeiro deste ano (2007), ao chegar em casa mais tarde do trabalho foi impedida de entrar em casa e submetida a violência física e moral do tipo “sua vagabunda, vá dormir com seu amante” entre outras. (Beijo)
- 4 - Logo ao acordar, o bebê chorou, companheiro foi pegar a mamadeira, e esta estava caída no chão, ficou nervoso e começou a agredir, pois acha que não está cuidando bem da criança. (Copo de Leite)
- 5 - Esposo ficou nervoso e jogou o fax na sua perna. (Azálea)
- 6 - Após a gravidez, o parceiro mandou-a embora de casa, tirou seu convênio de saúde e disse que irá prejudicá-la muito por ter engravidado. Não quer assumir o bebê e a agride verbalmente, dizendo que ela deu o “golpe da barriga”. (Junquilha)
- 7 - Há sete meses está cada vez mais difícil a convivência com o marido que não aceita a religião da usuária (Candomblé). Quando foi agredida estava grávida de sete meses, desacordada, foi vítima de estupro pelo marido que usou da força física para tanto. (Amor Perfeito).
- 8 - O companheiro a agride verbalmente, assiste a fitas piratas de pornografia e exige que ela faça igual ao que está no vídeo. Exige que ela lave a região genital com álcool, inclusive dentro do canal vaginal. (Agapanto)
- 9 - Sofre violência física, psicológica, moral e verbal durante 30 anos de casamento por parte do seu companheiro. (Antúrio)

- 10 - Vive em união consensual há 16 anos e tem quatro filhos desta relação. Nos últimos 10 anos tem sofrido violência física e ameaça de morte. Seu marido é usuário de álcool e droga. (Rosa)
- 11 - Vítima constante de violência física e moral. Marido usuário de drogas. (Orquídea)
- 12 - Após retornarem juntos de uma festa familiar, começaram a discutir e foi vítima de agressão. (Margarida)
- 13 - Casada há 13 anos e nesse dia ela e o marido discutiram e ele deu um soco na boca dela. (Hortência)
- 14 - Agredida pelo companheiro nessa madrugada, com hematoma em MID devido à torção e em MSE devido à mordida. O agressor faz uso de bebida alcoólica há anos. (Dália)
- 15 - Relação de quatro anos, teve dois filhos, morava com a sogra com relacionamento difícil, saiu de casa e foi morar com o pai, o marido foi buscá-la, desentendeu-se com o sogro e na resistência da mulher ateou fogo na casa. (Violeta)
- 16 - União estável há oito anos e tem dois filhos desta relação, ele é alcoólatra e usuário de crack e a agride verbalmente e fisicamente. Na última agressão sofrida recebeu socos, chutes e tentativa de sufocamento. (Alfazema)
- 17 - Vive há seis anos com seu companheiro e sofre violência física e moral, além de o agressor fazer uso frequente de bebida alcoólica. (Petúnia)
- 18 - Casal divorciado, ex-marido quer voltar a morar na casa e a agride. (Crisântemo)
- 19 - O ex-marido após uma discussão empurrou a usuária, que caiu batendo a cabeça. O casal não está vivendo junto; segundo ela, pela segunda vez o ex-esposo é agressivo. (Lótus)

A tabela 3 apresenta o tipo de agressão sofrida pelas entrevistadas.

Tabela 3 - Tipo de agressão sofrida pelas entrevistadas – Curitiba - 2009

Tipo de agressão	Abs.	%
Física	16	84,2
Psicológica	15	78,9
Financeira	02	10,5
Sexual	02	10,5
Total*	19*	100*

Nota: * total o número de mulheres entrevistadas.

Fonte: SMS-Curitiba. Programa Mulher de Verdade. Ficha de notificação de violência contra a mulher.

Note-se que um tipo de agressão se sobrepõe ao outro, isto é, a mulher que sofre agressão física, em geral, antes já vinha sendo agredida psicologicamente. Ademais, a notificação por agressão talvez seja reduzida pelo fato de as mulheres entenderem o ato sexual como um dever conjugal, mesmo em situações de violência, e por elas dependerem financeiramente dos companheiros. Com efeito, Dantas-Berger e Giffin (2005, p.419) relatam que:

Em 48 pesquisas de base populacional, 10-69% das mulheres entrevistadas apontaram terem sido alguma vez alvo de agressão física de seus parceiros; a violência física é frequentemente acompanhada da violência psicológica e, em um terço a 50% dos casos, pela violência sexual.

Nesta pesquisa, o conflito conjugal guarda estreita conexão com o desajuste sexual entre os parceiros. A respeito disso, Lins (1997, p.209) faz a seguinte colocação:

a mulher sempre foi vista como propriedade do homem, por isso considera-se que o homem possui a mulher e que está se entrega. Como possuir constitui uma honra e entregar-se uma humilhação, a mulher desenvolveu uma atitude negativa em relação ao ato sexual, o que é reforçado pela educação autoritária.

Rosa, que está separada, fez o seguinte relato sobre sua vida amorosa, sexual com o seu companheiro:

“a gente ia na marra, para parar de xingar, mas não tinha mais amor. Tanto que eu tinha tocado ele da cama faz uns três anos...”

eu toquei ele pra dormir na sala e as meninas pra dormir comigo... porque a partir do momento que ele te compara a uma prostituta, vê que uma prostituta é melhor que você... falei, em mim você não rela mais (...) mas geralmente era a força, tipo... a força pra ele parar de gritar e de xingar.”

Orquídea também se referiu ao seu relacionamento sexual como algo intolerável:

“ele é até meio estúpido comigo, ele não é nada carinhoso. Às vezes estou dormindo, dando de mamar pra minha filha, ele vem tentando abaixar minhas calças. Ele é bem estúpido. Já denunciei ele várias vezes, disso, já foi preso até por isso. Agressão, violência, no caso.”

Submeter-se ao sexo parece ser atitude diretamente ligada aos direitos do marido sobre sua mulher. Giffin (1994, p.150) aponta que nas análises de gênero é comum encontrar que “esta visão da sexualidade como impulso biológico instintivo é historicamente aplicada muito mais à sexualidade masculina que domina, controla e é violenta”, sendo aceita como natural. Giffin cita Birke (1986, p.150) para mostrar que tal visão “pode ser usada para legitimar [...] o estupro, a prostituição, o exibicionismo, a promiscuidade masculina e a existência da pornografia”. Porém, as duas falas demonstram um princípio de visibilidade à violência, que parece já não estar mais presa “entre quatro paredes”.

Por outro lado, verifica-se nas falas o que Lins denomina “baixa qualidade do sexo”, que teria como origem a “moral sexual instituída pelo patriarcado”. Alfazema, ao referir-se ao relacionamento amoroso, disse:

“nossa, eu nem esquento a cabeça com isso, até mesmo porque eu prefiro assim, porque eu não quero arriscar o quinto [filho]. Quando a gente se conheceu, era todo dia, era começo, era todo dia, toda hora, agora diminuiu bastante. Eu prefiro assim... como ele viaja muito eu não posso assim tá negando”.

Indagadas sobre como deveria ser o relacionamento entre um homem e uma mulher, as expressões mais usadas por elas foram: *respeito, fidelidade, amor, amizade, compreensão, confiança*. Pode-se inferir que tais

palavras manifestam a distância entre a realidade por elas vivida e a idealização de uma existência pautada na autoestima e na dignidade. Ocorre que, em função da diferença entre homem e mulher socialmente construída, na expressão de Bourdieu (2005, p.21):

caímos em uma relação circular que encerra o pensamento na evidência de relações de dominação inscritas ao mesmo tempo na objetividade, sob forma de divisões objetivas, e na subjetividade, sob formas de esquemas cognitivos que, organizados segundo essas divisões, organizam a percepção das divisões objetivas.

Diante do exposto e tendo presente que a violência tem suas raízes na assimetria de gênero, cuja origem, entre outras, estaria situada no âmbito da família, como primeiro núcleo de socialização e de definições de papéis, na sequência passa-se a discorrer sobre as relações de gênero na dinâmica familiar, tendo como eixo as falas das entrevistadas.

5.2 VIVÊNCIAS E VISÕES DE MUNDO

5.2.1 A família e os arranjos conjugais

Como ponto de partida desta análise, traz-se o conceito de Losacco (2007, p.64) sobre família, para quem a família é “construída por uma constelação de pessoas interdependentes girando em torno de um eixo comum” cujas estruturas “reproduzem as dinâmicas sócio-históricas existentes”. Nesses termos, a família guarda significados bem característicos para algumas das entrevistadas:

“pra mim é tudo (...) união, companheirismo de todo mundo.” (Dália)
“olha, pra mim significa... uma coisa que eu nunca pensei em ter...mas a gente nunca pensa que vai ter uma família razoavelmente grande como a minha. Mas eles pra mim são tudo.” (Amor perfeito)
“eu acho que a família é a base de tudo. A minha família com meu pai, minha mãe, meus irmãos era fonte de amor, assim é a família

que eu tenho hoje (...) embora meu marido teve outra criação. A família dele se dissipou mais cedo.” (Azálea)

“a família significa felicidade, a união, respeito, educação, e uma coisa que eu não sei explicar porque na verdade eu não tive... ao contrário, eu busco e não acho.” (Agapanto)

“Ah! Alegria, a tristeza junto, o amor... tudo o que é de bom que tem... não tem coisa melhor que minha família.” (Rosa)

“a família eu acho que é uma união, uma aliança de Deus assim, pra gente se apegar mais com Deus se não ficamos muito sozinhos também, né?” (Orquídea)

“eu acho que é tudo, porque a família é o alicerce da vida. Eu não tive assim uma família, pai e mãe. Minha mãe faleceu quando eu tinha oito anos, meu pai era alcoólatra, o pai estava sempre lá no fundo do poço...” (Violeta)

“família assim é tudo que uma pessoa precisa, família é muito importante. Sem uma família, a gente é triste, não tem conversa, não tem amor, não está satisfeito, não sabe o que é um carinho ou até uma discussão pra depois reconciliar” (Hortênsia)

“a minha família, pai, mãe, irmãos, é um problema. É um problema (...) Eu cresci numa violência em casa; eu cresci vendo meu pai batendo na minha mãe.” (Junquilha)

Percebe-se, assim, que a família se constitui tanto como um espaço das relações afetivas quanto como um local de conflitos. A ambivalência demonstrada pelas falas parece traduzir a própria dificuldade de conceituá-la, visto que, conforme Sawaia (2007, p.40), “aparece e desaparece das teorias sociais e humanas, ora enaltecida, ora demonizada. É acusada como gênese de todos os males, especialmente da repressão e da servidão, ou exaltada como provedora do corpo e da alma”. Nesse processo, acabou por prevalecer que a família é lugar de proteção e segurança, imaginário fortemente inculcado em sucessivas gerações e que contribui para a sua idealização:

“A família deveria ser mais unida assim e menos miserável, tem muita miséria, não queria isso para meus filhos.” (Orquídea)

“Acho que a família deve ser unida, com respeito mútuo e divisão de tarefa”. (Crisântemo)

“União, companheirismos de todo mundo” (Dália)

“Feliz” (Hortênsia)

“Uma família, primeiro tem que ter um salário que desse para manter tudo o que tivesse que manter, uma faculdade, que desse para você viver bem.” (Begônia)

“uma família unida assim é a melhor coisa.” (Violeta)

Ao ressaltar a pobreza, a dificuldade financeira, por um lado, e valores como união e companheirismo, por outro, essas idealizações de família podem remeter ao que Peixoto (2007, p.226) entende por solidariedade familiar. Para essa autora, a solidariedade atua em duas dimensões, a material e a afetiva, pois, em muitos casos, “a família é o único apoio que resta”.

Com efeito, uma das entrevistadas relatou que sua família de origem a ajuda tanto financeiramente como nos cuidados com sua filha (Margarida). Mas são as mulheres da família, avó, mãe e sogra, que mais colaboram com os sujeitos da pesquisa, principalmente nos afazeres domésticos e nos cuidados com as crianças: *“mas também tinha minha mãe que me auxiliava quando eu precisava sair”*. (Azálea)

Se alguns aspectos que conformam o imaginário familiar parecem se perpetuar, a maneira como se dá início à família vem se modificando rapidamente. Na atualidade, são inúmeras as formas de união e de arranjos familiares¹. A esse respeito Sarti (2007, p.25) coloca:

Embora a família continue sendo objeto de profundas idealizações, a realidade das mudanças em curso abalam de tal maneira o modelo idealizado que se torna difícil sustentar a idéia de um modelo “adequado”. Não se sabe mais, de antemão, o que é adequado ou inadequado relativamente à família. No que se refere às relações conjugais, quem são os parceiros? Que família criaram? Como delimitar a família se as relações entre pais e filhos cada vez menos se resumem ao núcleo conjugal? Como se dão as relações entre irmãos, filhos de casamentos, divórcios, recasamentos de casais em situações tão diferenciadas? Enfim, a família contemporânea comporta uma enorme elasticidade.

¹ O Código Civil Brasileiro, de 2002, no Livro IV, Do Direito de Família, Subtítulo I, Do Casamento, dispõe no Art. 1.511 que “O casamento estabelece comunhão plena de vida, com base na igualdade de direitos e deveres dos cônjuges” e no art. 1.514 que “O casamento se realiza no momento em que o homem e a mulher manifestam, perante o juiz, a sua vontade de estabelecer vínculo conjugal, e o juiz os declara casados”. No Título III, Da União Estável, seu art. 1.723 estabelece que “É reconhecida como entidade familiar a união estável entre o homem e a mulher, configurada na convivência pública, contínua e duradoura e estabelecida com o objetivo de constituição de família”.

Esta pesquisa constatou a “enorme elasticidade” a que se refere a autora. Das entrevistadas, apenas 31,5% relataram ser casadas oficialmente e as demais se encontravam em união consensual. Ademais, da totalidade dos sujeitos da pesquisa (19), dez responderam que o casamento formal não influi na vida conjugal e (ou) familiar; cinco, que essa modalidade de casamento é importante e quatro delas são contra o casamento. Jablouski, et al., (2008) no artigo “O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres”, afirmam que: “Todas as formas alternativas se contrapõem ao modelo tradicional, e vão redefinindo na prática o conceito de família ou as expectativas quanto ao casamento tradicional.” Complementam sua afirmação demonstrando, com base em dados do IBGE – Censo Demográfico de 2000, que “47% dos domicílios estão organizados em torno de formas nas quais, no mínimo, um dos pais está ausente”.

Contudo, de acordo com Lins (2000, p.148), desde que o casamento começou a ser regido pelo amor romântico, as pessoas passaram a criar nele a expectativa de satisfação da afetividade e a complementação do seu ser, acreditando que, pelo casamento, “as duas pessoas se transformarão numa só, que nada mais irá lhes faltar”. As falas traduzem essa noção de casamento romantizado:

“eu acho que é bonito, eu acho certinho, você casar direitinho, você programa. Nossa! É o sonho de toda mulher” (Lótus);
“eu acho muito bonito (...) mas eu acho que em primeiro lugar tem que haver o sentimento entre os dois.” (Dália).

Essas entrevistadas, em função da idade – Lótus 38 anos e Dália, 25; esta, aliás, revelou seu desejo de casar nos seguintes termos: *“eu custei para arrumar um relacionamento e eu queria que tivesse dado certo, eu queria falar não porque eu quero viver mãe solteira, não. Quero marido. Não quero pai pro meu filho”* – colocam um contraponto no argumento de Giddens (1993, p.64), quando diz que, ao contrário das mulheres mais jovens, as mais velhas, na sua grande maioria, tinham sua vida alicerçada sobre o casamento, ainda que não tivessem casado. Esse autor refere-se à pesquisa de Emily Hancock que, na década de 1980, investigou a história de vida de 20 mulheres americanas, entre 30 e 75 anos, de diferentes classes e

estado civil, tendo chegado à seguinte conclusão: “o casamento era o cerne da experiência da vida de uma mulher – embora tenham tido retrospectivamente de reconstruir o seu passado, porque quando se casaram o casamento era muito diferente do que agora”.

Aquelas que se dizem indiferentes à forma de união priorizam o “viver bem” e apontam como vantagens não enfrentar as questões legais e burocráticas no momento da separação:

“pra mim não tem diferença nenhuma, de um jeito ou de outro para você viver bem, pode viver bem sendo informal ou não sendo informal, se for para não viver mal.” (Begônia)

“Pra mim isso não tem significado nenhum, porque o meu primeiro casamento foi tudo certinho e não deu em nada, e ao contrário, este que apesar de ser cinco anos, só vivendo e convivendo junto deu uma vida (...) o informal às vezes eu acho que a pessoa convive bem melhor que esse negócio de papel.” (Agapanto)

“Eu morei quantos anos juntos e nunca achei falta de casar. Ainda bem que nem mudei meu nome, porque agora ia estar me incomodando pra divorciar. (...) a lei já ficou boa para as pessoas como se elas já tivessem casadas².” (Rosa)

“o que influencia muito é o relacionamento, você se dar bem. Você tem que se dar bem com o parceiro, com a pessoa que você escolheu pra viver junto, pra você dividir a sua vida..., os teus sonhos, os teus desejos, e se você se enquadra bem com a pessoa, eu acho que isso não influencia em nada” (Beijo)

Houve entrevistadas que apontaram diferenças entre o casamento formal e a união consensual:

“Tem. Tem [diferença]. (...) Quando a gente gosta realmente; hoje eu vejo assim porque eu tive casamento formal e o informal, é... o informal é muito mais prático, você não quer muita responsabilidade, (...) Ah, não deu certo, eu pego as minhas coisas...tchau... vou embora. A formalidade é bem diferente, você assume perante a sociedade; embora a união estável tenha os mesmos direitos que um casamento, mas não é bem assim. (...)”

² A esse respeito encontra-se no Código Civil Brasileiro de 2002, no Título III, Da União Estável, art. 1.725 que “Na união estável, salvo contrato escrito entre os companheiros, aplica-se às relações patrimoniais, no que couber, o regime da comunhão parcial de bens.”

tem os mesmos direitos perante a justiça; mas dentro do casal, não é bem assim, não se age assim, é muito mais fácil, pego as minhas coisas e vou embora. Fique aí você com os seus problemas e eu vou embora. Então... eu hoje, eu jamais assumiria uma união estável, jamais.” (Junquilha)

“eu acho que muda muita coisa. (...) Você tem um nome, tem a estabilidade, você não fica se preocupando com muita coisa.” (Antúrio)

As falas anteriores remetem à Simone de Beauvoir (2009, p.551) quando analisa um tipo de casamento em que o marido “encarna os olhos da sociedade. Ela toma-lhe o nome, associa-se ao seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio; pertence à família dele, fica sendo sua metade”.

A união informal foi trazida por uma entrevistada como uma experiência, limitada no tempo, como preparação para o casamento formal:

“eu acho que é bom, mas é legal quem já tem uma convivência com o marido assim por muito tempo, porque tem menina assim da minha idade, mas tem pessoas mais velhas que podem direto se casar, tem meninas mais novas que eu que os pais obrigam a casar na igreja, daí daqui a três meses não dá certo, daí tem que separar, pagar divórcio, tem que achar advogado e um monte de coisa. Eu acho que o casar na igreja e no cartório não tem diferença (...) eu acho que obrigar a casar não (...) É muito bonito, eu acho até penso um dia casar na igreja, no cartório e tal, mais pra frente quando a gente tiver nossa casa e ver que vai dar certo, daí a gente casa de verdade”. (..) “ah, eu acho que é melhor morar junto, que nem tem jovem que engravidam que vão e os pais obrigam a se casar, tem gente que fazem cinco meses que estão casados e não dão certo. Então, é melhor não casar que o filho vai ter, meus filhos vou ter pro resto da vida, meu casamento não der certo, ele vai e arranja outra e eu vou e arranjo outra pessoa que goste de mim. Têm pais que obrigam os filhos a se casarem porque a menina engravidou. Eu acho isso ridículo. Por isso que eu acho legal se ajuntarem pra ver se dá certo, se vivem uns dois anos juntos aí, se der certo, casa. Eu acho que é melhor aí já tem uma experiência. Daí já vê se quer ou não...”. (Violeta)

Para uma das entrevistadas, o casamento formal parecia representar o embate entre os sentimentos e os interesses econômicos:

“o casamento no cartório formal é só para separação de bens mesmo, eles já casam pensando no que a gente vai ter e se tem partilha de bens...” (Rosa)

Contudo, em uma sociedade complexa como a brasileira, há também as que defendem o casamento na sua forma tradicional, religioso e legal, concebendo-o como guardião dos valores da família, enquanto o casamento informal representa a desagregação familiar, uma situação de pouca responsabilidade e instável:

“Eu acho importante você ter a bênção e cuidar do lado espiritual, embora eu também veja que a juventude não dá tanto valor para isso, mas os valores foram entregues na minha família, pelo menos a gente tentou entregar. Eu acho importante o casamento religioso.”

“Pra mim, um casamento tem um peso, deveria ser uma coisa uma caminhada mais selecionada mais escolhida pra que você pudesse caminhar tranquilamente até o fim da vida, se fosse o caso, justamente pra não afetar a família. Porque eu vejo que o casal que acaba casando e separando e quem sofre são as crianças pela falta de ter os pais e a mãe do lado acompanhando.” (Azálea)

“Eu acho isso muito importante e as pessoas não dão valor para isso, é um casa e separa, aquela coisa toda. Mas a pessoa que tem responsabilidade, ela vai levar isso a sério e quando ela chegar nesse ponto, ela vai estar ciente que casamento é sério, não é o que acontece hoje em dia: tudo bem, vou me juntar, se não der certo... E não é assim (...) eu acho completamente errado, sabe, porque as pessoas têm uma liberdade fora do comum que isso aí leva só a prejudicar outras pessoas (...) A pessoa tem que ter certeza daquilo que está fazendo, não agir por impulso...” (Cravo)

“Eu acho errado. Tem que ser certinho formal, na igreja, talvez não na igreja, não é necessário assim. Eu acho no cartório, assim também bem consciente (...) tem que ser de coração e certinho mesmo.” (Orquídea)

Pelo exposto, pode-se afirmar que não há homogeneidade de pensamento no que tange às relações conjugais, deixando vislumbrar uma concepção de mulher que oscila entre os padrões tradicionais e aqueles da atualidade. Essa oscilação parece fazer parte do denominado “processo de destradicionalização da sociedade” que consiste na “perda de confiança de

alguns valores que nos guiaram por séculos, valores tradicionais e tidos como de longa duração, geralmente normas religiosas, da família, das formas de autoridades, do sistema político etc.” (MATOS, 2005, p.89-90)

Cabe aqui também uma leitura que considere a representação da mulher pela própria mulher. Touraine (2007, p.34) trata das duas imagens que as mulheres podem construir sobre si mesma:

Elas não podem ignorar a dependência que pesa sobre elas nem a dominação que sofrem por parte dos homens. Mas, ao mesmo tempo, elas se definem em relação a elas mesmas, muito naturalmente, como se isso representasse uma parte de uma encenação que fala das mulheres, enquanto a outra parte da encenação descreve as relações entre os homens e as mulheres.

Nesta pesquisa, verificou-se que as falas das entrevistadas, em geral, pouco revelavam sobre si mesmas ou quando expressavam o que faziam para trazer à tona os papéis por elas desempenhados como companheira, mãe, dona de casa. Tanto é assim que, quando questionadas sobre o que fazem nas horas livres, a maioria relacionou as mesmas atividades executadas no cotidiano. Apenas cinco delas relataram frequentar cinemas, parques, bailinhos, reunir amigos ou dedicar-se à leitura.

5.2.2 Dissolução ou negação da união

Se a união conjugal, independente de sua conformação, mereceu diferentes comentários, restou investigar como os sujeitos da pesquisa compreendiam o divórcio, a separação, bem como o que pensavam sobre a viuvez e a vida celibatária.

Acompanhando as reflexões de Lins (2000) sobre a separação, é possível afirmar que, dado o senso comum de que o casamento fundado no amor romântico constitui o espaço da realização afetiva, a separação, em um primeiro momento, condensaria elevado grau de tristeza e angústia, principalmente da pessoa que foi rejeitada. Os impactos da separação, no

entanto, acabam por atingir toda a família. São exemplares os comentários destas entrevistadas sobre os efeitos do divórcio sobre a família:

“um estrago total (...) porque envolve tipo a mulher, os filho, que na cabeça dos filhos cria uma revolução tremenda, então é um furacão...” (Lótus)

“... quando os pais se cansam vê que o relacionamento está desgastado e resolve partir pra um divórcio, eu acho que o pai e a mãe estão divorciando, mas a família continua, só que, hoje em dia, as pessoas fazem o divórcio e também se divorciam da família. Eu acho que o divórcio mexe bastante com o emocional das pessoas.” (Crisântemo)

“Eu até saí uma vez de casa, fiquei um mês (...) Pra mim aquilo foi a maior tranquilidade, que eu chegava em casa dormia. Só que teve muita chantagem, de todos aqui. Teve chantagem, ‘mãe, o pai tá doente’, ‘mãe, vem pra casa’... filho que ia no serviço.” (Antúrio)

A maior parte das entrevistadas mostrava-se favorável ao divórcio quando o casal vivencia uma situação conflituosa, tornando a relação insustentável:

“quando não dá mais, a melhor opção é o divórcio (...) porque é melhor viver antes só do que mal acompanhado” (Begônia)

“significa que acabou o amor que existia entre o homem e a mulher... Então, uma parte assim é bom que as pessoas se separem pra não haver agressão dentro do casamento (...) Tentar se separar assim numa boa.” (Amor perfeito)

“se você fica brigando, brigando, chega uma hora que você tem que pôr um fim nisso, às vezes, é melhor você dar um fim nisso do que ficar se matando (...) Então, acho que o divórcio, dependendo a hora certa, é bem-vindo.” (Petúnia)

Para aquelas efetivamente separadas, o divórcio assumia a conotação de superação e recomeço de vida:

“Para mim foi a libertação.” (Rosa)

“é bom. Pra mim está sendo bom. Ah, eu sinto falta de algumas coisas, mas isso é de menos.” (Antúrio)

“a separação pra mim foi o começo de tudo. Foi o fim em parte, foi o fim de um relacionamento, de um casamento e na outra parte foi

um recomeço de criar duas crianças sozinha... E depois disso eu voltei a estudar, fiz auxiliar de enfermagem, trabalhei 14 anos na área e daí hoje estou aqui trabalhando, mas pra mim foi bom porque eu cresci profissionalmente.” (Crisântemo)

“é um rasgar de papel. É uma separação de corpos. É um passado que já não existe mais, é um reiniciar. Acho que é uma pessoa que vai enfrentar novas dificuldades pela vida também, mas é um recomeço, tem que levantar a cabeça e ir à luta.” (Azálea)

Ainda que não se tenha identificado de quem foi a atitude de separar-se, é oportuno trazer a reflexão de Giddens (1993, p.208) sobre como as mulheres podem alcançar o equilíbrio, particularmente o emocional. Para ele, as consequências compensadoras da iniciativa do divórcio, por exemplo, não só contribuem para diminuir a pressão exercida pelo companheiro, mas também para estabelecer uma relação mais equânime entre o casal. Nesse processo é que as mulheres podem adquirir e exercer sua autonomia. A esse respeito, Touraine (2007, p.47) traz o seguinte esclarecimento:

A construção de si pelas mulheres é fundada sobre o aquilo que resiste à sua identidade social, isto é, sobre uma natureza que não se reduz a uma cultura ou a uma organização social. É assim que as mulheres vão se erguendo até chegar à afirmação da singularidade e à liberdade de escolher sua própria vida, definida por oposição a toda a definição imposta de fora.

Nas falas anteriores, pode-se observar que as ideias sobre a separação focam apenas os seus efeitos, enquanto algumas conseguem ampliar o significado do divórcio e refletir sobre a relação incluindo o outro:

“Ah, problema. Mesmo não tendo filho é um problema, porque você se machuca. Eu sempre vou dizer que eu estava certa; mas no relacionamento existem três verdades: a minha, a sua e a verdade verdadeira. Eu sempre vou contar a história, eu como vítima, mas e a outra parte? E sempre vai haver uma parte que vai sair mais machucada, sempre. Eu vejo porque (...) eu sai lesada mais financeiramente, ele foi lesado mais emocionalmente...” (Junquillo)

“O divórcio é assim, se você não está bem não adianta ficar enganando. Chega e conversa, fala assim: ‘não deu certo, eu

queria, tentei, mas não é isso, então não vou deixar você infeliz ou eu infeliz, e eu não vou viver esse casamento até o final da vida, que eu estou me enganando e você também, porque a gente vai tá triste' (...) é triste não dar um beijo, ou os dois se amar na cama..." (Hortênsia).

Embora algumas fossem contrárias à separação, quando indagadas a respeito de pessoas divorciadas, quase todas (18) declararam entender a situação como normal, exceto uma que era radicalmente contra:

"não devia existir. Deus uniu o homem e a mulher e devia continuar do jeito que é. Mas vamos fazer o quê? Isso é progresso da vida, então, pra mim, eu seria contra, mas..." (Agapanto).

As favoráveis diziam, ainda, que a separação pode trazer uma nova oportunidade de relacionamento. Contudo, houve aquelas que apontaram dificuldades de ordem interna ou externa para que isso se concretizasse:

"Pra mim está um pouco difícil recuperar assim... aquelas amizades, questões de amizade mesmo, de você sair, conversar... demora um pouco, mas acho que consegue, acho que leva um tempo..." (Margarida)

"Eu sofro um preconceito, principalmente em Curitiba, porque eu morei fora, em outros Estados, mas em Curitiba as pessoas são mais, mais preconceituosas (...) o envolvimento é diferente, não tem aquela perspectiva de ter um relacionamento mais sério..." (Junquilha)

Superar os problemas advindos da separação e mostrar-se pronta para um novo relacionamento requer a construção da autonomia, do empoderamento³. Para Chiesa (2005, p.15):

O conceito de autonomia é um princípio ético que se inspira nas ciências, caracterizando a pessoa autônoma com aquela maior idade

³ Carvalho (2004) faz o seguinte esclarecimento acerca das palavras *empowerment* e emancipar: "para alguns é sinônimo de 'empoderamento', 'apoderamento' e, para outros, de 'emancipación'. Significados distintos, uma vez que 'apoderar' é sinônimo de dar posse, 'domínio de', 'apossar-se', 'assenhorear-se', 'dominar', 'conquistar', tomar posse'. São definições que diferem do verbo 'emancipar', que significa, por sua vez, 'tornar livre, independente'."

capaz de decidir livremente sobre questões de sua vida, estando esta ligada ao nível do indivíduo e não a um grupo ou população.

Onocko Campos e Campos (2006, p.671) ampliam esse conceito, apontando a concorrência de outros fatores para que a autonomia se realize:

...a autonomia depende das condições externas ao sujeito, ainda que ele tenha participado da criação destas circunstâncias. Depende da existência de leis mais ou menos democráticas. Depende do funcionamento da economia, da existência de políticas públicas, de valores veiculados por instituições e organizações. Depende da cultura em que está imerso

Quanto ao “empoderamento”, Lisboa (2008, p. 2) esclarece que:

... o empoderamento implica a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição da mulher como submissa. No campo das discussões sobre desenvolvimento, o empoderamento é visto por algumas ONGs como principal estratégia de combate à pobreza e de mudanças nas relações de poder. Dentre as condições prévias para o empoderamento da mulher, estão os espaços democráticos e participativos, assim como a organização das mulheres.

Depreende-se de tais conceitos que, para que as mulheres se sintam sujeitos autônomos e empoderados, há necessidade de que elas tomem decisões de mudança tanto coletivas como individuais.

Diante do exposto, verifica-se que Margarida colocava-se de forma mais crítica na situação em que vivia e percebia de forma mais positiva sua imagem, enquanto Junquillo parecia mover-se em torno da crítica social, retirando de si a possibilidade de ação. Portanto, a primeira entrevistada é a que exemplifica uma mulher em busca de autonomia.

Ainda na perspectiva de entender como os sujeitos da pesquisa se posicionavam diante de situações adversas no relacionamento, indagou-se sobre a infidelidade masculina ou feminina na vida conjugal ou familiar. A questão assim apresentada tem estreita ligação com as noções culturais que sustentam o casamento monogâmico, mantido principalmente pela mulher, visto que desde a mais tenra idade ela é levada a aceitar que deve fidelidade

ao marido, ao mesmo tempo que deve prover as condições de satisfação ao marido para que ele não seja infiel.

Com efeito, nesta pesquisa, quase todas se manifestaram contra a traição, qualificando-a como algo “errado”, “horrível”, “um absurdo, uma coisa assim nojenta, uma pessoa fraca sem escrúpulo nenhum, e isto pros dois lados”. (Cravo). Houve mesmo quem expressou a visão cultural mais tradicional: “eu acho que daí ele não deve estar satisfeito com a mulher em casa, o momento que ele saiu é porque não estava satisfeito em casa.” (Petúnia).

Contudo, talvez pela vivência de um relacionamento no lapso de tempo da separação, uma entrevistada relativizou o ato da traição:

“eu acho... acho muito, muito relativo, eu acho que a partir do momento que não dá mais o relacionamento, que você se interessa por outra pessoa, você tem (...) que viver aquilo que você está sentindo no momento.” (Beijo)

Houve também quem via essa situação como possibilidade de renovação do casal:

“acontece quando tem um buraco na relação, ou quando há falta de diálogo ou a pessoa pode sentir atraída por outra pessoa mesmo estando casada com outra pessoa, acaba acontecendo. Mas a traição não é uma coisa boa, às vezes, até ela vem trazer um novo ardor para o casamento, porque de repente a pessoa se empolga com a outra e vê que o companheiro não merece isso e acaba retomando o casamento. Aí seria um lado positivo.” (Azálea)

Identificou-se, assim, um pensamento mais positivo de sua imagem, uma demonstração de segurança na relação. Essa fala, de certa forma, vai ao encontro do que Lins (2000, p.169) entende como relação sem dependência emocional ou financeira:

... um episódio extraconjugal pode ocasionar dois resultados: é apenas passageiro e não rivaliza com a relação estável, que sai até reforçada – a pessoa não se sente coagida à obrigatoriedade de ter um único parceiro – ou a nova relação se torna mais intensa e mais prazerosa que a anterior e rompe-se então com a antiga.

Esta investigação sobre a dinâmica familiar pretendia delinear todas as situações de vida que a compõem, o que inclui a desagregação da família pela via natural, a morte de um dos parceiros. Sobre a viuvez, as entrevistadas disseram:

“eu acho que é melhor do que a separação (...) ah, porque foi deixou saudade e separação, não, deixou dor, acho que preferia estar viúva, que Deus me perdoe!” (Lótus)

“a viuvez é a consequência da vida” (Copo de Leite)

“é uma coisa natural. A pessoa tem que estar preparada para a perda também, se é que vai ser uma perda, porque eu conheço também várias mulheres que acabam ficando viúva e diz que é um passo para a libertação. ‘Graças a Deus que ele morreu!’ porque geralmente as mulheres pegam aqueles maridos que não eram muito libertos, não davam espaço suficiente, aí morrem, aí ela está livre, leve e solta.” (Azálea)

Evidencia-se nessas falas o quanto as entrevistadas ainda se encontravam presas às convenções sociais e culturais, à ideia, por exemplo, do casamento “até que a morte os separe” ou que a mulher deve ser apenas de um homem. Isso parece demonstrar que libertar-se do domínio masculino pela separação ainda é um obstáculo a ser vencido e que a morte pode significar uma saída honrosa para a liberdade.

Dai porque, quando indagadas sobre a condição de celibatário do homem e da mulher, se obteve resposta como esta que bem sintetiza as demais falas:

“Eu acho que é uma ótima opção de vida. Ah! Ali ela vive, ela vive... por mais que tenha momento de solidão, ou qualquer coisa, justifica. Porque uma união a dois, você tem que abrir mão de muiiita coisa, deixar de fazer muiiita coisa... E se você optar por uma vida sozinha, você vai onde quer, você faz o que você quer, você chega a hora que você quer, você não tem que dar satisfação para o parceiro, coisa que a pessoa que é casada tem que dar satisfação de tudo; é isso que eu quero para mim. Que eu desejo para mim, quero pegar meus filhos, sair, viajar... ir namorar, não tem que dar satisfação pra ninguém; não tem coisa melhor que isso. Sem briga, sem discussões... Pena que eu não tive ninguém que me instrísse, me orientasse para ter uma vida assim.” (Beijo)

Acompanhando as reflexões de Simone de Beauvoir (2009, p.547-553), encontra-se que, historicamente, a celibatária se define tendo como parâmetro o casamento, independente da maneira que essa mulher se posicione perante a união conjugal, visto que “O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento.” Para ela:

Uma mulher só, na América do Norte mais ainda do que na França, é um ser socialmente incompleto, ainda que ganhe sua vida; cumpre que traga uma aliança no dedo para que conquiste a dignidade integral de uma pessoa e a plenitude de seus direitos.

Vale notar que essa obra de Simone de Beauvoir data de 1949, mas, em muitos aspectos, retrata com certa fidelidade valores do passado ainda presentes. E isso pode ser constatado nesta pesquisa, quando algumas das entrevistadas lamentam o fato de terem sido educadas principalmente para o casamento e outras deixarem perceber que esses valores estão de tal forma arraigados que mesmo em situação de violência elas não conseguem optar por uma forma de vida independente. A violência, talvez, faça com elas percam sua autoestima e o poder de reação diante de sua realidade, expressando nas falas o seu desejo.

Revelam-se, então, ambiguidades na vivência feminina: vida de solteira é idealizada como de prazer, de paz, de liberdade; vida de casada corresponde a sacrifício, brigas, submissão. Nesse embate entre a idealização e a realidade, ambas construídas histórica e socialmente, caberia a essas mulheres estabelecer estratégias de poder de decisão, no sentido da construção de sua autonomia. Ou como alerta Touraine (2007, p.35):

É preciso apoderar-se desta dualidade do “eu”, que é ao mesmo tempo determinado pela sociedade e pela ordem que ela mesma impõe, é que portador de uma demanda de liberdade e de uma capacidade de construir a sociedade e as próprias relações sociais, ao invés de ser determinado por elas.

Quando os membros de sociedade se definem pela própria capacidade e vontade de mudar ao invés de manter uma ordem estabelecida, eles não podem mais ser definidos apenas pela sua pertença social. Um ator social nasceu. Mas ele é muito mais do

que a consciência de si, vista separadamente da consciência dos outros; ele carrega consigo a idéia de direito à liberdade e à criação, de um direito natural que pertence a todos.

Contudo, o nascimento de um “ator social” esbarra em inúmeros obstáculos, que vão da questão cultural à necessidade de sobrevivência.

5.2.3 Poder de decisão: para si e para os filhos

Nesta pesquisa, verificou-se que a ruptura com a “ordem estabelecida” implica reconhecer-se como mulher capaz de prover sua própria liberdade, pelo trabalho remunerado, pela escolha de amigos, pela reação proativa na vida conjugal.

Indagada sobre o poder de decisão da mulher, Orquídea afirmou:

“eu não dependo dele, dependo do lugar assim porque não tenho como pagar aluguel ainda, se eu estou morando com ele, um dos motivos é esse, mas quero arrumar um serviço fixo mesmo, que eu ache um aluguel pra mim criar meus filhos eu mesma sozinha, não atrás de homem.”

Ao que tudo indica, o que impedia sua autonomia era a precária condição econômica, que se originava da dominação exercida pelo marido:

“Não tenho nada de bom, minhas coisas é simples. Pode ver aí, não tenho uma geladeira, ele vendeu minha máquina que ganhei do meu tio, ele vendeu tudo... Por isso que eu digo, não tenho futuro com ele, não tenho como crescer na vida assim”.

E o fator econômico parece mesmo mostrar-se determinante para a construção de uma vida mais livre, pelo que se depreenda da fala de Crisântemo:

“... agora estou sozinha, eu acho que pra mim está bom. Eu estou feliz assim. Agora o meu dinheiro assim, administrar o meu salário, por exemplo, eu tenho a prestação da minha casa, eu estou fazendo construção ainda, ainda eu tenho tudo...”

No entanto, há casos em que a mulher poderia usufruir sua liberdade, mas não o fazia por estar atrelada a valores culturais conservadores. Nesta situação encontrava-se Cravo:

“eu acho que poderia até no meu caso existir um pouco daquela liberdade, mas acho que eu mesma não sei agir assim, sabe? Ser tão liberal como as outras pessoas, até mesmo para não dar exemplo pra minhas filhas. Porque eu não quero que elas saiam por aí com qualquer pessoa, eu não quero que elas tenham qualquer amizade, porque é uma coisa tão minha, que eu tenho medo do que possa acontecer. Então, eu não posso fazer isso, eu não tenho aquela liberdade de sair com uma amiga, ou de ir numa danceteria, ou qualquer outro lugar, eu nunca fui e eu acho que eu não vou.”

Percebe-se por essa fala que a entrevistada exercia opressão sobre si mesma e a projetava para as filhas, reproduzindo a imagem da mulher condicionada ao recato, reclusa no interior do lar.

Há que se destacar que a limitação em relação ao lazer, ao divertimento, aos cuidados pessoais pode ser também reflexo da escolaridade das entrevistadas e, conseqüentemente, da sua inserção no mercado de trabalho formal e informal. Os sujeitos desta pesquisa eram mulheres que, em sua maioria, executavam trabalhos braçais, passavam grande parte da semana distante da casa e dos filhos e dispunham apenas de recursos para as necessidades básicas, o que implicava a exigência da dedicação aos afazeres domésticos e o cuidado com filhos nos finais de semana. Assim, a sociabilidade desse grupo de mulheres acabava se restringindo ao âmbito de sua família de origem.

Em contrapartida, aquelas com instrução superior e melhor condição financeira conseguiam somar outras atividades, além do trabalho e do cuidado doméstico, na perspectiva de construir uma vida mais dinâmica.

“eu tento separar um pouquinho, tem que ter um pouco de lazer, ir ao cinema, no bailinho, conversar com amigos, também gosto de estudar. E se eu tivesse condições, faria um curso de línguas, talvez. Mas é que agora eu estou meio... não podendo. Mas eu

acho que é desse jeito. Acho que você tem de separar um pouquinho de lazer, um pouco de... estudar um pouco também. Não ficar parado, só trabalhando, só trabalhando.” (Margarida)
“eu me dou vários tempos.... Eu gosto de estar com minha família, minha irmã e minha cunhada, então a gente sai juntas... nós vamos para a chácara, no shopping. Gosto de ler, tocar violão, cantar. Eu faço o que não gosto, entre aspas, alguma coisa da casa, mas eu não fico prisioneira da casa o tempo todo, eu saio, vou para o parque.” (Azálea)

No documento “Empoderamento das Mulheres – Avaliação das disparidades globais de gênero” Lopez-Claros; Zahidi (2005, p.7), resultado do Fórum Econômico Mundial, encontram-se definidos cinco dimensões para o “empoderamento e oportunidades das mulheres: participação econômica; oportunidade econômica; empoderamento político; conquistas educacionais; saúde e bem-estar.” Ao que tudo indica, a maioria das entrevistadas ainda carecia das condições necessárias para o desenvolvimento do seu potencial como ser humano proativo, considerando que elas somavam à própria condição dada pela sociedade à mulher a situação particular de conflito conjugal.

Nesse contexto, tornou-se relevante investigar como elas exerciam seu poder de decisão na educação, na orientação, no lazer dos filhos, sobre a divisão das tarefas domésticas entre eles e na punição dos filhos quando necessário, na perspectiva de que essa decisão venha a alterar a visão tradicional de dominação.

Quanto à orientação aos filhos, Orquídea assumia a tarefa porque seu companheiro *“não tem muito como ajudar nesse ponto porque tem problema de alcoolismo, ele nem tem boa experiência para dar as crianças em casa”*. Rosa trazia resposta similar sobre isso: *“o pai nunca dizia nada, se eles aprontavam, o pai não falava nada porque não tinha o que ele falar”*. Para Crisântemo, *“quando o pai não desperta tanta confiança, eu acho que também não adianta ficar deixando muito ele tomar conta e assumir, afinal de contas, hoje a mulher tem muito mais capacidade”*. Em contrapartida, elas apontaram que a maior participação de seus companheiros se dava na punição aos filhos, quando necessário. De acordo com Violeta, *“é eu, mas às vezes eu chamo Sérgio, eu acho que as crianças respeitam mais ele”*.

Também a fala de Azálea toma essa direção: *“Eu acho bem mais autoritário é o meu marido, mas agressivo para falar também é o meu marido, mas eu também dou umas broncas se necessário”*. Contudo, Beijo trouxe outra faceta da decisão de orientar e punir os filhos: *“sempre cobre mais tarefa de casa, escola, as amizades dela, eu sempre cobre tudo, o pai sempre é o bonzinho porque ele passa a mão; não está ali para chamar a atenção, não está ali para... tomar uma atitude”*.

Tabela 4 – Distribuição usual das decisões com os filhos e (ou) dependentes e quem deve fazê-los segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009

Indicador	Cuidado com o filho ou dependente	Quem faz em sua casa, usualmente						Para você, quem deve fazer					
		Mulher		Homem		Ambos		Mulher		Homem		Ambos	
		Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Competência e /ou poder de decisão	Quem decide sobre a educação dos filhos	15	78,9	-	-	4	21,1	1	5,3	-	-	18	94,7
	Quem decide sobre as atividades de lazer dos filhos	16	84,2	-	-	3	15,8	1	5,3	-	-	18	94,7
	Quem decide sobre as tarefas domésticas dos filhos	16	84,2	-	-	3	15,8	2	10,5	-	-	17	89,5
	Quem pune os filhos, quando necessário.	13	68,4	3	15,8	3	15,8	1	5,3	-	-	18	94,7

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Quando indagadas a quem cabia a decisão de orientar e (ou) punir os filhos, a grande maioria das entrevistadas (94,7%) respondeu que ambos deveriam assumir essa responsabilidade. É necessário ressaltar que essa participação dos parceiros era difícil em função da própria história de vida delas, pois ou elas já estavam separadas ou em conflito com os companheiros por serem usuários de drogas ou alcoolistas.

Tabela 5 - Distribuição usual das tarefas domésticas e quem deve fazê-las, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009

Indicador	Competência	Quem faz em sua casa, usualmente						Para você, quem deve fazer					
		Mulher		Homem		Ambos		Mulher		Homem		Ambos	
		Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
	Se tiver empregada, quem contrata e comanda.	2	10,5	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Competência e/ou poder de decisão	Cuida das despesas da casa	8	42,1	6	31,6	5	26,3	1	5,3	6	31,6	12	63,2
	Cuida dos investimentos familiares	9	47,4	6	31,6	4	21,1	1	5,3	6	31,6	12	63,2

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Especificamente em relação aos investimentos e despesas da casa, observa-se que quase a metade delas (47,4% e 42,1%, respectivamente) estava encarregada usualmente de tomar essa decisão, embora elas entendessem que isso deveria ser dividido entre o casal (63, 2% para as duas situações). Dália era uma das que pensavam que essa decisão pertence aos dois:

“deveria ser os dois juntos, decidir o comum, o que bem pra mim e pra ele junto”, mas “ele queria contar com o meu dinheiro junto, mas eu não deixei tomar conta do meu dinheiro, eu falei, não, pensa que depois eu quero alguma coisa, não tem porque ele não compra e não deixa dinheiro, então, o meu dinheiro é meu”.

Dentre aquelas que não decidem sobre despesas e investimentos, está Alfazema, que assim se justificou:

“ele, ele é mais inteligente para essas coisas (...) eu acho que é o homem mesmo, ele é mais esperto, assim. Ele pensa, ele faz as contas, ele analisa pra daí, sabe? ele tomar uma atitude. Eu já não, eu sou uma pessoa que já sou meio mão aberta, se eu gosto, eu vou lá e compro, sabe? Depois que eu vou pensar, ‘puta. Eu não devia ter comprado agora’. (...) ele pensa mais, eu compro mais pra agradar, ele já pensa mais”.

Essa fala parece ilustrar uma recorrência da concepção feminina de atribuir ao homem qualidades superiores.

Nesse sentido, importa verificar quais as expectativas das entrevistadas em relação ao filho ou à filha delineadas a partir das categorias apresentadas na tabela 6.

Tabela 6 - Expectativa a respeito dos filhos, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009

Indicador	Expectativa/educação	Igual		Diferenciado	
		Abs.	%	Abs.	%
Expectativas e educação diferenciada por sexo dos filhos	Futuro escolar	18	94,7	1	5,3
	Futura profissão	18	94,7	1	5,3
	Futura união conjugal	18	94,7	1	5,3
	Participação nas tarefas doméstica	18	94,7	1	5,3
	Atividades de lazer	15	78,9	4	21,1
	Socialização/ atividades sociais	16	84,2	3	15,8
	Relacionamento familiar	12	63,2	7	36,8
	Efeito da sua vida profissional*	17	89,5		

Nota: * 2 não sabe.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Quanto ao futuro escolar, futura profissão, futura união conjugal e participação nas tarefas domésticas, 94,7% delas disseram que suas expectativas eram iguais para os filhos de ambos os sexos.

Begônia tinha duas filhas e era incisiva em relação à educação delas: *“eu quero que elas façam uma faculdade”*. Nas tarefas de casa, não há discussão para Begônia, elas *“têm que ajudar”* e dizia ela que se tivesse um filho homem *“não, não seria diferente, iria aprender a cozinhar, limpar, lavar.”* Quanto à perspectiva profissional das filhas, ela contou: *“... a minha maior fala que quer ser professora, a pequeninha ainda não sei (...) eu quero que elas tenham uma profissão, sim.”* Junquilha em relação à profissão da filha recém-nascida disse: *“Ah, eu quero que minha filha faça Direito. Eu comecei a Faculdade de Direito e parei. Mas não posso optar, é uma questão dela. Mas se eu puder influenciar, com certeza eu vou influenciar.”* Quanto à sua filha participar da atividade doméstica, Junquilha queria que ela passasse por uma experiência diferente da sua:

“... a intenção, a probabilidade é o seguinte: a gente fazer tudo que os pais da gente não fez com a gente e que a gente queria que

fizesse. Eu aprendi a cozinhar, a fazer as coisas com a minha vó, porque minha avó era do lar, assim uma senhora do lar. Minha mãe trabalhava fora então não tinha muito tempo, passava só no final de semana. Eu quero que minha filha desde o comecinho... vai lavar errado a louça, mas vai lavar, vai arrumar errado a cama, mas vai arrumar, uma hora ela vai aprender.” E se ela tivesse um filho, seria assim “também. Porque se a mulher dele não souber? Ou se morar sozinho...”

Beijo, que tinha uma filha e dois filhos, assim expressou sua expectativa quanto aos estudos deles:

“Ah, eu acho que todo o pai e toda mãe espera o melhor, espera, deseja, luta e batalha pelo melhor deles, mas nem sempre está ao alcance da gente. O que a gente pode fazer é o estudo. Eu espero que eles se realizem, espero que eles consigam tudo aquilo que eles pretendem e lutem por aquilo que eles esperam e desejam, tanto profissional como na vida pessoal deles.”

Rosa trouxe a preocupação de que as próximas gerações de sua família sejam mais prósperas:

“eu quero que eles estudem para ser alguma coisa na vida, não que eu ache que meu serviço não seja honesto, mas eu quero que meus filhos estejam melhores do que eu. Eu não quero que eles passem pros meus netos o que passei pra eles. Quero que meus netos sejam melhores, tenham um futuro melhor.”

Em relação à futura união conjugal dos filhos, a maioria das entrevistadas pareceu revelar sua própria insatisfação com o casamento, pois demonstraram certa amargura no que desejam a seus filhos. Cravo foi taxativa: *“olha, o conselho que eu dou é que elas não casem; esse é o conselho que eu dou pra elas, que elas consigam tudo que elas querem sozinhas, sem depender de marido, de homem pra nada”*. Begônia pensava da mesma forma: *“não, eu já falo não casem sejam independentes... porque às vezes, você quer fazer alguma e o marido já é contra (...) Eu falo, então, não casem, namorem bastante, mas não casem, na hora de enjoar, fale assim: tchau!”*. Dália, na perspectiva longínqua de um casamento da filha, disse: *“só espero que não arrume tranqueira, que seja alguém bom...”* Rosa explicitou seu desagrado com o marido, ao dizer:

“Eu espero que minha filha arrume um homem maravilhoso para ela, que não seja igual ao pai dela. Alguém que dê amor, carinho, que seja compreensivo. Que compreenda ela, que divida as dificuldades da vida junto, sem briga, que não beba nem use droga, nada.”

Antúrio também faz de sua experiência lição de vida para a filha:
“Não case com comunhão de bens, separação de bens, o que é teu de solteira é teu de solteira e continue assim. Se você quiser pode até pôr no nome da mãe como usos e frutos pra ele não pegar o apartamento”.

5.3 ESFERA DA REPRODUÇÃO E DA PRODUÇÃO

Historiadores sociais identificaram nas famílias ocidentais algumas separações que surgiram com maior intensidade no desenvolvimento das sociedades capitalista, mais especificamente na separação entre o mundo do trabalho e o mundo da vida familiar, entre a esfera pública, fora de casa, e a esfera privada, dentro de casa. As famílias acabaram sendo organizadas em torno de dois mundos: o domínio privado, no qual as mulheres estão em mais evidência, espaço das funções “naturais”, como as funções corporais relacionadas à procriação e a afetividades nos relacionamentos, e o domínio público, no qual os homens estão mais em evidência, espaço da “cultura” e riqueza. (SARTI, 2007)

Segundo Kergoat (1996), quando a nova ordem capitalista instaurou a separação espaço/tempo entre trabalho produtivo e reprodutivo produziu também um princípio da separação de trabalho de homens e trabalho de mulheres e deu a essa separação uma conotação hierárquica. Esse princípio, desde então sustentado por estruturas materiais e simbólicas, é um elemento determinante na configuração das relações sociais entre homens e mulheres, de acordo com a sua inserção de classe. Essa autora reforça ainda que divisão sexual do trabalho tem sido outro importante conceito para compreensão do processo de constituição das práticas sociais permeadas pelas construções dos gêneros a partir de uma base material. A concepção de práticas sociais é usada como uma noção

indispensável que permite a passagem do abstrato ao concreto; possibilita pensar simultaneamente o material e o simbólico; restituir aos atores sociais o sentido de suas práticas, para que o sentido não seja dado de fora por puro determinismo.

Essas práticas, embora sejam uma construção social, são tidas como um condicionamento natural, ou seja, dividido entre objetos e comportamentos considerados femininos ou masculinos. Para Bourdieu (2005, p.20):

O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes. Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológicos, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres, ela mesma inscrita, com a divisão do trabalho da ordem social. A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho.

A sociedade assume o papel de construir os corpos femininos e masculinos como oposição um ao outro, seguindo sempre um padrão androcêntrico. Resultado disso é o fato de que as características ditas masculinas são, na maior parte dos casos, as mais prezadas socialmente. Ao homem, a positividade; à mulher a negatividade: ao homem a cultura e as realizações que transformam o mundo em mundo humano, às mulheres as tarefas naturais derivadas de sua biologização e restrição aos atributos reprodutivos. (FONSECA, 1996; CARVALHO, 2006)

Segundo Hirata (2007), a divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos, modulada histórica e socialmente, baseada em dois princípios organizadores: o princípio da separação (homem e mulher) e o princípio hierárquico (o trabalho do homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Essa ideologia naturalista rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as

práticas sociais a papéis sociais sexuais que remetem ao destino natural da espécie.

Permeia quase todas as sociedades, pois as análises econômicas sobre bem-estar humano normalmente se restringem à produção mercantil de bens e serviços, negligenciando os demais aspectos materiais e imateriais que garantem a reprodução humana. São quase inexistentes os estudos sistemáticos das atividades relativas ao bem-estar humano e às necessidades das pessoas, e que tratam de questões como a reprodução dos seres humanos, o trabalho doméstico, a socialização das crianças e o cuidado com os idosos e doentes (tarefas típicas femininas). Essas tarefas, que antes eram organizadas por meio de relações de parentesco e inseparáveis em relação a sexo e classe, são, na sociedade capitalista, tratadas separadamente e mantêm íntima relação com a situação de inferioridade da mulher no mundo atual. (MELO; CASTILHO, 2009)

Nessa perspectiva, a utilização do conceito de divisão sexual do trabalho, consolidado desde a industrialização, possibilita a subestimação das atividades realizadas pelas mulheres na família. Essas atividades são consideradas como não-trabalho, porque se confundem “produção” com “produção de mercadorias” e “trabalho” com “emprego”. Essa percepção embute uma associação linear entre a atividade masculina e a produção mercantil e a feminina e a atividade familiar doméstica. Para as feministas, essa associação evidencia a invisibilidade do trabalho das mulheres.

Bruschini (2006) comenta que nos levantamentos censitários e domiciliares do IBGE, no período de 1970 e 1980, o trabalho doméstico realizado no domicílio era classificado na categoria de inativo, juntamente com os estudantes, aposentados, doentes, inválidos e os que vivem de renda, apesar da sua contribuição para a família e sociedade. O tempo gasto para tais atividades foi incorporado gradativamente nas estatísticas oficiais, e o avanço ocorreu a partir do Relatório de Desenvolvimento Humano, realizado anualmente pelo Fundo das Nações Unidas para o Desenvolvimento. O Relatório define o desenvolvimento como um conceito global, que tem como componentes essenciais a igualdade de oportunidades, a sustentabilidade dessas oportunidades de uma geração

para outra e o fortalecimento das mulheres. Ao contrário do paradigma do crescimento, que leva em conta apenas a renda (Produto Nacional Bruto) para avaliar a situação socioeconômica de um país. A IV Conferência da Mulher em Pequim avançou significativamente neste tema, focaliza o gênero como questão central, analisa o processo de exclusão das mulheres do desenvolvimento, mede a igualdade de gênero e oferece uma estratégia concreta para buscar a equidade nas oportunidades entre homens e mulheres. (BRUSCHINI, 2006; ECHENIQUE, et al., 2006; GOLDANI, 2000)

5.3.1 Esfera da reprodução

Na esfera privada, historicamente espaço delimitado ao universo feminino, a mulher desempenha atividades relacionadas à subsistência, fundamentais para a organização da vida familiar; são afazeres que ocupam sua jornada, requerem o dispêndio de seu esforço físico e mental e lhe absorve integralmente, principalmente no cuidado com os filhos, mas não são reconhecidos socialmente e muito menos remunerados.

Para Carrasco (2001, p.1), essa ambivalência gera uma tensão resultante de um conflito mais profundo incrustado no sistema social e econômico: “la obtención de beneficios por una parte y el cuidado de la vida humana por otra.” A autora argumenta que os estudos econômicos e sociais, muitas vezes, esquecem esse componente subjetivo das necessidades humanas supridas no lar; esquecimento que, segundo ela, não é inocente porque esconde um conflito de interesses, isto é, os diferentes espaços, trabalho e atividades que compõem os processos da vida não têm o mesmo reconhecimento social porque são filtrados por uma valoração hierárquica fruto de uma longa tradição patriarcal liberal (p.4).

Com efeito, as entrevistadas manifestam essa ausência de reconhecimento à dedicação aos trabalhos domésticos. Sobre lavar, cozinhar, cuidar da casa, Beijo disse:

“é uma coisa que estressa pra caramba, e é um trabalho que você trabalha desde o momento que você levanta até na hora que você deita e não tem reconhecimento nenhum, não tem valor nenhum,

nem dos filhos nem do marido, seja quem for que conviva com você, não tem, não tem valor.”

Petúnia constatou essa falta de valorização e, dados os conflitos com o marido, resolveu mudar de atitude:

“mudou porque eu mantinha essa casa um brinco sempre, sempre bem encerada. Agora não ligo, só limpo quando tó a fim, se ele tá ou não tá, a louça tá ali agora, eu não vou lavar agora (...) então ele vai brigar porque a louça tá ali; não, eu já vi que o valor é o mesmo (...)”

Sabidamente, ao contrário do trabalho externo, que é pautado por uma jornada fixa, os afazeres domésticos e os cuidados com os filhos são ininterruptos. As falas dos sujeitos da pesquisa davam conta desse tempo impossível de ser marcado pelas horas. Cravo disse:

“porque a gente vai fazendo automático. Quando tá em casa, que os filhos são pequenos, você trabalha dia e noite sem parar porque muitas vezes até a noite espera o filho dormir pra fazer as coisas, depende do que está acontecendo.”

Lótus sintetizou nestes termos: *“acho que nem dá pra calcular o tempo, você vai fazendo assim quando dá...”* Também Crisântemo se referiu ao trabalho incessante: *“quando a gente está em casa, a gente nunca descansa, a gente tá cuidando do filho, está fazendo a tarefa de casa, fazendo as duas coisas ao mesmo tempo conversando.”*

Em “O uso do tempo”, Perista (1997, p.56-57), ao tratar do tempo destinado às atividades domésticas, apoia-se em Jerusa Isquierdo, quando diz: “o tempo das mulheres é contínuo. Não se registram diferenças entre dias úteis e feriados, entre trabalho e ócio. Para as mulheres o tempo tem valor de uso, não se consome nem se vende.” Para Carrasco (2001, p.14-15), o tempo de trabalho doméstico familiar estaria assim dividido: um tempo de trabalho que não pode ser reduzido porque afeta o desenvolvimento integral das pessoas; aqui estariam incluídas atividades inseparáveis da relação afetiva e que não podem ser calculadas pelo preço de mercado; e há um tempo de trabalho com atividades que podem ser delegadas, desde que se disponha de recursos ou que se possa recorrer aos serviços públicos.

Tomando como pressuposto que na atual constituição da família, com as mulheres inseridas no mercado de trabalho, participando da provisão doméstica, já não há a tradicional divisão homem provedor e mulher dona de casa, indagou-se dos sujeitos da pesquisa como é distribuído entre o casal o tempo dedicado às tarefas domésticas e aos cuidados com filhos. Orquídea contou que *“ele ajuda até a hora dele desanimar, quando desanima ele para”*. Quando o parceiro de Petúnia estava em casa, ele *“dá banho nas crianças, cozinha (...) gosta de cozinhar, quando ele está, ele ajuda”*. Há, porém, mulheres que assumiam totalmente esses afazeres, tal era o caso de Beijo:

“tudo eu, tudo eu (...) eu chegava em casa estressada, chegava cansada, me estressava em ver aquela casa toda bagunçada, tudo pra fazer; louça pra lavar, cama para arrumar, roupa para lavar, roupa para passar, casa para varrer. Ah! É muito estressante”.

E também de Violeta, *“o meu marido aqui em casa não faz nada (...) nem o banheiro quando ele usa”*. Crisântemo justificou o fato de os homens participarem muito pouco das atividades do lar: *“o homem geralmente tem um amigo pra conversar, tem um barzinho pra ir. Então geralmente ele não participa muito dessa parte”*. Dália trouxe uma realidade bastante peculiar quanto às lides domésticas:

“eu bem que tentava, mas nunca sabia fazer nada porque sempre a mãe dele era melhor, ou ele fazia melhor do que eu. Então, chegava final de semana era ele que lavava, limpava a casa tudo (...) Era ele porque eu sempre fui burra, nunca soube fazer nada”. No entanto, Dália deixava perceber que essa função cabe à mulher: *“a ajuda dele era bem-vinda, mas eu acho que deveria ser mais pra mulher (...) mas isso é que vem se vendo, que a mulher tem que fazer esse tipo de coisa. Não que pro homem seja feio, mas tendo ajuda dele é melhor, mas não que ele tenha que fazer”*.

Tabela 7 - Distribuição usual das tarefas domésticas e quem deve fazê-las, segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009

Indicador	Tarefa Doméstica	Quem faz em sua casa, usualmente						Para você, quem deve fazer					
		Mulher		Homem		Ambos		Mulher		Homem		Ambos	
		Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Distribuição das tarefas domésticas	Limpa a casa	14	73,7	1	5,3	4	21,1	6	31,6	-	-	13	68,4
	Lava roupa	14	73,7	1	5,3	4	21,1	6	31,6	-	-	13	68,4
	Passa a roupa	14	73,7	1	5,3	4	21,1	6	31,6	-	-	13	68,4
	Cozinha	13	68,4	1	5,3	5	26,3	6	31,6	-	-	13	68,4
	Lava louça	13	68,4	1	5,3	5	26,3	6	31,6	-	-	13	68,4
	Faz compras de casa	12	63,2	1	5,3	6	31,6	5	26,3	1	5,3	13	68,4
	Outras tarefas	13	68,4	1	5,3	5	26,3	6	31,6	-	-	13	68,4

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Segundo as entrevistadas, limpar a casa (73,7%), lavar e passar a roupa (73,7%,respectivamente), cozinhar e lavar louça (68,4%, respectivamente), são atividades nas quais os homens estão pouco envolvidos (5,3% em todas essas ações). Contudo, em questões que requerem decisões principalmente financeiras, os homens mostraram-se mais presentes: 31,6% dos parceiros dos sujeitos da pesquisa cuidavam das despesas da casa e dos investimentos familiares. Araújo e Scalon (2005, p.45), no livro *Gênero, família e trabalho no Brasil*, apresentam os resultados da pesquisa que integra também o International Social Survey Programme (ISSP) e fazem o seguinte comentário:

A atividade “ir ao banco” pagar contas, a mais associada à dinâmica financeira e ao mundo público, também apresenta um percentual mais elevado de participação masculina [...] Mas chega a ser surpreendente a discrepância em atividades consideradas mais domésticas e tipicamente femininas, que têm sido territórios praticamente inexplorados para os homens e assim parecem permanecer, como “lavar e passar roupa” e “cozinhar”, indicando quão tradicionais continuam sendo algumas dessas práticas. Situações menos assimétricas são notadas quanto à compra de comida.

Verifica-se, assim, que essa é prática quase generalizada no contexto nacional. Porém, quando as entrevistadas foram indagadas sobre

quem deve fazer as atividades domésticas, a maioria respondeu que deveria ser o casal (68,4%); também cuidar das despesas e investimentos da casa, de acordo com elas, deveria caber a ambos (63, 2%), mas boa parte delas (31,6) respondeu que quem deve fazer é o homem. Novamente observa-se a ambiguidade entre o real e o ideal de vida. Uma explicação pode ser encontrada em Kergoat (1996, p.20) quando diz: “A divisão sexual do trabalho está no centro (no coração) do poder que os homens exercem sobre as mulheres.” Em outros termos, as mulheres continuam sendo oprimidas e ainda não conseguem fazer valer o “princípio da parceria” – ou paradigma da parceria – “citado nos relatórios preparatórios da ONU para a Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres em Pequim [...] Pensadas em termos de vínculo social, as relações sociais são aqui consideradas sob o ângulo de uma suposta igualdade de *status* sociais entre homens e mulheres” (HIRATA, 2004, p 280.). Esse paradigma da parceria poderia alimentar uma prática de divisão de tarefas domésticas entre o casal, mas, como trazem Hirata e Kergoat (2007), em outro texto e referindo-se à França, esse modelo não conseguiu se concretizar na prática.

No cuidado com o filho ou dependente, foi perguntado aos sujeitos da pesquisa sobre quem usualmente fazia a higiene pessoal dos filhos, cuida da alimentação deles, leva e busca na escola, acompanha e participa das questões escolares, cuida quando o filho está doente, leva/acompanha ao médico, providencia a atividade de lazer do filho, dá orientação e apoio psicológico. Têm-se, assim, alguns aspectos fundamentais para estruturar a existência humana, o que deveria implicar a máxima solidariedade e responsabilidade dos pais. Sobre a participação paterna falaram as entrevistadas:

“(...) quando ele está sai com eles (...) sim à noite eles estão chorando nos se revezamos, quando ele está, sim, porque não é justo, as crianças não querem saber se ele tem 30 ou 90 anos, é pai tem que cuidar, e reunião na escola a mesma coisa, eles não querem saber.” (Petúnia)

“(...) mas no final de semana, ele está em casa, ele pega as crianças e faz tudo, eu fico com folga no final de semana.” (Amor-Perfeito)

“(...) algumas vezes o pai dava banho, não era um pai ausente assim, mas a condução até a escola geralmente era ele, só em alguns casos eu ia buscar.” (Azálea)

No entanto, os relatos dão conta que há pais que não se envolvem nos cuidados com filhos, em suas diferentes demandas, tal como traz Agapanto:

“Eu criei sozinha os meus filhos. (...) sempre eu sozinha (...) Cansei de pedir (...) um dos meus filhos tem problema mental, o qual eu tive que doar... onde eu tinha que trabalhar pra fora e meu ex-marido judiava demais dele, e ele acabou ficando doente (...) Ele não gostava de trabalhar, não gostava de fazer as coisas da casa, gostava de ir na casa da mãe dele. E batia muito na criança. E depois que a criança ficou doente que eu fiquei sabendo.”

Da mesma forma, Rosa contou que todos os cuidados coube, e ainda cabe, a ela:

“Sempre tudo fui eu (...) Ele nunca se preocupou em saber se o filho precisava de leite, alguma coisa (...) sempre eu (...) porque ele não ligava, não. Pra ele tanto faz, então, quem chamava a atenção, quem brigava, era sempre eu”.

Antúrio também tinha uma história solitária de cuidado com filhos:

“era eu que cuidava (...) bom, eu dentro de casa eu ensinei a educação, os bons modos, tudo fui eu. Porque ele já não era tanto assim... Na minha opinião, que eu sei, ele achava que era dever só da mulher. A mulher tinha que ficar em casa, trabalhar, fazer os trabalhos dela...”

Especificamente sobre os efeitos da violência sobre o desenvolvimento da criança, Reichenheim et al. (1999, p.114) observam que “se torna difícil compreender o efeito isolado em cada fator contribuindo no processo de ocorrência desses problemas”. Comentam, ainda, a respeito das mães que sofrem violência e sua capacidade de criar e educar seus filhos de forma adequada, devido ao estresse permanente, à decepção com o companheiro agressor e à falta de esperança de modificação da situação de violência na vida familiar.

Tabela 8 – Distribuição usual dos cuidados com os filhos e (ou) dependentes e quem deve fazê-los, segundo entrevistadas – Curitiba - 2009

Indicador	Cuidado com o filho ou dependente	Quem faz em sua casa, usualmente						Para você, quem deve fazer					
		Mulher		Homem		Ambos		Mulher		Homem		Ambos	
		Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Divisão de tarefas dos cuidados com o filho/dependente	Higiene pessoal	16	84,2	-	-	3	15,8	1	5,3	-	-	18	94,7
	Alimentação	16	84,2	-	-	3	15,8	1	5,3	-	-	18	94,7
	Leva/busca na escola	16	84,2	1	5,3	2	10,5	1	5,3	-	-	18	94,7
	Acompanha e participa das questões escolares	17	89,5	1	5,3	1	5,3	1	5,3	-	-	18	94,7
	Cuida quando esta doente	16	84,2	-	-	3	15,8	1	5,3	-	-	18	94,7
	Leva/acompanha ao médico	16	84,2	-	-	3	15,8	1	5,3	-	-	18	94,7
	Atividade de lazer	15	78,9	-	-	4	21,1	1	5,3	-	-	18	94,7
	Orientação e apoio psicológico	16	84,2	-	-	3	15,8	1	5,3	-	-	18	94,7

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Quase todos os cuidados acima referidos foram usualmente assumidos (84,2%) pela mulher, exceto a atividade de lazer em que a participação masculina era um pouco maior (21,1%). Uma vez mais, no ideal de vida, para as entrevistadas a responsabilidade desses cuidados deveria ser do casal (94,7%). A esse respeito, Araújo; Scalón (2005, p.48) afirmam:

... o “cuidado” é tradicionalmente associado às mulheres. E o lugar do cuidado na vida da mulher tem sido determinante para suas possibilidades de escolha em relação à vida em geral. Como observa Duran (2000), excluindo-se os limites biológicos relacionados com a função da gestação, todos os outros aspectos envolvidos no cuidado podem ser efetivamente desempenhados por homens e mulheres. Ou seja, *a associação entre “cuidado” e mulher é uma questão de gênero*. (os grifos são do original)

Nesse quadro em que a mulher absorve para si as obrigações domésticas, parece ser relevante acompanhar as falas das entrevistadas sobre a repartição mais justa dessas tarefas entre o casal, bem como o uso de tempo diferenciado por sexo. Antúrio não soube precisar o tempo gasto por ela nos afazeres domésticos e no cuidado com os filhos, mas sua resposta é dada quando se refere ao tempo gasto pelo companheiro nessas mesmas atividades:

“ele não gastava nada, porque ficava no bar. Por que eu era assim, eu levantava de manhã, fazia minhas tarefas. Aí parava um pouquinho, já fazia o almoço, já levava pra escola. Então, praticamente eu levava o dia inteiro. Porque eu fazia em partes.” Assim, a repartição justa para ela seria *“Metade a metade (...) porque não é justo só um fazer uma tarefa e o outro fazer menos”*.

Sobre as mesmas questões, Crisântemo respondeu:

“Quando fazem, eles fazem as coisas muito rápido. Pode dizer então que dá pra limpar a casa, umas duas horas (...) eu acho que deveria ser dividido em partes iguais (...) porque a mulher conquistou, como se diz, a independência dela. Então como a lei é para os dois, eu acho que deveria ser dividido em partes iguais, eu acho que é justo.”

Por outro lado, houve quem já tinha a situação da repartição igualitária das tarefas domésticas, mesmo que não soubesse definir o tempo despendido para fazê-las. Foi o caso de Amor-Perfeito:

“Eu não tenho noção de quanto tempo eu levo (...) Ele também, é sempre a mesma coisa. Quando a gente pega a gente tenta dividir. Assim quando ele está em casa, ele fala ‘você limpa ali e eu cuido das crianças’, mas ao mesmo tempo eu começo a cuidar das crianças, ele vai limpando e eu vou fazendo a mesma coisa, e no final acaba nos dois dividindo (...) A mesma carga (...) porque por mais que a mulher fique em casa o dia inteiro, o homem chega do serviço cansado, mas também tem que ajudar a mulher. Porque a mulher fica em casa... mas se for ver a gente trabalha mais em casa do que fora. A gente fica mais cansada... Então, por mais que ele venha cansado não custa nada chegar. E isso, ele faz. Ele vem do serviço pergunta se quer alguma coisa, ele vai e ajuda.”

Tais relatos evidenciam a coexistência na sociedade de relações mais tradicionais e aquelas mais igualitárias, conforme Araújo; Scalón (2006, p.50) “indicando aspectos ‘modernos’ e outros ‘conservadores’ que revelam as ambiguidades da esperada modernização.” Margarida parece ter a percepção sobre essa ambiguidade, pois fez a seguinte reflexão:

... mas acho que a lei está dando essa igualdade pra mulher. Então, a gente não pode mais voltar atrás, agora você tem que assumir. Se foi certo ou errado... pra algumas mulheres acho que é certo, algumas até conseguiram, seu espaço, mesmo sendo remuneradas, quase e talvez igual a um homem na sua função, numa empresa grande, numa multinacional. Mas a maioria das mulheres não, trabalham o mesmo, ganham menos e tipo... hoje você vê que os meninos estão mais mal criados do que antes.... tipo no tempo dos pais, eles sabiam bem que deviam ser chefes de família e pronto, eles já eram criados assim. E hoje em dia tudo é dividido, mas essa divisão não ficou bem dividida, nem pra mulher, nem pro homem. E como faltava... meio que uma reformulação mesmo da sociedade para que todo mundo ter... soubesse agora nessa nova sociedade onde é seu lugar, qual o seu papel.” ... “Olha, eu acho que é difícil, acho que desde pequeno mesmo, deve começar a criar tanto a menina como o menino que assim já... Para que os dois seja responsável pela casa, pelos filhos.... pelo trabalho também... pela renda da casa... mas não é fácil não, é difícil”.

Tabela 9 - Repartição justa entre o casal das tarefas domésticas e o cuidado com o filho segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009

Formas de distribuição	Abs.	%
A mulher fazer todas as tarefas	-	-
A mulher fazer toda tarefa se não trabalha fora	2	10,5
O homem fazer todas as tarefas	-	-
A mesma carga para ambos	11	57,9
A mesma carga para ambos, se os dois trabalham	5	26,3
1/3 para homens e 2/3 para mulheres	1	5,3
Outra forma de distribuição	-	-

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Tabela 10 - Tempo gasto para realizar as tarefas domésticas e o cuidado com o filho/dependente, segundo as entrevistadas, Curitiba – 2009

Indicador	Tempo Gasto	Mulher		Homem	
		Abs.	%	Abs.	%
Uso de tempo diferenciado por sexo	Até 6 horas	3	15,8	4	21,1
	Não sabe precisar o tempo, dia todo	16	84,2	-	-
	Quando quer	-	-	3	15,8
	Ajuda pouco/nada	-	-	12	63,2

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Em síntese, das 19 entrevistadas, 84,2% apontaram a divisão paritária como a mais justa para a repartição das tarefas domésticas e o cuidado com os filhos. Quanto ao uso do tempo, 84,2% delas referiram que levavam o dia todo com essas mesmas atividades, sem precisar o número de horas, enquanto 80% dos homens participavam dessas tarefas pouco ou nada ou só quando queriam.

Segundo pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio – PNAD (SOARES, 2007), 92% das mulheres trabalhadoras dedicam-se também aos afazeres domésticos, ao passo que apenas 51,6% dos homens ocupados encontram-se na mesma situação. Em relação à quantidade de horas dedicadas aos afazeres domésticos: as mulheres gastam algo em torno de 25 horas semanais cuidando de suas casas e de seus familiares, enquanto os homens gastam menos de 10 horas por semana nas tarefas domésticas. Em consequência do enfrentamento da dupla jornada de trabalho muitas mulheres têm necessidade de optar por emprego que oferecem menor jornada de trabalho ou em mercado informal.

5.3.2 Esfera da produção

A produção e a reprodução se processam em espaço e tempo diferenciados. O tempo para reprodução familiar e social incorpora, basicamente, as atividades de organização domiciliar, de lazer e de sono, que têm um grande significado para o bem-estar do ser humano. O tempo para produção econômica envolve aquele destinado ao trabalho remunerado e o gasto com deslocamento para sua realização.

A participação cada vez maior da mulher no mercado de trabalho, compondo a população economicamente ativa, é uma constante desde os anos 70 em todos os países ocidentais. No Brasil, segundo a Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílio, ano 2005, as mulheres empregadas ou à procura de emprego chegam a 59,1% da população feminina. A taxa de participação das mulheres guarda uma estreita relação com os níveis de escolaridade, que estão diretamente ligados à origem socioeconômica, além da dificuldade das mulheres mais pobres em compartilhar as responsabilidades domésticas, em particular o cuidado com os filhos.

Tabela 11 - Responsabilidade pelo sustento da família e quem deve fazê-la segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009

Indicador	Sustento da Família	Mulher		Homem		Ambos	
		Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Responsabilidade do sustento da família	Quem trabalha*	6	31,6	6	31,6	5	26,3
	Quem deve trabalhar	-	-	2	10,5	17	89,5

Nota: * 1 casal não trabalha e 1 homem preso.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Entre as mulheres desta pesquisa, 57,9% trabalhavam fora de casa e 31, 6% respondiam pelo sustento da família. Rosa sustentava sua casa, mas dizia:

“quem deveria sustentar era o marido. A mulher cuidar da casa e dos filhos, trabalhar em casa, cuidar dos filhos, dar atenção tudo pros filhos (...) É o homem, o homem, porque ele casa, ele tem que saber que vai ter a mulher, mais tarde vem os filhos, tem que sustentar. Antigamente não sustentavam? É o certo”.

Orquídea, que estava desempregada e vivia da assistência social porque o marido também estava desempregado, respondeu com firmeza à questão quem deve trabalhar para o sustento da família: *“com certeza, ele”*. Talvez a precariedade da situação em que elas viviam contribuisse para essa idealização, porque, na verdade, Rosa relatou:

“coloquei meu filho na creche e fui trabalhar por necessidade, pra não ver meu filho passar fome, pra não ver meus filhos sem roupa e sem calçado. Porque se eu não tivesse feito assim, eu não sei se eu ia estar com todos os meus filhos”.

Também Orquídea trabalhava para a subsistência dos filhos: *“e agora que trabalho como diarista é tudo pra eles, quando eles ficam com vontade de comer alguma coisa, eu penso vou trabalhar para eles”*. No entanto, 89,5% das entrevistadas responderam que a responsabilidade pelo sustento da família cabe ao casal.

E, para elas, o trabalho fora de casa revestia-se de significados concretos. Cravo explicou que trabalhava

“pra poder manter a família” e complementou: “tem também porque eu posso dizer que eu posso ganhar esse dinheiro, eu tenho capacidade para isso, independente do que for o serviço. Como doméstica é um serviço que muitas pessoas acham que é um serviço que é rebaixado, mas não, é um serviço mas não, essa é a minha capacidade, eu faço bem feito (...) Porque independente disso, eu preciso e a pessoa que me contratou também precisa”.

Agapanto também trabalhava

“pra ajudar e porque eu me sinto melhor. Porque pra mim ficar parada me deixa muito estressada e também para realizar um sonho que eu tenho vontade de um dia conseguir ter um cantinho, um terreno, alguma coisa, porque aqui não me pertence (...) Então, trabalho pra conseguir alguma coisa mais pra frente pra mim.”

Petúnia esclareceu que *“tudo tem que pedir pra ele, tudo você tem que falar que precisa de tanto aí, tem que falar, ‘ah, mas já te dei tanto tal dia’, então aí sei que esse é meu, eu sei o que vou fazer”*. Dália por sua vez contou que *“no começo, quando eu comecei a trabalhar, eu achava que era independência, mas agora é pra ajudar a manter”*.

Para a grande maioria das entrevistadas, o que se observa é que elas estavam inseridas no trabalho informal, menos qualificado, com parca remuneração, sem as garantias dos direitos trabalhistas. Abramo (2007, p.27), ao analisar a inserção das mulheres no mercado de trabalho latino-americano, constata como principais tendências negativas o que se verificou neste estudo:

aumenta significativamente o índice de desemprego entre as mulheres, em especial as mais pobres, assim como a margem de desemprego entre homens e mulheres;
o número de mulheres empregadas no setor informal em relação ao total da força de trabalho feminina é superior ao de homem nesta situação, tendo aumentado durante os anos de 1990;
o total de mulheres que não conta com nenhum tipo de proteção social é superior ao número de homens na mesma situação, apresentando aumento nos anos 1990.

Aquelas com nível universitário trouxeram outras questões, tal como Junquilha, para quem o significado do trabalho fora de casa:

“É a independência profissional, realização profissional (...) consegui o status na minha profissão enquanto eu (...) não tive a minha família, digamos assim. (...) Porque eu viajava na outra empresa que eu trabalhei. Ah, precisa fazer (...) uma ação trabalhista lá em Maringá, Ah, eu vou... Ah, precisa, eu vou... De repente, eu não posso mais porque eu tenho uma família, um filho. Então, eu fui limitada neste sentido, (...) financeiramente na empresa. Mas eu consegui minha realização profissional; aí eu fui até no meu limite; daí chegou o momento que eu quis reconstruir minha família”.

Margarida trabalhava no escritório da família e, além da

“manutenção da família (...) É como eu estou sozinha, atualmente eu sou o chefe da família, se eu não trabalhar, não anda. Também uma independência porque, né?... sei lá, de repente se fosse só depender de uma pensão do ex-marido ou coisa assim, não tem como...”

Ainda para Abramo (2007, p.26), as desigualdades entre homens e mulheres no trabalho são mantidas por vários fatores derivados da divisão sexual do trabalho e de uma ordem de gênero: “...que destinam à mulher a função básica e primordial de cuidar da vida privada e da esfera doméstica, e o mesmo tempo atribuem a esse universo um valor social inferior ao mundo ‘público’ (e desconhecem por completo seu valor econômico).”

Tabela 12 - Significado do trabalho remunerado segundo as entrevistadas – Curitiba - 2009

Significado do Trabalho	Abs.	%
Independência	7	36,8
Realização pessoal	7	36,8
Ajuda financeira para manter a família	9	47,4
Saída do espaço doméstico	5	26,3
Manutenção da família	5	26,3

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Em síntese, a ordem de prioridade para o significado do trabalho – independência, realização pessoal, ajuda financeira para manter a família,

saída do espaço doméstico e manutenção da família, se for chefe da família – identificada nesta pesquisa foi: ajuda financeira para manter a família (47,4%) e independência e realização pessoal (36,8%).

Tabela 13 - Mudança na vida profissional após a alteração no estado civil ou nascimento dos filhos, segundo entrevistadas – Curitiba - 2009

Mudança na vida profissional	Realidade				Idealização			
	Sim		Não		Sim		Não	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Mudança do estado civil	13	68,4	6	31,6	-	-	19	100
Nascimento dos filhos	9	47,4	10	52,6	4	21,1	15	78,9

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Indagadas se a vida das entrevistadas sofreu alguma alteração após a mudança do estado civil ou nascimento dos filhos, 68,4% responderam que sim, com a mudança do estado civil e 47,4%, com o nascimento dos filhos. No plano da idealização, todas elas (100%) responderam que não deveria haver modificação em sua vida profissional com o casamento ou a separação; porém, quando se trata do nascimento do filho, esse percentual cai para 78,9%.

As falas a esse respeito dão conta das seguintes situações. Com sua união, Copo de Leite teve a vida profissional alterada porque *“ele não me deixava trabalhar direito, ia me buscar no emprego e era ciumento”*, mas não com o nascimento da filha *“porque daí você tem que ter mais consciência, agora tem alguém que depende de você”*. Orquídea alterou sua vida profissional em função do companheiro

“não estou crescendo na vida por causa dele, por não ter o apoio dele. Mas eu acho que não tem que desanimar para continuar tentando ter um futuro bom, um salário bom também, não só pelas crianças, mas também pelo conforto” – e dos filhos *“perdi a liberdade, eles me prendem muito para poder fazer as coisa. Até mesmo pra crescer na vida”*.

Violeta sempre trabalhou, antes e após o casamento,

“trabalhava, mas como não sou formada, eu nunca trabalhei numa coisa só Então, depois que eu tive as crianças foi mais difícil eu

trabalhar (...) daí não tem com quem deixar, daí até arrumar a creche, a creche de segunda a sexta, não tem creche no sábado e domingo, tem muito serviço que todo o mundo trabalha a semana inteira, então, depois que eu casei, foi mais difícil para eu trabalhar”.

Begônia teve seus planos profissionais alterados com o casamento:

“eu queria ser professora, queria, (...) no começo mil maravilhas mas depois... por isso que eu digo assim ‘não case, faça tudo que tem que fazer primeiro’ (...) depois que casei, já vem elas, aí como tem que pagar alguém para cuidar também fica pesado, o estudo também custa, complicou”.

Margarida referiu-se à ocorrência de mudança com o casamento, o nascimento dos filhos e a separação:

“No começo, sim. Agora estou mais estável, mas no começo, eu tinha bastante dificuldade, porque eu tinha que estudar também, então... eu trabalhava, não aqui no escritório, daí trabalhava em outro lugar, daí estudava à noite. (...) É que eu tive minha filha com dezoito anos, então, mudou tudo, mudou tudo, mas eu ... digamos assim, eu não tinha vida profissional nessa idade. Eu era estudante, então, eu continuei estudando, mas porque meus pais sempre me ajudaram assim... tanto financeiramente como também ajudando a cuidar dela, ficar com ela, tudo (...) pra eu poder estudar, me forma tudo.” Apesar de ser ajudada pelos pais, ela disse que o nascimento do filho “Não deveria, mas altera. Altera bastante. Principalmente para a mulher, acho que para o homem passa meio despercebido, assim, mas para a mulher acho que interfere bastante no período que tem o bebê até os primeiros dois anos.”

A seguir, procurou-se saber como as entrevistadas conciliavam o trabalho externo, o trabalho doméstico e os cuidados com os filhos. Algumas delas contavam com a ajuda de algum membro da família, como Amor Perfeito, cuja mãe lhe prestava ajuda nos serviços domésticos e nos cuidados com as crianças, “a maioria das vezes”, mas ela complementou: “olha, eu chego em casa, tento entrar em acordo com a turma aqui, e depois que arrumo tudo, fico com ele, brinco, dou a atenção que eles merecem”. Margarida disse que tinha “um apoio grande” da família, além disso a filha

ficava com ela meio período, pois o escritório onde trabalhava era da família e estava localizado anexo à casa dos familiares:

“Bom, pra mim, acho que como eu tenho trazido minha filha para cá, acho que é fácil. Ela vai para a escola de manhã e à tarde ela fica aqui comigo. Daí vai pra casa, comemos, no outro dia de manhã é a mesma coisa”.

Violeta era agregada na casa da sogra, o que lhe facilitava trabalhar fora:

“então aqui na minha sogra é mais fácil, porque mora um monte de gente, então, digamos, eu trabalhava, eu quase nem fazia as coisas assim, tipo faxina, essas coisas.” Ela reclamava, porém, que não conseguia trabalhar fora devido à falta de creche *“no sábado e no domingo”*.

A depender do ciclo de vida, efetivamente a creche constitui um importante apoio para a mãe que trabalha fora, como narra Azálea:

“eu continuei trabalhando justamente porque a empresa que eu trabalhava tinha uma creche atrás da firma. Era uma empresa boa, eu poderia dar assistência o tempo que eu quisesse ali também, porque era um serviço de laboratório. Então, você tem análise pra fazer de tempo em tempo, aí eu amamentava lá na creche, era bem tranquilo. Pra mim, era bem tranquilo. Se as empresas atendem às expectativas das funcionárias, eu acho que a produtividade é maior”.

Aquelas que não contavam com nenhum tipo de colaboração criavam estratégias próprias para conciliar a vida doméstica com a profissional. Lótus disse que se programou:

“isso, quando eles eram pequenos, eu arrumava a mesa pra eles tomarem café, deixava a roupa separada pra irem pra escola, então, quando eles foram crescendo e vendo que eu estava fazendo aquilo, então eles já começaram a se arrumar sozinho. A única coisa que eu cuidava mais e ainda cuido é a alimentação, porque se deixar, eles não comem direito, então deixo tudo prontinho pra eles chegarem da escola, do serviço e comer.”

Agapanto comenta:

“Acho que pelo meu rosto dá pra ver. Eu não tinha hora. Chegava do serviço, era casa, lavar roupa... era tudo... não tinha horário nem pra dormir (...) Sempre foi assim. Até inclusive junto com ele mesmo aqui, até mesmo depois sem ter os filhos, sem nada, sempre chegava do trabalho dez e meia, eu é que ia fazer janta, organizava a casa limpava...”

Begônia trabalhava como autônoma por isso *“como eu falei, elas vão pro colégio e tenho cinco horas livres, então pra mim [trabalhar]”*.

Como visto, a divisão igualitária dos trabalhos domésticos ainda constitui um fator de sobrecarga da mulher; ao sair de casa para exercer atividades remuneradas, elas incorporam mais uma obrigação. As falas desta pesquisa estão consonância com a literatura sobre o tema; Sorj (2005, p.80) afirma que “em diferentes sociedades, não importando o nível de desenvolvimento em que estejam, as mulheres continuam sendo praticamente as únicas responsáveis pelo trabalho doméstico”.

Outras questões emergem do tema em função do aspecto imprescindível do trabalho para a manutenção da família e a melhoria das relações de gênero. Tem-se, assim, a necessidade de uma transformação cultural, pois, conforme Matos (2005, p.94):

... especialmente as mulheres são as mais diretamente implicadas, e por que não dizer interessadas mesmo, nesse processo de mudanças nos padrões de valoração de gênero já que são elas que acabam fazendo toda a sorte de ‘acrobacias’ existenciais para dar conta das duplas ou triplas jornadas de trabalho advindas justamente desse processo ainda incompleto.

De acordo com a autora citada, esse processo de valoração, pela via do movimento feminista, conseguiu alguns avanços, tal como a ruptura com as formas predominantemente patriarcais em que se organizavam as sociedades, “mas houve pouco investimento nas mudanças de gênero nas referências culturais e normativas”.

Isso implica, por exemplo, que as mulheres exerçam o seu direito de inserção e permanência no mercado de trabalho formal e deixem de

acreditar que seu trabalho é inferior, por isso sua remuneração desigual, ainda que com funções similares ao do homem. Em especial para as mulheres de baixa renda, como constatado nesta pesquisa, é preciso investimento na sua escolaridade e formação que contribua para uma melhor qualificação profissional, com vistas à ampliação de visão do mundo e construção de sua autonomia.

6. DISCUSSÃO

Esta tese foi orientada para apresentar uma proposta de indicadores que contemplem a dinâmica familiar e as relações de gênero para identificar as desigualdades relacionadas à violência. Para tanto, foram definidos indicadores compostos em quatro áreas: produção interna ou “esfera da reprodução”; produção externa ou “esfera do trabalho remunerado”; redes sociais e apoios familiares; e poder de decisão.

Como visto anteriormente, as entrevistadas desta pesquisa, em sua maioria, consideravam que a divisão justa das atividades domésticas e dos cuidados com filhos seria aquela em que a responsabilidade fosse igualitária entre homens e mulheres, com a ressalva de que se a mulher não trabalha fora poderia assumi-las integralmente. Essa posição deixa perceber que os papéis tradicionais exercidos na esfera privada ainda não sofreram transformações: à mulher cabe o “domínio do lar” com todas as implicações. Já na esfera pública, ela conseguiu romper, em parte, com alguns desses papéis, ocupando os diferentes espaços até há pouco tempo destinados ao homem.

Contudo, quando se reflete sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho, verificam-se inúmeras questões que evidenciam a desigualdade entre os sexos. Dentre as questões mais referidas na literatura, têm-se a sobrecarga de trabalho e não o reconhecimento do trabalho doméstico. Araújo e Scalón (2005, p.45) constataam que:

...apesar das modificações ocorridas no mundo do trabalho e da tendência crescente à participação da mulher na esfera pública, não são determinantes para alterar substantivamente as características quase universais da divisão sexual do trabalho doméstico, que tendem a apresentar poucas alterações de contexto para contexto. No Brasil, essas características não são diferentes, conforme evidenciam vários estudos...

Com efeito, “essas características quase universais” são também destacadas por Inglez (1997, p.18) quando trata do tema na sociedade portuguesa:

Um dado que deve ser relevado é a aparente oposição presente nas opiniões dos indivíduos, o que demonstra uma evolução diferencial em termos dos valores associados aos papéis das mulheres, pois se por um lado a realização profissional das mulheres é reconhecida como legítima e positiva por uma esmagadora maioria da população, por outro lado, cerca de metade desta população continua a atribuir às mulheres a responsabilidade no desempenho das tarefas domésticas e no cuidado aos filhos. Contradição ideológica que impõe às mulheres, mesmo no plano normativo uma sobrecarga de trabalho, uma dupla jornada entre o mundo doméstico e o mundo profissional.

Pode-se inferir dessas colocações que, em comparação ao homem, há uma desvantagem feminina na inserção e manutenção do trabalho externo. Com efeito, ao tratar da escolarização e do trabalho como determinantes para reduzir as desigualdades entre gêneros, o II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres (BRASIL, 2008, p.32) diagnostica que o maior acesso à educação por parte das mulheres não propiciou maior inserção no mercado de trabalho, em comparação aos homens. Nos termos do documento: “muito há, ainda, que caminhar no que se refere à garantia de condições igualitárias de entrada e permanência no mercado de trabalho, bem como na remuneração pelas atividades ali desenvolvidas.” Tanto é assim que: o desemprego feminino, no Brasil, no ano de 2006, foi maior do que o masculino (11% e 6,4%, respectivamente); as mulheres estão inseridas no mercado de trabalho informal em maior número do que os homens e, em consequência, com menor ou nenhum nível de proteção social; das mulheres que trabalham fora, 90,2% têm dupla jornada de trabalho – afazeres domésticos e cuidados com os filhos – para 51,4% dos homens, o que acarreta menor jornada de trabalho e menores ganhos.

A situação das entrevistadas parece confirmar, e às vezes até agravar, esse quadro: metade delas encontrava-se desempregada ou em serviço temporário; o percentual de homens que dividiam o trabalho

doméstico era de 36,4% e dos que cuidavam dos filhos, 15,8%. Além disso, a grande maioria delas referia que, com o casamento ou nascimento dos filhos, sua situação profissional foi alterada, embora elas defendessem que tais episódios da vida não deveriam provocar mudanças nas condições de trabalho externo. Mesmo aquelas que possuíam nível superior de ensino diziam que sua menor disponibilidade em função da maternidade resultou em perdas de posição e remuneração no trabalho, apontando para a questão da discriminação. Estas, porém, mostraram valores e práticas mais igualitários em relação ao gênero, o que vai ao encontro do que afirma Sorj (2005, p.87): “A educação, em particular, se destacou como um vetor importante de aquisição de um sistema de crenças mais igualitário sobre a relação entre o sexo”.

Essa igualdade entre os sexos também pode ser aquilatada pela posição de referência na família. Oliveira (2005, p.141) assevera que, em função do “modelo cultural vigente”, “Quando a mulher é referência, o exercício desse papel não é acompanhado da função de provisão, que garante recompensa simbólica que marca o desempenho desse papel familiar”. Nesta pesquisa, porém, as mulheres separadas eram as que exerciam o papel de referência na família, as que conviviam com seus companheiros trabalhavam para ajudar na manutenção do domicílio, e era por essa via que algumas conseguiam certo grau de independência. Na esfera da idealização, para grande parte delas, o sustento da família deveria ser responsabilidade do casal, podendo-se inferir que mais do que a “recompensa simbólica”, elas desejavam a paridade dos papéis.

Nessa ordem de idéias, cabe discutir sobre o poder de decisão pessoal e na família da mulher. A esse respeito, Inglez (1997, p.31) faz a seguinte reflexão:

... além de se saber quem faz o quê e em que proporção, é igualmente fundamental saber quem decide o quê, que é responsável pela gestão cotidiana e quem detém “autoridade negativa” ou seja a autoridade de impor limites às ações dos outros membros da família ou ainda quem exerce uma autoridade legítima ou apenas por delegação de competência. O jogo das tomadas de decisões sobre a gestão da casa, a vida doméstica,

as opções pessoas, a vida dos filhos, etc., diz muito acerca da igualdade entre os membros masculinos e femininos na família, estabelecendo um padrão de paridade ou de subordinação, ou ainda poderes diferenciados consoante sectores – nas áreas tradicionalmente femininas o poder é feminino e vice-versa.

Nesta pesquisa verificou-se uma tendência ao “padrão de subordinação” a que se refere a autora, pois às entrevistadas competia o domínio da casa, a educação e a definição do lazer dos filhos, enquanto o gerenciamento dos recursos e investimentos da família era realizado pelos homens, em maior proporção. Além disso, quando se fazia necessária alguma punição aos filhos, a “autoridade negativa” era exercida pelo homem, algumas vezes por solicitação da própria mulher. Diante disso, pode-se afirmar que ainda persiste a dualidade tradicional dos papéis reservados aos homens e às mulheres.

É também devido a essa situação que a mulher irá encontrar apoio e solidariedade em outras mulheres, seja para cuidar de seus filhos quando ela trabalha fora, seja para dividir os afazeres domésticos, o que, para Inglez (1997), constituiria mais um indicador de desigualdade de gênero. Aqui pode-se apontar a ausência de políticas públicas como um agravante na questão dessa desigualdade. Por exemplo, algumas entrevistadas alegaram que não podiam trabalhar porque não contavam com a creche para deixar seus filhos; outra disse que sua vida profissional foi facilitada porque a empresa lhe oferecia uma creche no local de trabalho.

Se até o momento parecia ser reforçada uma vivência mais tradicional das mulheres – e, portanto, mais desigual em relação aos homens –, no que tange aos arranjos conjugais a indicação é de que, no caso das entrevistadas, houve uma ruptura com as antigas formas de compreender o casamento, talvez acompanhando as transformações ocorridas na sociedade. No entanto, essa compreensão não se reflete na condução da vida conjugal dessas mulheres, visto que elas não conseguiam desvencilhar-se de uma relação conflituosa. Neste caso, pode-se supor que o ideal romantizado de família, repassado de geração a geração, estaria contribuindo para alimentar a expectativa de uma união harmônica.

Um quadro de desvalorização em que não há lugar para a concretização de expectativas pessoais, em que não se têm condições de estabelecer um tempo livre para o lazer e para os cuidados necessários à preservação da saúde, com a agravante da sobrecarga de trabalho, muitas vezes pode levar à maior incidência de doenças físicas e mentais.

Neste ponto torna-se oportuno refletir sobre a equidade de gênero em saúde. Fonseca (2005, p.456), apoiada em Whitehead, entende equidade em saúde “como a superação das desigualdades que, num contexto histórico e social, são evitáveis e consideradas injustas, implicando que necessidades diferenciadas da população sejam atendidas por meio de ações governamentais diferenciadas”. Tome-se como exemplo a naturalização da mulher na esfera privada relacionada às especificidades biológicas; uma concepção que deve ser rompida com a “destraditionalização” dos papéis hierárquicos entre os sexos e considerando que:

La utilidad de la categoría de género es amplia, implica no solamente el modo como la simbolización cultural de la diferencia sexual afecta las relaciones entre hombres y mujeres, sino también cómo estructura la política, la economía, el sistema jurídico legal, las instituciones del Estado, la vida privada, la intimidad, las ideologías, las ciencias y otros sistemas de conocimiento, etc. (ECHENIQUE et al., 2006, p.72)

Barata (2006, p.465), ao analisar as desigualdades sociais e saúde, traz a proposição de Hertzman & Siddiqi de estudar essas desigualdades “em três dimensões articuladas”: nível macrossocial, nível intermediário e nível microssocial. Conforme esclarece a autora, no primeiro nível seriam examinados os fatores relativos ao Estado (“riqueza nacional, a distribuição da renda, a urbanização e industrialização, nível de emprego e a estrutura de oportunidades para suportar a saúde e o bem-estar da população”); no segundo nível a análise recairia sobre os fatores pertinentes à organização social (“coesão, confiança, capacidade de resposta das instituições, que facilitam ou dificultam a solidariedade e a cooperação”); e no nível microssocial seriam estudadas “as redes sociais de suporte familiar e pessoal”.

Nesse sentido, entende-se que as áreas que compõem os indicadores desta tese podem contribuir para evidenciar as desigualdades de gênero nas três dimensões citadas, bem como estabelecer a estreita ligação dessas iniquidades com a prática da violência. Essa contribuição está em consonância com a advertência de que: “Cualquier forma de discriminación o desigualdad de género es una negociación de los Derechos Humanos, un obstáculo para el progreso y una barrera en el camino al desarrollo humano”. (ECHENIQUE et al., 2006, p.13)

A mesma autora defende que o desenvolvimento humano passa pelo “empoderamento” das mulheres, num processo de ampliação das opções. Lisboa (2008, p.2) entende o “empoderamento” feminino como “um poder que afirma, reconhece e valoriza as mulheres; representa um desafio às relações patriarcais, em especial dentro da família, ao poder dominante do homem e a manutenção de seus privilégios de gênero”.

No caso desta pesquisa, pode-se afirmar que a divisão paritária do trabalho pretendida pelas entrevistadas ainda se encontrava no plano da idealização. Para efetivá-la, será necessário romper com as noções tradicionais da dinâmica familiar que elas próprias receberam por herança e, não raro, continuam a preservar.

Isso remete à construção da autonomia no plano individual e do “empoderamento” no plano coletivo. Para Lefevre e Lefevre (2004, p.152), as pessoas que optam, “de forma esclarecida e livre”, por alternativas que lhes são dadas podem ser denominadas autônomas, pois elas decidem por si o que lhes parece melhor para sua vida, “de acordo com seus valores, expectativas, necessidades, prioridades e crenças pessoais”. Liberdade e racionalidade, ainda de acordo com esses autores, seriam, portanto, os fundamentos das ações de uma pessoa autônoma. Nesses termos: “autonomia significa que a pessoa pode se mover dentro de uma margem própria de decisão e de ação, pois se o indivíduo não pode escolher o que lhe acontece, ele pode escolher o que fazer diante da situação que lhe é apresentada...”. Os autores complementam: “A ação autônoma também pressupõe que exista liberdade de ação e requer que a pessoa seja capaz de agir conforme as escolhas feitas e as decisões tomada”.

Na promoção da saúde, além da responsabilidade individual – portanto, do exercício de autonomia –, devem concorrer as ações comunitárias, pelo implemento de estratégias de difusão de informações técnicas de conscientização política. Dessa forma, ter-se-iam conjugados autonomia e “empoderamento”. Buss (2003, p.27), ao analisar a promoção da saúde a partir das conferências internacionais, esclarece que a

Carta de Ottawa enfatiza que as ações comunitárias serão efetivas se for garantida a participação popular na direção dos assuntos de saúde, bem como o acesso total e contínuo à informação e às oportunidades de aprendizagem nesta área – é o conceito de *empowerment* comunitário, ou seja, a aquisição de poder técnico e consciência política para atuar em prol de sua saúde.

As falas das entrevistadas revelaram que a existência da maioria dessas mulheres caminhava em paralelo e distante dessas recomendações no que se referia ao bem-estar e à qualidade de vida, também como consequência da iniquidade a que estavam submetidas. Acompanhando os argumentos de Onocko Campos e Campos (2006, p.671) sobre a reconstrução de autonomia do sujeito, pode-se dizer que a elas caberia colocar em ação suas capacidades de agir sobre a realidade em que viviam, de alterar sua própria “rede de dependência”, aprendendo a lidar com os conflitos e estabelecendo compromissos de divisão de responsabilidades com os demais membros da família, principalmente com os companheiros.

Vale lembrar que a grande maioria das entrevistadas convivia com parceiros usuários de drogas lícitas e ilícitas, o que dificultava qualquer negociação que visasse a uma vida harmônica familiar. Essa situação, acrescida das dificuldades inerentes às suas próprias histórias de vida, reforçava a incapacidade delas para uma reação pró-ativa.

Quanto à inserção delas no meio social, observou-se que a atuação das entrevistadas, na maior parte das vezes, se reduzia a uma procura emergencial dos serviços públicos, neste caso a notificação da violência sofrida. Por exemplo, o Programa Mulher de Verdade prevê um acompanhamento jurídico-psicológico às mulheres vítimas de violência, mas nem sempre a mulher agredida pode beneficiar-se totalmente desse

atendimento em virtude quer da escassez de recursos para a locomoção, quer da impossibilidade de faltar ao trabalho externo ou de deixar sua casa e filhos, quer, ainda, por não ter consciência da importância das práticas recomendadas. Logo, elas acabam não estabelecendo uma interação com esse serviço a ponto de contribuir com sugestões, com demandas, enfim, não exercem um controle social. Ao se entender que a autonomia se constrói a partir da interação do sujeito com o seu mundo, o que inclui as instituições e as políticas vigentes, num universo como o das entrevistadas, será preciso atuar em uma via de dupla mão: as instâncias públicas devem promover de forma contínua e acessível a informação técnica a que elas têm direito e elas devem pôr em prática o exercício da cidadania exigindo o cumprimento de seus direitos.

A esse respeito, Onocko Campos e Campos (2006, p.672-674) trazem que:

...na ordem social, a questão da autonomia aparece como questão política [...], é uma resultante das conformações sócio-históricas que se materializam em relações de poder. [...] a política deveria ser (e é, ainda que às vezes não conseguimos apreciar esse fato) ponto de criação e de regulação da autonomia. Examinemos a questão: na medida em que as pessoas se constituem como cidadãos responsáveis numa sociedade democrática, elas podem – e devem – agir em prol de formas de organização que propiciem a libertação (isto é, a possibilidade de exercício de graus maiores de autonomia) por parte de cada vez maior número de pessoas. Isso como um caminho para facilitar a condenação de práticas deploráveis e corruptas, etc. Esse seria o exercício da política incidindo na produção de autonomia, como uma finalidade, como uma diretriz essencial. Mas, por sua vez, precisamos da política como resistência, isto é, como ferramenta para impedir o exercício desenfreado e arbitrário do poder. A obscenidade da autonomia do que acumula poder esmagando a grande maioria que cada vez parece poder menos (graus menores de autonomia).

Observa-se, contudo, que a expectativa de que um número cada vez maior de pessoas possa atingir graus cada vez maiores de autonomia pode ser frustrada na sociedade contemporânea em função da fragmentação sofrida pelos indivíduos. Para os autores acima citados: “Mais

do que autonomia, fragmentação. Isolamento. Vertigem. Parece já não haver mais tempo para a reflexão e escolhas.” (p.676). Daí a necessidade, ainda de acordo com eles, de uma ressalva quanto ao conceito de autonomia, para que o ser humano autônomo seja entendido como alguém “crítico, reflexivo, democrático” (p.677). Com isso quer-se dizer que a obtenção de igualdade entre os gêneros passaria também pelo desenvolvimento de tais atributos.

Feitas tais reflexões, apresenta-se, a seguir, a proposta dos indicadores de gênero na família elaborados a partir das desigualdades vivenciadas pelos sujeitos da pesquisa.

6.1 UMA PROPOSTA DE INDICADORES DE SUBALTERNIDADE DE GÊNERO NA FAMÍLIA

Diante das reflexões feitas anteriormente, apresenta-se, a seguir, uma proposta de indicadores de gênero na família, elaborados a partir das desigualdades vivenciadas pelas mulheres sujeitos da pesquisa expressas nas frases temáticas.

As frases temáticas foram classificadas de acordo com áreas e os indicadores correspondentes, em dois níveis:

- a) da realidade: aquilo que ocorre realmente na relação da mulher com a família, o trabalho, os demais representantes da sua rede social - família, amigos, coletividade - e poder de decisão sobre a sua vida;
- b) da idealização – como ou o que ela gostaria que fosse se pudesse transformar a realidade.

A partir daí, as frases foram ainda classificadas segundo a possibilidade de o seu conteúdo reiterar as condições de desigualdade e subalternização ou superar a desigualdade e a subalternização.

As que não correspondiam a esses níveis, como as referentes às concepções acerca das relações homem-mulher, fidelidade, casamento etc., foram classificadas em reiteradoras ou superadoras das concepções hegemônicas vigentes.

O que se observou foi uma realidade que reflete as desigualdades e subalternidades que levaram aos episódios de violência vivenciados, confirmando o pressuposto do estudo. Já no que tange às idealizações detectaram-se vislumbres de relações de gênero baseadas na harmonia, no equilíbrio de poder e na felicidade total, que se sabe de antemão que é inexistente.

No tocante às concepções, igualmente apareceram idealizadas praticamente não havendo contrapontos mais condizentes com a realidade. Isso faz crer que a vida destas mulheres é ou foi tão sofrida que só mesmo acreditando em milagres poderiam sobreviver aos maus tratos e à violência. De igual forma configurou-se o conjunto de expectativas em relação aos filhos: de negação do casamento e necessidade de educação (superior) como forma de conquista da liberdade e da autonomia.

Finalmente, acredita-se que este estudo pode servir de subsídios para a elaboração de instrumentos que possam auxiliar a detectar a vulnerabilidade das mulheres em relação à violência, a partir da detecção de situações vividas em que ficam evidenciadas a subalternidade e a desigualdade de gênero, em especial no âmbito da família. Para tanto, dado que as frases não completaram um quadro de possibilidades mais completo, poderiam ser coletados mais depoimentos seguidos dos mesmos procedimentos já relatados para enriquecer o conjunto de frases.

Outra etapa importante será aplicar o questionário com as frases solicitando que as mulheres apontem aquelas que refletem sua vida e sua forma de pensar. Em seguida, deverão ser estabelecidos scores que podem indicar ou não situações críticas em relação à possibilidade da ocorrência de violência. Será importante também, a partir disso, trabalhar com elas no sentido de que encontrem a superação das situações problemáticas e reforçar aquelas facilitadoras da conquista da autonomia e do empoderamento.

Dessa maneira, acredita-se estar contribuindo para uma assistência generificada e superadora, que possa facilitar o caminho da vida das mulheres em direção à felicidade, ideal humano ainda insuperável. E ninguém pode ser feliz se oprimido pelo outro, no caso, alguém que já foi parceiro afetivo e cujos sonhos e desejos foram em algum momento compartilhados.

Quadro 2 - Área de produção Interna ou “Esfera da Reprodução” – Frases temáticas componentes dos indicadores de subalternidade de gênero na família, segundo os níveis da realidade ou da idealização, e o significado do conteúdo, segundo a perspectiva de reiterar ou superar as desigualdades e a subalternização da mulher

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Responsabilidade sobre as tarefas domésticas	Realidade	Reitera a desigualdade e a subalternização	<p>Tudo eu, tudo eu... eu chegava em casa estressada, chegava cansada, me estressava em ver aquela casa toda bagunçada, tudo pra fazer; louça pra lavar, cama para arrumar, roupa para lavar, roupa pra passar, casa para varrer. Ah!!! É muito estressante (Beijo)</p> <p>A falta de colaboração dos homens nas tarefas domésticas já vem da educação, da educação errada que a própria mulher dá. Porque homem não chora, homem não faz isso, homem não faz aquilo... (Beijo)</p> <p>Ele não faz nada. Fica em casa e não enxerga que tem um quintal pra limpar, não enxerga nada que tem pra fazer dentro de casa. (Beijo)</p> <p>Aqui em casa, as três se ajudam, eu e as meninas, porque homem geralmente, não faz essas coisas. Isso é tarefa da mulher. (Cravo)</p> <p>As compras muitas vezes o pai dela vem trazer alguma coisa, mas o resto... (Cravo)</p> <p>Quando os filhos são pequenos, você trabalha dia e noite sem parar, porque a gente vai fazendo automático, muitas vezes, até de noite, espera o filho dormir para poder fazer as coisas. (Cravo)</p> <p>Geralmente o serviço da mulher é bem mais, porque o homem chega do trabalho, senta aqui e pronto. Não querem saber se a gente tem roupa pra lavar, se tem os filhos pra dar banho, se tem a janta pra fazer, eles não querem saber de nada, só querem tudo prontinho. (Rosa)</p> <p>As tarefas são divididas pelo casal porque os direitos são iguais, não interessa, não é porque é homem que é só levantar, chegar em casa e estar tudo limpinho, não, é igual, mas acho que a gente trabalha mais do que eles ainda. (Begônia)</p> <p>Geralmente sou eu que faço o serviço, mas quando ele está inspirado, ajuda até a hora de desanimar, quando desanima, ele para. (Orquídea)</p> <p>Levo o dia inteiro para fazer as tarefas de casa, enquanto ele leva umas quatro horas. Quem tem criança pequena não adianta dizer que descansa porque não descansa. No mês passado que eu fiz uma cirurgia ele pagou uma diarista, porque ele não deu conta. A gente tem que dar conta e não falar nada. (Petúnia)</p> <p>Normalmente quem faz é eu e a minha sogra. O meu marido aqui em casa não faz nada, nem o banheiro quando ele usa. (Violeta)</p> <p>Fui casada, eu trabalhava e fazia tudo [tarefas domésticas], porque o homem não aceita esse tipo de tarefa. (Crisântemo)</p> <p>Quando a gente [mulher] está em casa, nunca descansa, está cuidando do filho, está fazendo a tarefa de casa, fazendo as duas coisas ao mesmo tempo. (Crisântemo)</p> <p>Eu bem que tentava, mas eu nunca sabia fazer nada, porque sempre a mãe dele era melhor, ou ele fazia melhor do que eu. Então chegava final de semana era ele que lavava, limpava a casa, era ele porque eu sempre fui burra, nunca sabia fazer nada. (Dália)</p>
		Supera a desigualdade e a subalternização	<p>Nós fazemos assim... Quando os dois trabalham fora, fazemos juntos, e quando eu estou em casa, uma vez por semana, eu faço todas as coisas. (Amor perfeito)</p> <p>Quando ele está viajando, tudo é comigo, casa, criança, conta, mercado, banco, mas quando ele está em casa, ele ajuda dá banho nas crianças, cozinha, é tudo dividido. (Petúnia)</p> <p>Nosso relacionamento era bom porque era dividido, não ficava pesado nem pra ele, nem pra mim, e assim ele valorizava o meu serviço e via que administrar uma casa não é fácil. (Junquilha)</p>

continua

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Responsabilidade sobre as tarefas domésticas	Idealização	Supera a desigualdade e a subalternidade	<p>Se os dois trabalham fora, se os dois lutam juntos, nada mais justo que tudo ser dividido: enquanto um dá banho nas crianças, o outro faz a janta, ou vice-versa; caso a mulher não trabalhe fora eu acho correto a mulher fazer as coisas, mas nada impede que o parceiro ajude alguma coisa, colabore com alguma coisa (Beijo)</p> <p>Homem tem que aprender sim a higiene dentro de uma casa. Tem que aprender porque um dia pode morar sozinho, pode precisar ficar sozinho. Tem que aprender a cozinhar, saber limpar uma casa, tem que saber fazer de tudo dentro de uma casa. Não vai ser menos homem por causa disso. Hoje em dia está tudo tão igual. Por que não? (Beijo)</p> <p>Tem que dividir as tarefas porque a gente não consegue fazer todas as coisas, dividir entre todos. Uma sozinha não dá conta. (Cravo)</p> <p>Os dois teriam que participar de tudo, um lava o outro seca, o outro faz comida, o outro faz aquele, tudo dividido, porque se os dois trabalham fora, os dois têm a mesma responsabilidade. (Cravo)</p> <p>Ele tem que me ajudar nos serviços também, se ele está desempregado, tem que ajudar. (Orquídea)</p> <p>Tem que ser os dois pares, enquanto a mulher faz o jantar, o marido pode dar um banho no filho, contar uma história, ou então um lava a louça o outro seca. (Rosa)</p> <p>Os dois em conjunto, principalmente como os dois trabalham, têm que dividir por igual. (Amor perfeito)</p> <p>O que eu puder fazer eu faço. O que eu não puder e o outro enxergar, ele deve fazer sem precisa ficar cobrando ou tipo você faz isso ou faz aquilo. Eu acho que aonde vê que tem coisa e pode colaborar tem que ir. (Dália)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Responsabilidade sobre os cuidados com os filhos	Realidade	Reitera a desigualdade e a subalteridade	<p>Geralmente, sempre sobra pra mãe. Acho que é da natureza da mãe. A mãe cobra mais, a mãe exige mais. (Beijo)</p> <p>O pai sempre é o bonzinho na história porque ele passa a mão [na cabeça]. Não está ali pra chamar a atenção, não está ali para tomar uma atitude (Beijo)</p> <p>Sempre fui eu que cuidei dos filhos: a educação, o médico quando estão doentes. Ele nunca se preocupou em saber se o filho precisava de leite ou alguma coisa... (Rosa)</p> <p>Estou separada há bastante tempo. Ele vem só final de semana, leva ela para passear, comprar uma roupa. Ele não participa assim da educação do dia a dia dela, os dois não se conhecem na rotina do dia a dia. (Margarida)</p> <p>Ele é o pai dela, mas ele me dá uma pensão, que é um salário mínimo e o resto fica tudo comigo. (Margarida)</p> <p>Ele não quer reconhecer a filha e fala: você fez a filha, não mandei você engravidar, a filha é tua. Fala como se eu pudesse fazer filha sozinha. O problema não é a pensão é o reconhecimento, porque eu quero a Unimed e os direitos dela. Tudo bem, eu tenho dinheiro, mas não é correto. Eu sei que na educação dela ele não vai compartilhar, vai ser muito difícil, mas pelo menos, ele vai ter que honrar os compromissos. (Junquilha)</p> <p>Eu sempre fui pai e mãe. O homem geralmente tem um amigo pra conversar, tem um barzinho pra ir, geralmente ele não participa muito dessa parte. (Crisântemo)</p>
		Supera a desigualdade e a subalteridade	<p>Algumas vezes o pai dava banho, não era um pai ausente. A condução até a escola geralmente era ele, só em alguns casos que eu ia buscar. (Azálea)</p> <p>Em casa, tanto eu e como ele trabalhamos, a responsabilidade é dos dois. Fez, não foi um que fez sozinho, foram os dois, elas não pediram para nascer, então os dois têm responsabilidade de cuidar. (Begônia)</p> <p>Durante a semana sou eu que cuido dos filhos, mas no final de semana, ele está em casa, ele pega as crianças e faz tudo, eu fico com folga no final de semana. (Amor perfeito)</p> <p>Quando ele está ajuda a cuidar das crianças, à noite revezamos, porque não é justo. As crianças não querem saber se ele tem 30 anos ou 90 anos, é pai e tem que cuidar, a mesma coisa é a reunião da escola. (Petúnia)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Responsabilidade sobre os cuidados com os filhos	Idealização	Supera a desigualdade e a subalternidade	<p>Tem que ser os dois, tanto o pai como a mãe; eu acho que tem que participar por igual. Se um não está, o outro tem que atender. (Beijo)</p> <p>Tem que ser dividido igual em tudo. A responsabilidade é das duas partes, não é só de um. Se o marido trabalha fora e a mulher não trabalha, ainda se releva, mas quando os dois trabalham, por que deixar o peso de tudo em cima de um? (Cravo)</p> <p>O filho não é só de um. É dos dois. Os dois trabalham e tem a obrigação de sustentar e de ajudar na casa. Acho que tem que ser os dois porque a igualdade é igual no trabalho e tudo mais. (Rosa)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Expectativas em relação à vida dos filhos	Idealização	Supera a subalternidade e a desigualdade negando o casamento, a maternidade e determinado tipo de trabalho	<p>Quero que eles [os filhos] tenham a vida deles profissional, tenham a vida deles particular, mas digo que evite filhos. Porque filho é muito bom, mas é muito complicado também. É uma carga muito grande. Filho é egoísta, pensam apenas no bem estar deles. Você [a mãe] abre mão de tudo aquilo que você quer pra dar aquilo que eles querem. (Beijo)</p> <p>Minha filha pretende ter uma profissão. Ela mesma já falou várias vezes, que não quer ficar em casa, cuidando de casa; ela quer ter uma profissão e ser uma pessoa independente. Ela fala que não vai casar tão cedo e não vai ter filhos tão cedo; então, torço pra isso e desejo que ela consiga. (Beijo)</p> <p>O conselho que eu dou é que elas [filhas] não casem. Esse é o conselho que eu dou para elas, que elas consigam tudo o que elas querem sozinha, sem depender de marido, de homem para nada. Eu não quero que elas passem o que eu passei. Então eu digo: não casem, se um dia vocês acharem que devem, tem necessidade, que querem casar, vocês conheçam muito bem a pessoa. (Cravo)</p> <p>Eu falo [filhas] não casem, sejam independentes porque às vezes, você quer alguma coisa ou mesmo fazer um curso o marido é contra, então namorem bastante, mas não casem, na hora que enjoar fale assim, tchau. (Begônia)</p> <p>A probabilidade é o seguinte: fazer tudo o que os pais da gente não fez com a gente, e que a gente queria que fizesse. Eu aprendi a cozinhar, a fazer as coisas com a minha avó; porque minha mãe trabalhava fora. Eu quero que minha filha aprenda a fazer tudo, desde o comecinho, vai arrumar errada a cama, mas vai arrumar uma hora ela vai aprender. (Junquilha)</p> <p>Elas podem seguir qualquer profissão, menos doméstica; para os meninos a mesma coisa, desde que eles tenham um bom estudo, consegue qualquer profissão. As crianças vêem que a gente sofre demais como doméstica, então eu acho que eles vão pensar assim: doméstica não, eu vou estudar bastante pra ter uma faculdade e um serviço decente. (Amor perfeito)</p> <p>Quanto ao casamento, só espero que ela não arrume tranqueira, que seja alguém bom, se for para machucar, deixe comigo. (Dália)</p> <p>Espero que ela seja minha parceira, confidente, tenha em mim uma amiga como eu tive em minha mãe. (Dália)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Expectativas em relação à vida dos filhos	Idealização	Supera a desigualdade e a subalteridade pela autonomia, educação e uma relação marital sem problemas	<p>Eu vou incentivar para ela morar sozinha, porque a experiência de vida e a maturidade se adquirem nesta época. Eu saí de casa com dezessete anos, a minha maturidade foi quando eu morei sozinha, que eu dei valor na mãe e no pai; até então eu era aquela menina mimada. Então é a minha intenção, porque quando você mora fora, você aprende muita coisa. (Junquilha)</p> <p>O menino acaba indo mais pra casa da namorada, acaba deixando a casa dos pais, mas eu tenho esperança de que, quando ele [filho] se casar, ele saiba dividir as expectativas dos dois casais, de lá e de cá. (Azálea)</p> <p>Todo pai e toda mãe espera, deseja, luta e batalha pelo melhor para os filhos. O que a gente pode fazer é dar estudo. Eu espero que eles se realizem, que eles consigam tudo aquilo que eles pretendem e lutem por aquilo que eles esperam e desejam, tanto profissional como na vida pessoal deles. (Beijo)</p> <p>Eu espero que minha filha arrume um homem maravilhoso pra ela, que não seja igual o pai dela. Alguém que dê amor e carinho, que seja compreensivo e possa dividir as dificuldades da vida juntos, sem brigas, que ele não beba e nem use drogas. (Rosa)</p> <p>O que eu mais quero e espero que elas [filhas] consigam fazer uma faculdade. Não desistir de estudar porque só assim vão conseguir um trabalho decente. Eu quero que elas estudem muito. (Cravo)</p> <p>Eu quero que eles estudem para ser alguma coisa na vida, quero que meus filhos sejam melhores do que eu. Não quero que eles passem pros meus netos o que eu passei pra eles, quero que meus netos tenham um futuro melhor. (Rosa)</p> <p>Eu quero fazer de tudo para eles estudarem, para ter uma boa profissão. A menina não depender do marido quando crescer e o filho que seja responsável e trabalhe e que tenha uma vida independente. (Orquídea)</p>

conclusão

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Quadro 3 - Área de produção externa ou esfera do trabalho remunerado – Frases temáticas componentes dos indicadores de subalternidade de gênero na família, segundo os níveis da realidade ou da idealização, e o significado do conteúdo, segundo a perspectiva de reiterar ou superar as desigualdades e a subalternização da mulher

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Responsabilidade pelo sustento da família	Realidade	Reitera a desigualdade e a subalternidade	Trabalhava, mas parei, o pior erro que uma mulher comete é isso. Não vale a pena você estacionar a sua vida, mesmo que seja pouquinho, mesmo que seja sacrificado, vale a pena você trabalhar fora e lutar pra conseguir sempre um emprego melhor, um trabalho melhor, e estudar também, me arrependo muito disso. (Beijo)
		Supera a desigualdade e a subalternidade	Eu fui trabalhar porque vi meu filho chorando de fome e o bendito lá bebendo. Coloquei meu filho na creche e fui trabalhar, por necessidade, pra não ver meu filho passar fome, porque se eu não tivesse feito assim, eu não sei se eu ia estar com todos meus filhos. Se dependesse dele, ele não estava nem aí, ele não se importava se o filho estava tomando mingau feito com maisena ou feito com leite, pra ele tanto faz como tanto fez. (Rosa) Como estou sozinha, atualmente, eu sou o chefe da família, se eu não trabalhar, não anda. A lei, hoje, determina que a mulher trabalhe também e seja responsável pela metade das contas. Talvez nos divórcios mais antigos, até as mulheres tinham um direito maior, mas acho que a lei está dando essa igualdade pra mulher. Então, a gente não pode mais voltar atrás, agora você tem que assumir. (Margarida)
	Idealização	Reitera a desigualdade e a subalternidade	Acho que quem deveria sustentar a família é o marido. A mulher cuidar da casa e dos filhos, porque o homem quando casa tem que saber que vai ter a mulher, mais tarde vem os filhos e tem que sustentar. (Rosa)
		Supera a desigualdade e a subalternidade	

continua

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Importância e significado atribuído pela mulher à vida profissional	Realidade	Reitera a desigualdade e a subalternidade	
		Supera a desigualdade e a subalternidade	<p>Eu vejo o tempo que eu trabalhei, não tem satisfação maior que trabalhar, você recebe o seu dinheiro e faz aquilo que você quer com o teu dinheiro (Beijo)</p> <p>O trabalho externo significa a satisfação, a independência, a parte financeira, a realização pessoal tudo, porque você se sente útil em estar fazendo alguma coisa que não seja lavando e cozinhando dentro de casa (Beijo)</p> <p>Eu posso dizer que posso ganhar esse dinheiro, tenho capacidade para isso, independente do serviço. Muitas pessoas acham que ser doméstica é um serviço rebaixado, mas ele não é, é um serviço. Essa é a minha capacidade e eu faço bem feito. (Cravo)</p> <p>Eu trabalho fora porque cansei de ficar pedindo, falar que precisa de tanto e ouvir mas já te dei tanto tal dia. Então sei que esse é meu, eu sei o que eu vou fazer. (Petúnia)</p>
	Idealização	Reitera a desigualdade e a subalternidade	
		Supera a desigualdade e a subalternidade	

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Conciliação família e trabalho	Realidade	Reitera a desigualdade e a subalternidade	É difícil porque meu marido não fica com eles, mesmo estando desempregado, não tem muita paciência. Quando vou trabalhar, fico com a consciência pesada. (Orquídea) Requer muita atenção da gente, você tem que dividir às vezes em três pra dar conta de tudo, pra ser uma boa mãe, continuar o seu trabalho lá fora e ser uma boa dona de casa, então isso muda bastante a vida. (Margarida)
		Supera a desigualdade e a subalternidade	
	Idealização	Reitera a desigualdade e a subalternidade	
		Supera a desigualdade e a subalternidade	Se eu conseguir conciliar, que vai ser complicado, mas uma hora eu consigo pelo menos me realizar profissionalmente. Eu já trabalhei como cabeleireira, eu fiz o curso e trabalhei um tempo; pretendo sim, me realizar profissionalmente, e ou lutar pra isso (Beijo)

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Reorganização profissional em face da situação de estado civil e o fato de ter filho	Realidade	Reitera a desigualdade e a subalteridade	<p>Se o parceiro for uma pessoa que colabora em tudo com você, eu acho que não interfere. Eu trabalhava, mas parei porque eu vivia cuidando da casa e dos filhos (Beijo)</p> <p>Antes de casar o meu salário era bem melhor, vivia bem, morava com os meus pais, não tinha o pensamento que eu tenho hoje, que se eu tivesse, não tinha casado. Então mudou tudo, tudo, um sonho que a gente tem quando é moça se acabou. É aquela coisa, quando você acorda é tarde demais para o erro, não existe tempo, é tarde demais. (Cravo)</p> <p>Com o nascimento das filhas tive que parar totalmente com o trabalho, as responsabilidades acabaram ficando só pra mim. Daí as desavenças que vêm sem esperar. (Cravo).</p> <p>Eu acabei abdicando da minha carreira profissional porque o meu marido cobrava mais a minha presença na casa, acabei, trabalhando pouco, de certo ele tinha condições pra isso. (Azálea)</p> <p>Eu podia estar trabalhando em alguma coisa melhor, mas com filho pequeno, não tem como você trabalhar numa empresa registrada, porque se você trabalha numa empresa registrada, primeiro lugar pra eles é o serviço, não o filho. Quando a gente ganha o filho, tem que estar consciente de que em primeiro lugar é os filhos, depois o serviço. (Rosa)</p> <p>Altera a vida profissional, porque quanto mais filhos você tem, mais problemas você tem. Quando são pequenos, não tem como você levar uma profissão adiante porque a criança sempre fica doente ou que tem isso e aquilo, torna-se mais difícil. (Rosa)</p> <p>Depois que eu tive eles, eu só trabalhei como diarista, mas quando era solteira, eu trabalhava num consultório odontológico. Agora que trabalho como diarista também é tudo para eles, quando eles ficam com vontade de comer alguma coisa, eu penso, vou trabalhar pra eles. (Orquídea)</p> <p>Mudou completamente porque quando a gente é solteira tem mais liberdade para se arrumar, ficar com uma boa aparência, mas depois que casa, pensa mais nos filhos, e a gente não fica mais com aquele ânimo de sair e procurar emprego. Perdi a liberdade, eles me prendem muito para poder fazer as coisas, até mesmo para eu crescer na vida. (Orquídea)</p> <p>Querendo ou não altera a vida profissional porque aqui eu não tenho parente, ou você espera a creche ou paga alguém para cuidar das crianças. (Petúnia)</p> <p>A separação altera em todos os aspectos, psicologicamente, financeiramente, você tem que reformular a sua vida. Você está dividindo tudo e de repente você não tem mais aquela pessoa. Então, a primeira coisa que te afeta é o lado financeiro, porque o que era dividido acaba ficando pra um só, por mais que você receba uma pensão não é a mesma coisa. (Margarida)</p> <p>Ter filhos altera bastante. Principalmente para mulher, acho que para o homem passa meio despercebido, mas para mulher interfere bastante no período que tem o bebê até os primeiros dois anos do filho. (Margarida)</p> <p>Filho para a mulher pesa e acaba sendo prejudicada. Por exemplo, se você trabalha viajando, você já sabe que é um período que não vai poder viajar e pode surgir alguém que acaba ocupando seu espaço. (Margarida)</p> <p>Eu trabalhava, mas como não sou formada, nunca trabalhei numa coisa só, depois que eu tive as crianças foi mais difícil pra trabalhar. Não tem com quem deixar os filhos e até arrumar uma creche, creche é de segunda a sexta, não tem creche no sábado e domingo, tem muito serviço que trabalha a semana inteira. (Violeta)</p> <p>Eu tive que sair do meu serviço porque era de noite, as crianças estavam sentindo muita falta, o pai não dá a mesma atenção da mãe. Depois que eles nasceram ficou mais difícil, se eu não tivesse filhos, eu podia estar trabalhando ainda e ganhando bem. (Violeta)</p> <p>No começo mil maravilhas, mas depois..., por isso que eu digo não case, faça tudo o que tem que fazer primeiro. Eu queria ser professora, casei tive filho, como tinha que pagar alguém para cuidar, ficava pesado, o estudo também custa e aí complicou. (Begônia)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Reorganização profissional em face da situação de estado civil e o fato de ter filho	Realidade	Supera a desigualdade e a subalternidade	<p>Após a separação a vida ficou melhor, eu tenho mais liberdade para tudo, até para conversar. (Cravo)</p> <p>Com o nascimento dos filhos eu continuei trabalhando justamente porque a empresa que eu trabalhava tinha uma creche atrás da firma. Era uma empresa boa, eu poderia dar assistência o tempo que eu quisesse ali, era bem tranquilo. Se as empresas atendem às expectativas das funcionárias, eu acho que a produtividade é maior. (Azálea)</p> <p>Trabalhava de manhã e estudava à noite, trabalhava o dia inteiro; depois eu continuei estudando mas aí nasceu o filho. No ano passado eu fiz um curso de informática, não era pelo curso, é mais pela coragem de você sair de novo e enfrentar. Eu estava parada há seis anos, porque tem aquelas coisas, que as crianças vão sofrer e não sei o quê, e não é assim, eu tive a coragem e estou indo lá desde julho do ano passado. (Petúnia)</p> <p>Mudou bastante porque quando eu estava casada eu não tinha terminado os meus estudos, e a separação pra mim foi o começo de tudo, foi um fim de um relacionamento, de um casamento e na outra parte foi um começo pra criar sozinha duas crianças. Eu voltei a estudar e hoje estou aqui trabalhando, mas pra mim foi bom porque eu cresci profissionalmente. (Crisântemo)</p> <p>Ele sempre quis impor as condições dele, mas não me cativou em nada, então eu fiz as minhas escolhas. Ele sempre achou que eu ganhava pouco. Queria que eu fosse doméstica pra ganhar mais. Eu falei, não, vou trabalhar aonde eu quiser. Se eu achar que não está bom, pode deixar que eu procure um lugar pra mim. Então eu nunca deixei ele se meter nas minhas decisões. (Dália)</p>
	Idealização	Reitera a desigualdade e a subalternidade	
		Supera a desigualdade e a subalternidade	<p>A vida profissional não devia alterar porque precisamos trabalhar. Não é porque separou ou faleceu a gente tem que... Não pode parar. A gente tem que andar pra frente não pra trás. (Cravo)</p> <p>Separação não deve existir alteração nem para um nem para outro, se tiver uma vida financeira boa acho que não sente tanto, mas sempre acaba existindo. (Margarida)</p> <p>A gente tem que trabalhar sempre independente de ser divorciado ou não porque a mulher conquistou o espaço não foi pra ficar em casa, só cozinhando e lavando. Hoje em dia são divididas em partes iguais as tarefas da casa como também trabalhar fora e dividir as despesas da casa. (Crisântemo)</p> <p>Não deve alterar a sua vida porque se separou ou divorciou. Você tem que viver. Você tem que seguir a sua vida, o percurso da sua vida. Você tem que lutar por você. Hoje eu falo pro meus filhos: Eu gosto de vocês, mas eu me amo primeiro, porque tenho que aprender a me amar, a gostar de mim, para gostar dos meus filhos, pra poder passar coisas boas pra eles, agora, se não gosto de mim, o que eu vou passar de bom pro meus filhos, nada. (Rosa)</p>

conclusão

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Quadro 4 - Redes sociais e apoios familiares – Frases temáticas componentes dos indicadores de subalternidade de gênero na família, segundo os níveis da realidade ou da idealização, e o significado do conteúdo, segundo a perspectiva de reiterar ou superar as desigualdades e a subalternização da mulher

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Apoios familiares	Realidade	Supera a desigualdade com apoios familiares e redes sociais	<p>A maioria das vezes ela [a filha] fica com a minha mãe quando eu vou trabalhar. (Amor perfeito)</p> <p>[ajuda financeira] tenho um apoio mais do lado paterno. (Margarida)</p> <p>Minha sogra às vezes quando está de bom humor ela fica com eles [filhos], a assistente social ajuda assim com alimento e também a igreja, a igreja ajuda com uma cesta básica para nos. (Orquídea).</p> <p>Aqui a gente mora com a minha sogra, mora aqui em 7 pessoas, tirando a minha sogra que trabalha bastante então normalmente quem faz [afazeres domésticos] é eu e a minha sogra (Violeta)</p>
		Reitera a desigualdade	<p>Não tenho ajuda de ninguém, ninguém. (Rosa)</p> <p>Não tenho ajuda, a minha mãe mora em Catanduvas. Parente mesmo só as madrinhas delas que tem aqui perto, mas mesmo assim trabalham não ficam em casa. Aí fica difícil. (Begônia)</p>

continua

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Relação homem-mulher	Concepção	<p>Idealizada</p> <p>Reitera a concepção hegemônica vigente</p>	<p>Tem que ter muito carinho e respeito; acabando com o carinho e o respeito, acaba com qualquer tipo de convivência e de relacionamento. (Beijo)</p> <p>Tem que ser muito unido, isso basta, porque a gente acha tanta coisa que quer e não acontece, e não acontecendo e os dois sendo unidos, eles vão fazer tudo certinho. (Cravo)</p> <p>Tem que ter respeito em primeiro lugar, e muito amor. Tendo respeito e amor, o resto é resto. (Rosa)</p> <p>O casal deve viver bem. Sem violência, espancamento, nem chegar em casa brigando ou bêbado. Acho que tem que ser assim de igual para igual, se aprontou eu também posso, se pode sair com os amiguinhos nos finais de semana, eu também posso. (Begônia)</p> <p>Tem que ser amigável, ter compreensão dos dois lados, uma coisa que eu não tive sorte, que meu marido é assim muito nervoso, agressivo, ele é alcoólatra. (Orquídea)</p> <p>Deve haver conversa, diálogo, sair sempre pra espairecer um pouco, não ficar sempre preso dentro de casa, com o serviço doméstico e o serviço fora. Tem que ser assim: tanto ele sair sozinho um dia, quanto ela sair sozinha também, porque às vezes sai só o casal, mas também não é aquela coisa. Um dia ao menos ele tem que sair sozinho com os amigos, jogar bola, e ela sair sozinha também com as amigas. (Amor perfeito)</p> <p>Ser companheiro, cúmplice, amigo, tem que ser um para o outro mesmo. (Dália)</p> <p>Deve ser uma relação de amizade, compreensão, fidelidade, confiança. (Margarida)</p> <p>O ideal é os dois serem felizes viverem bem, serem cúmplices um do outro na felicidade, na doença, na tristeza, com os filhos. (Violeta)</p> <p>Tem que ser uma relação com alegria, ter união, compatibilidade, eu acho que tem que ter muita união e muito amor e respeito. (Crisântemo)</p> <p>Deve ser mais passiva possível e o que um decidir o outro apoiar sem criar obstáculos. Eu acho que cada um tem que crescer e estar se desenvolvendo em qualquer atividade. Se ela tem vontade de fazer alguma coisa, embora ele não concorde, tem que apoiar e deixar fazer. A mulher a mesma coisa. (Azálea)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Significado de casamento (formal e informal)	Posicionamento	Reitera a desigualdade e a subalternidade	O casamento é bom, desde que você encontre uma pessoa boa. Eu ainda não consegui encontrar ninguém que pensasse igual a mim (Margarida)
		Supera a desigualdade e a subalternidade	<p>O informal é normal. Eu morei quantos anos juntos e nunca achei falta de casar. Ainda bem que nem mudei meu nome, porque agora estaria me incomodando pra divorciar. Eu acho assim, a lei já ficou boa para as pessoas como se elas já estivessem casadas, então, não tem mais aquela lógica, aquela coisa pra casar. Eu falo pra minhas amigas, eu quero morrer solteira, casar não, está louco em termo de convivência já foi o suficiente. (Rosa)</p> <p>O casamento é bom, mas é pra quem já tem uma convivência com o marido assim por muito tempo. Eu acho melhor viverem uns dois anos pra ver se dá certo, se der certo, casa. (Violeta)</p> <p>Eu acho que o que influencia muito é o relacionamento. Você tem que se dar bem com o parceiro, com a pessoa que você escolheu pra viver junto, pra você dividir a sua vida, os teus sonhos, os teus desejos; e se você se enquadra bem com a pessoa, eu acho que isso não influencia em nada ser casamento formal ou informal. (Beijo)</p> <p>Primeiro lugar tem que haver o sentimento entre os dois, um período de se conhecer para se respeitar. Eu acho que vivendo em quatro paredes, o casamento formal ou informal não influencia o que importa é a boa convivência entre os dois, se não existe isso, não adianta nem ficar juntos. (Dália)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Significado de divórcio	Posicionamento	Reitera a desigualdade e a subalteridade	<p>É complicado. A gente viveu uma união estável há 17 anos e a gente não consegue chegar a uma definição, a um acordo. Principalmente quando envolve filhos no meio; se você não tem filhos, acho que se tornam tudo mais fácil, mas quando tem filhos, aí pesa bastante. (Beijo)</p> <p>Se você fica só brigando, chega uma hora que você tem que pôr um fim nisso, às vezes, é melhor você dar um fim nisso do que ficar se matando. Então, acho que divórcio dependendo da hora é bem-vindo, mas tem que ser aquela coisa, separou é para o resto da vida, não aquele vai e volta aquilo é sem-vergonhice, ou você entra num acordo de vamos separar e acabou ou fica do jeito que está. (Petúnia)</p> <p>Quando o casal vê que o relacionamento está desgastado e resolve partir pra um divórcio, eu acho que o pai e a mãe estão divorciando, mas a família continua só que, hoje em dia, o casal divorcia e se divorcia da família também. (Crisântemo)</p>
		Supera a desigualdade e a subalteridade	<p>Pra mim foi a libertação, mas quando é uma família que tem a união dos filhos com os pais é muito triste, porque os filhos sofrem com a separação. Não é o meu caso, porque o pai não dava carinho e nem amor. (Rosa)</p> <p>É importante pro dois lados porque a gente não conhece bem a pessoa, casa achando que é uma coisa, mais tarde, pode acontecer alguma coisa mais forte na vida dos dois, é um jeito da pessoa se defender. (Orquídea)</p> <p>Quando não dá mais, a melhor opção é o divórcio porque é melhor viver antes só do que mal acompanhado. (Begônia)</p> <p>Dependendo do caso, como o meu, significa liberdade. (Cravo)</p> <p>Tem família que vive mal, vive brigando, os pais já não se aguenta mais, só ficam casados porque não querem mostrar o divórcio pro filhos. O divórcio vem pro bem e o casal viveria melhor. (Violeta)</p> <p>Está sendo um pouco difícil de recuperar aquelas amizades de você sair, conversar, porque você fica casada, relacionando com as pessoas casadas e amigos comuns do casal. Quando se separa, ou as amizades continuam sendo as mesmas, ou você se recoloca na sociedade (pra sair e conhecer outras pessoas) e deixar que venha aquele lado solteiro pra você ter outras amizades. (Margarida)</p> <p>Quando se divorcia, você assume um lado de solteira, sem deixar de lado aquelas responsabilidades que tinha de casada, filho, casa, tem liberdade pra sair e conhecer outra pessoa pra se divertir. (Margarida)</p> <p>Significa que acabou o amor que existia entre o homem e a mulher. A separação é melhor pra não ter mais agressões dentro do casamento. (Amor perfeito)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Significado de pessoa divorciada	Posicionamento	Reitera a desigualdade e a subalternidade	
		Supera a desigualdade e a subalternidade	<p>São pessoas que não deu certo. A pessoa tem que partir pra outra. Cada um tem que viver a sua vida e fazer aquilo que quer que deseje, sem interferir ou prejudicar alguém; tem que viver, porque a gente está aqui só de passagem (Beijo)</p> <p>Eu acho que cada um deve seguir a vida, porque se eles opinaram por isso é porque não estava bem ou não se gostavam mais. Não adianta você viver de aparência. Eu acho normal tentar ser feliz de novo. (Rosa)</p> <p>Eles estão tentando construir uma nova vida. Não deu certo com a pessoa que eles estavam até o momento, e eles querem tentar outra coisa nova. (Amor perfeito)</p> <p>Elas continuam iguais como sempre foram. O povo ainda acha que mulher separada não presta, mas a gente não sabe o que ela passou lá dentro pra ela se separar, vai nessa que só homem presta. (Petúnia)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Significado de celibato	Concepção	Idealizada	<p>Eu acho que é uma ótima opção de vida. Ali ela vive por mais que tenha momento de solidão. (Beijo)</p> <p>Se você optar por uma vida sozinha, você vai onde quer, faz o que quer e chega a hora que quer e é isso que eu quero pra mim. Você não tem que dar satisfação para o parceiro, enquanto a pessoa casada tem que dar satisfação de tudo. (Beijo)</p> <p>Eu desejo isso pra mim, quero pegar os meus filhos, sair, viajar, namorar, não tem que dar satisfação pra ninguém; não tem coisa melhor que isso, sem briga, sem discussões. Pena que eu não tive ninguém que me instruisse, me orientasse para ter uma vida assim. (Beijo)</p> <p>Eu acho que eles estão certos, muito certos, eles não têm nada a perder. (Cravo)</p> <p>É uma opção. A profissão está em primeiro lugar, tudo está em primeiro lugar, com o passar do tempo se for arrumar alguém pra morar não vai conseguir nem pra casar, nem pra morar junto, porque já está acostumado naquele ritmo sozinho. Acho que não casa mais. (Rosa)</p> <p>Nada contra, melhor ainda, livre, leve e solta. (Begônia).</p> <p>Acho legal, quem não tem filho e nada, a pessoa tem mais que assumir mesmo que não encontrou ninguém ou por opção, que não quis mesmo. Tem que pensar nela mesmo. (Orquídea)</p>
Significado de família	Concepção	Idealizada	<p>Família é tudo. Eu soube o que era família depois que eu tive os meus filhos, porque eu perdi a minha mãe quando eu tinha 7 anos, a mãe é tudo numa família, não tendo a mãe destrutura tudo; a gente se afastou; meu pai era deficiente visual, não tinha condições de criar. então a gente se esparramou. (Beijo)</p> <p>Tudo na minha vida. Estou satisfeita com minhas filhas. (Cravo)</p> <p>Família é tudo de bom, é uns bichinhos que são tudo pra a gente, você cria, cuida e muitas vezes botam agente no asilo. Está louco, você vê passando na televisão. Você cuida de umas praguinhas dessas e te enfiam lá com oitenta e poucos anos, você fica mingando lá. Façam isso comigo que vocês vão ver. (Begônia)</p> <p>A família é uma união, uma aliança de Deus pra gente se apegar mais com Deus senão ficamos muito sozinhos. A família serve para ficar unidos e crescer na vida juntos e ter um futuro bom. (Orquídea)</p> <p>Tudo. Alegria, a tristeza, o amor, tudo o que é de bom que tem. Não tem coisa melhor que minha família. (Rosa)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Significado de família	Concepção	Idealizada	<p>Tendo união na família você consegue passar por alguns problemas mais facilmente (Margarida)</p> <p>A família é tudo, porque é o alicerce da vida. Eu não tive assim uma família, pai e mãe. Minha mãe faleceu quando eu tinha oito anos, meu pai era alcoólatra, o pai estava sempre lá no fundo do poço. (Violeta)</p> <p>Família pra mim é tudo, família é respeito, é união, amizade. Em cima da família que a gente constrói a nossa base. Pra mim, a família é a base de tudo (Crisântemo)</p> <p>A família é a base de tudo. A minha família com meus pais era fonte de amor, assim é a família que eu tenho hoje. Eu procuro passar esse lado mais amoroso, embora o meu marido teve outra criação. A família dele se dissipou mais cedo. O pai faleceu, aí cada um procurou o seguir o seu caminho, aí eu acho que isso traz consequência pra família que ele monta. (Azálea)</p> <p>Primeiro tinha que ter um salário que desse para manter tudo o que tivesse que manter para você viver bem, uma faculdade, no caso também se precisar pagar uma Van para criança, mas infelizmente não dá. (Begônia)</p> <p>Tem que ser mais unidos e menos miserável, tem muita miséria, não queria isso para meus filhos. (Orquídea)</p> <p>Eu pretendo ter minha vida pra frente, a minha família pra frente. Meus filhos vão ter amor por mim, vou conhecer meus netos, bisneto todos finais de semana em casa com eles, tem que ser uma família unida. (Violeta)</p> <p>Pretendia morar numa casa nossa. Meus filhos estão crescendo, logo eles já podem ficar sozinhos. Eu vou trabalhar e vamos alugar uma casa. (Violeta)</p> <p>Família deve ser unida, com respeito mútuo e divisão de tarefa. (Crisântemo)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Significado de infidelidade	Posicionamento	Reitera a concepção hegemônica vigente	<p>Pra infidelidade não tem perdão. Eu não perdoaria, porque se a mulher é boa, não tem motivo pra ele trair. Se a mulher for ruim e não dá mais, sai e pronto, pede o divórcio, vamos separar, não dá mais, seria mais bonito, tanto do lado dele, quanto dela. Tanto um quanto o outro não tem perdão. (Rosa)</p> <p>Traição é o que mais tem; hoje em dia tudo é normal, mulher mora com mulher, homem mora com homem, é o fim do mundo (Begônia)</p> <p>Deve estar faltando alguma coisa dentro do casamento, para acontecer isso. Falta de amor, de diálogo, de união na família, e a pessoa acha que indo pra fora vai consegui ter isso. (Amor perfeito)</p> <p>Isso é um problema. Acho que não deve ter nem de um lado, nem do outro. É melhor separar. Se for para esse lado, para ter outra pessoa, então, assume a outra pessoa. Sou totalmente contra essa vida dupla. (Margarida)</p> <p>Acontece quando tem um buraco na relação, ou quando há falta de diálogo. A traição não é uma coisa boa, às vezes, até ela vem trazer um novo ardor para o casamento porque de repente a pessoa se empolga com a outra e vê que o companheiro não merece isso e acaba retomando o casamento, ai seria um lado positivo. No caso de estar toda hora sentindo atraído por outra e estar indo bagunçar, ai não é o caso. (Azálea)</p>
		Difere da concepção hegemônica vigente	<p>Eu acho muito relativo. A partir do momento que o relacionamento não dá mais, você se interessa por outra pessoa, tem que viver aquilo que você está sentindo no momento. (Beijo)</p>
Significado de viuvez	Posicionamento	Superador da concepção hegemônica vigente	<p>Se eles foram um casal completo, talvez a solidão faz com que maltrate o outro; é como o divórcio, tem que seguir em frente, tem que ter sua liberdade. Não cometendo erros. (Cravo)</p> <p>Quando o amor é grande é triste, mas se a pessoa ficou viúva, e não se acha velha ou incapaz de arrumar outra pessoa, quem morreu foi o falecido e ela tem que continuar viva. Tem que viver a vida, porque a hora do companheiro chegou e a dela ainda não. (Rosa)</p> <p>Não tenho nada contra, arrumou outro vai morar com outro, se morreu, você esta vivo, faz o que quiser. (Begônia)</p> <p>As viúvas são mais independentes, acabam ficando sozinhas, não se casam mais. Os viúvos são mais dependentes, logo eles se casam. (Margarida)</p> <p>Eu acho que dá uma sensação de missão cumprida, e às vezes a vida oferece uma chance de recomeçar. (Crisântemo)</p> <p>Eu acho melhor que a separação, porque foi deixou saudade e separação, não, deixou dor, acho que preferia estar viúva (Lótus).</p>

conclusão

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

Quadro 5 - Poder de decisão sobre a própria vida – Frases temáticas componentes dos indicadores de subalternidade de gênero na família, segundo os níveis da realidade ou da idealização, e o significado do conteúdo, segundo a perspectiva de reiterar ou superar as desigualdades e a subalternização da mulher

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Decisão sobre o uso do tempo pessoal e gastos	Realidade	Reitera a desigualdade e a subalternidade	<p>Nas horas livres eu tenho cuidado da casa, eu fico em casa fazendo as minhas coisas; se saio é para pagar umas contas. Não tenho aquela liberdade de sair com uma amiga ou de ir numa danceteria ou qualquer outro lugar, nunca fui e acho que eu não vou (Cravo)</p> <p>Eu não tenho liberdade pra nada. Não tenho tempo livre pra mim todo dia é igual, não muda muito, a única coisa só assim é que têm dias que estou mais animada e outro dia não, triste vamos supor. (Orquídea)</p> <p>Antes eu até saía mais, tinha contato com as amigas, ia ao Shopping. Agora, de um ano pra cá, eu parei, o máximo que eu faço é ir à casa de um parente ou coisa assim, mas eu não tenho saído mais. (Dália)</p> <p>Eu saio muito pouco, tenho poucas amizades também, mesmo porque o meu trabalho não permite, não tenho tanto tempo, a minha maior diversão é com os netos. O meu tempo livre eu passo com minha família. Eu estou feliz assim e eu posso administrar o meu salário, o meu dinheiro. (Crisântemo)</p>
		Supera a desigualdade e a subalternidade	<p>Quando dá tempo, tenho que dar mais atenção pra eles [filhos]. Eu vou pra casa da minha mãe, vamos passear, ou ficamos em casa vendo filme. (Amor perfeito)</p> <p>Eu faço as minhas contas de acordo com o que eu ganho e que eu sei que vou poder pagar, porque eu não gosto de depender de ninguém (Dália)</p> <p>Vou à casa dos meus amigos, da minha mãe, de vez em quando faço um churrasco com os filhos e amigos, todo mundo se divertindo, saio pra dançar de vez em quando, desde que, meu mais velho fique em casa para cuidar dos pequenos senão eu não saio, porque eu não deixo meus filhos sozinhos. Tenho tempo pra família, tenho tempo pros amigos, tenho tempo pra tudo. (Rosa)</p> <p>Ele está vendo que eu estou conseguindo trabalhar, eu estou conseguindo por mais que ele fale. Ele tem que aceitar, não tem mais aquilo, é isso e acabou tudo, pode ser mais isso ou menos aquilo, tudo pode ser mudado. (Petúnia)</p> <p>Eu me dou vários tempos. Gosto de ler, tocar violão, cantar, de estar com minha família, ir para a chácara, ir ao shopping. Eu faço o que não gosto, entre aspas, alguma coisa da casa, mas eu não fico prisioneira da casa o tempo todo. (Azálea)</p> <p>Eu tento separar um pouquinho, tem que ter um pouco de lazer, ir ao cinema, num bailinho, conversar com os amigos, também gosto de estudar. Acho que você tem que separar um pouquinho de lazer, um pouco de estudo também. Não ficar parado, só trabalhando, trabalhando. (Margarida)</p>
	Idealização	Superar a desigualdade e a subalternidade	<p>Eu tenho que mudar a minha vida pra mudar o destino dos meus filhos. Não tem, não tem lógica você ficar com uma pessoa tendo fé que um dia ele endireita, eu até consegui tratamento pra ele, só que ele não quis. Então, não adianta eu e os filhos querer que ele mude, tem que partir dele. E eu penso assim, a partir do momento que acabou o amor e o respeito, acaba tudo. A gente não tem mais amor, não tem mais respeito, então, pra que ficar se enfrentando... e antes que aconteça um...ele ameaça meu filho de morte, me ameaçou de morte. Então, antes que aconteça uma desgraça maior, eu preferi abandonar tudo. (Rosa)</p>

continua

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Poder de decisão sobre a educação dos filhos	Realidade	Reitera a desigualdade e a subalteridade	<p>Quando eles [os filhos] cometem alguma falha, o meu marido é bem mais autoritário, mais agressivo pra falar também. Mas eu também dou umas broncas se necessário. (Azálea)</p> <p>Eles [os filhos] não respeitavam o pai, porque ele também nunca respeitou os filhos. Então, eles gritavam com o pai e eu que tinha que mandar calar a boca e ficarem quietos, aí eles me respeitava se fosse o pai, não. (Rosa)</p> <p>Era raro eles obedecerem ao pai deles, porque o pai sempre estava bêbado ou drogado e brigando com todos. (Rosa)</p> <p>Ele não tem muito como ajudar nesse ponto porque tem problema de alcoolismo, ele nem tem boa experiência para dar para as crianças em casa. (Orquídea)</p> <p>Na educação sou eu, mas às vezes eu chamo o Sérgio. Eu acho que crianças respeitam mais ele. (Violeta)</p> <p>Eu acho que vai ser só comigo. Durante a gravidez já fui escolhendo algumas escolinhas. Eu sou resistente em deixar com avó, com vizinha, com amigo, porque a responsabilidade dela é minha. Eu fui criada com a minha avó e eu acho que eu fui estragada na minha educação. A minha mãe dizia não, mas a avó dizia sim, eu tinha uma boa educação, mas não tinha limites. (Junquilha)</p> <p>O pai se impõe de uma maneira diferente. A mãe é aquela briguinha diária, que a gente vê no dia a dia, o pai fala uma única vez e o filho respeita e vê que a mãe é que manda. (Junquilha)</p>
		Supera a desigualdade e a subalteridade	<p>Nós corrigimos quando tem que corrigir e o que tem que ser falado nos sentamos e falamos, como esse negocio de namoradinhos na escola que ela já está na quinta série no colégio, então a gente já vai falando e assim, assim e assim. (Begônia)</p> <p>Eu dou mais bronca nos filhos. Porque ele tenta amenizar, senta, conversa, avisa mais de 500 vezes. Ele é mais razoável, eu já sou mais nervosinha. (Amor perfeito)</p>
	Idealização	Superar a desigualdade e a subalteridade	<p>Os dois têm que educar tanto o pai quanto a mãe, porque eu acho que os dois têm autoridade. Não é só os pais mandar nos filhos, os filhos também tem que respeitar o pai e a mãe. (Rosa)</p> <p>Acredito que desde pequeno deve começar a criar tanto a menina quanto o menino a ser responsáveis pela casa, pelos filhos, pelo trabalho, pela renda da casa, mas isto não é fácil, é difícil. (Margarida)</p> <p>Aqui em casa quem cuida disso sou eu, mas quem deve fazer é o casal, pra que eles cresçam e tenha uma educação boa. (Violeta)</p> <p>Educar o filho é dever tanto do pai quanto da mãe, porque Afinal, o filho é parte dos dois, a responsabilidade deveria ser igual. (Crisântemo)</p>

continuação

Indicadores	Níveis	Conteúdo	Frases
Poder de decisão sobre as despesas da casa	Realidade	Reitera a subalteridade e a desigualdade	<p>Eu sempre sustentei tudo, geralmente eu que sustentava toda casa, as crianças e ele ainda. Quando ele trabalhava, fazia apenas um biquinho, porque ele era drogado e alcoólatra, o dinheiro ia para o vício. (Rosa)</p> <p>É ele quem cuida dos investimentos familiares. (Azálea)</p> <p>As contas e as despesas geralmente sou eu que decido, mas eu comento com as três filhas. Elas sabem o que eu faço e o que eu não faço; O que eu ganho; o que posso e não posso comprar. (Cravo)</p> <p>Na despesa, não tenho liberdade para cuidar, porque quando ele pega um dinheiro, ele quer mandar. Ele é alcoólatra, então geralmente ele que manda. Às vezes, quando quero comprar alguma coisa, tenho que pegar dinheiro escondido para comprar o principal, antes dele começar a beber ou tenho que fazer ele comprar, senão ele gasta só em besteira. (Orquidea)</p> <p>Eu também colaborava com as despesas da casa, enquanto trabalhava, mas já vem de um conceito mais arcaico do tempo da minha mãe e do meu pai em que o homem deveria tomar conta. (Azálea)</p>
		Supera a subalteridade e a desigualdade	<p>Na verdade deveria ser os dois juntos, decidir o comum. O que é bom para mim é para ele junto, mas ele era só ele. Queria contar com o meu dinheiro junto, mas eu não deixei, o meu dinheiro é meu. (Dália)</p> <p>Nos não dividíamos a parte financeira; que era a nossa briga. Eu achava que tinha que dividir também; ele achava que não; o dinheiro dele é dele e o dinheiro meu é meu e acabou. (Junquilha)</p>
	Idealização	Superar a desigualdade e a subalteridade	<p>Eu acho que tem que ser dividido. O homem tem que honrar os compromissos da casa, as despesas, e assumir prestação maior como de um apartamento ou de um carro. A mulher pode contribuir com a conta de luz, água, condomínio e ter um dinheirinho a mais pra comprar suas coisas e se arrumar, porque é mais vaidosa. (Junquilha)</p>

conclusão

Fonte: Pesquisa de Campo, 2008-2009.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência contra a mulher é uma questão que cada dia mais vem sendo abordada como uma violação dos direitos humanos. Com raízes históricas e culturais, desde sua origem traz a marca da persistência de desigualdades entre mulheres e homens. Este tipo de violência acarreta implicações sociais, políticas e econômicas, além da repercussão negativa na saúde e na vida das mulheres.

Nas últimas décadas várias propostas nacionais e internacionais têm sido debatidas sobre a situação da mulher prevendo uma abordagem global no sentido de diminuir as iniquidades e dar condições para que ela participe plenamente da vida pública, privada e social.

Avanços foram obtidos com as diversas conferências internacionais com enunciado de direitos humanos mínimo para todos. Os países signatários, dentre eles o Brasil, têm avançado nesta direção com políticas públicas na perspectiva da equidade entre ambos os sexos, mediante leis e protocolos que visam à proteção e à garantia dos direitos humanos, assim como dar visibilidade à situação das mulheres na esfera pública e privada. Contudo, pode-se considerar que a política pública nacional ainda se encontra aquém da concepção pautada no direito humano e na equidade entre os sexos.

O resultado deste estudo aponta para as desigualdades e as subalternidades sofridas pelas mulheres no interior da família, no que tange à divisão das tarefas, ao cuidado com os filhos no domicílio e ao atendimento de suas demais necessidades. Tais desigualdades nascem e resultam, além da violência reconhecida pelos sujeitos da pesquisa, na negligência e omissão nas questões essenciais da vida. A família como unidade primária de socialização, em que se produz e reproduz determinada desigualdade de relação de gênero, condiciona em muitos casos a vivência das (des)igualdade entre os sexos em outras esferas da vida social. Observa-se que, mesmo com as mudanças ocorridas na sociedade dos

papéis tradicionais atribuído às mulheres e aos homens, como a inserção da mulher na vida pública, as entrevistadas encontram-se presas aos papéis definidos culturalmente como de homem e de mulher: o papel feminino exercido na esfera doméstica (tarefas domésticas, cuidados com os filhos) e o papel masculino na esfera pública, detentor de poder econômico. Os sujeitos da pesquisa, mesmo aquelas que estão inseridas no mercado de trabalho, não encontram uma contrapartida de seus parceiros na vida privada e muitas delas ainda legitimam a sua dupla jornada de trabalho.

Porém, quando se questiona quem deveria fazer essas tarefas e o cuidado com os filhos, a resposta tem sido quase unânime: elas esperam a distribuição igualitária. Constata-se neste resultado a dificuldade vivenciada pelas mulheres que sofrem ou sofreram a violência em superar as barreiras impostas pela sua condição de vida. A idealização e as práticas no cotidiano familiar representam, ao mesmo tempo, as possibilidades e os limites que o cotidiano da vida social impõe a elas na realização de seus projetos de vida, muitas vezes um ideal inatingível, talvez pelo sofrimento.

Ao setor saúde como uma das instâncias acolhedora das mulheres em situação de violência compete proporcionar aos profissionais, principalmente da Estratégia Programa Saúde da Família, a instrumentalização de saberes e práticas na condução de um sistema que vise à promoção da saúde. São esses profissionais que estabelecem vínculos com a comunidade e, por conseguinte, a oportunidade de detecção das desigualdades e das subalternidades vividas nas famílias adstritas em seu território. A eles cabe também a reflexão sobre a realidade vivida, para instrumentalizá-las com vistas às transformações possíveis de serem viabilizadas, a fim de proporcionar mudanças no seu cotidiano que conduzam a condições reais de autonomia e de corresponsabilidade das mulheres no rompimento do círculo de violência a que estão submetidas.

A complexidade dos determinantes das iniquidades por elas vividas implica um conjunto de variáveis de distintas naturezas que devem ser observadas nas estratégias de intervenção dos referidos problemas. A atuação apenas das equipes inter e multidisciplinar do setor saúde é insuficiente para alcançar resultados transformadores na qualidade de vida

dos sujeitos da pesquisa; daí porque se faz necessário reforçar as ações intersetoriais de forma articulada com a educação, a comunicação, a segurança, a justiça, o trabalho, entre outros.

Nesse sentido, toma-se como exemplo a experiência de Curitiba que, além do Programa Mulher de Verdade, conta com a Rede de Atenção à Mulher em Situação de Violência, cujo objetivo é promover e implementar ações integradas de atenção à mulher em situação de violência. A Rede é composta por profissionais de várias instituições, que desenvolvem ações de forma articulada ou ainda isolada no processo de reconhecimento, notificação e acompanhamento das mulheres em situação de violência. O trabalho da Rede prevê ações em quatro eixos, sendo eles: Prevenção da violência, promoção da mulher, atendimento da mulher em situação de violência e direitos da mulher em situação de violência. Acredita-se que o trabalho em Rede possa constituir-se em uma instância com potencial para a superação do quadro descrito.

O setor saúde tem ainda como um dos seus objetivos analisar as iniquidades sociais e reduzir ou eliminar problemas de saúde cujas causas são consideradas evitáveis e que se referem à injustiça social. Os indicadores propostos vêm ao encontro dessa proposição no sentido de dar visibilidade e identificar os grupos prioritários para a atuação quanto à vulnerabilidade das mulheres em relação à violência principalmente no âmbito familiar.

Como o objetivo desta tese consistia na construção de uma proposta de indicadores, é mister a continuidade deste estudo para a testagem dos indicadores visando demonstrar as reais situações vividas pelas mulheres ainda obscurecidas por medidas tradicionais que não focam a realidade e a subjetividade no interior das famílias em que ocorrem as violências. Acredita-se também que a pesquisa possa ser enriquecida com a participação de homens. Isso possibilitaria compreender o significado e a mitificação que eles têm quanto aos papéis atribuídos ao homem e à mulher na atual sociedade.

Finalmente, fica o alerta aos profissionais de saúde para a compreensão da representação da divisão do trabalho doméstico,

considerado natural e que reforça a atitude negativa em relação à qualidade de vida das mulheres. Espera-se que o estudo realizado venha a contribuir na busca de equidade dos grupos menos favorecido, subsidiando as ações de enfrentamento. Que este possa ser um instrumento para “dar voz” às mulheres que se encontram em situação de violência.

REFERÊNCIAS

Abramo L. Inserção das mulheres no mercado de trabalho na América Latina: uma força de trabalho secundária. In: Hirata H, Segnini L. Organizadoras, trabalho e gênero. São Paulo: SENAC; 2007, p. 21-41.

Araujo C, Scalon C. Gênero e a distância entre a intenção e gesto. RBCS; 2006;21(62):46-68.

Araujo C, Scalon C. Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: FGV; 2005.

Assis SG, Deslandes SF, Minayo MCS, Santos NC. Definição de objetivos e construção de indicadores visando a triangulação. In: Minayo MCS organizadora. Avaliação por triangulação de métodos: abordam de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2005.

Barata RB. Desigualdades sociais e saúde. In: Campos GWS et al. Tratado de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006; p.456-486.

Barbosa M, et al. Estratégias internacionais para a igualdade de gênero. A Plataforma de Acção de Pequim (1995-2005) Lisboa: CIDM; 2005.

Bardin L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977.

Beauvoir S. O segundo sexo. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2009.

Bourdieu P. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2005.

Bourdieu P. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes; 1997.

Brasil. Ministério da Saúde. Portaria MS/GM n.º 737 de 16 de maio de 2001. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por acidentes e violências. Diário oficial da união. Brasília; 18 de maio de 2001. Seção 1E.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília; 2005.

Brasil. Conselho Nacional de Secretários de Saúde. CONASS. Violência: uma epidemia silenciosa. Brasília; 2007.

Brasil. Lei n.º 11.340 de 7 de agosto de 2006. Dispõe mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Diário Oficial da União. Brasília; 8 de agosto de 2006.

Brasil. Lei n.º 6.515 de 26 de dezembro de 1977. Regula os casos de dissolução da sociedade conjugal e do casamento, seus efeitos e respectivos processos, e das outras providências. Diário Oficial da União, Brasília; 27 de dezembro de 1977.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção a Saúde. Atenção integral para mulheres e adolescentes em situação de violência doméstica sexual: matriz pedagógica para formação de redes. Brasília; 2006.

Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações prática em serviço. Brasília; 2002.

Brasil. Novo Código Civil: exposição de motivos e texto sancionado. Brasília: Gabinete do Senador Efraim Moraes; 2003.

Brasil. Presidência da República. Secretaria Especial de Política para as Mulheres. II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Brasília; 2008.

Bruschini C. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? Rev. Bras. Estud Popul.; 2006;23(2):331-353.

Buss PM. Uma introdução ao conceito de promoção da saúde. In: Czeresnia D. organizadora. Promoção da Saúde: Conceitos, reflexões, tendências. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2003, p.15-38.

Canço D, Joaquim T. Indicadores para a igualdade – uma proposta inadiável. Lisboa: CIDM; 1997.

Canço D. A igualdade de género em Portugal 2003. Lisboa: CIDM; 2003.

Carrasco C. La sostenibilidad de la vida humana: um assunto de mujeres. Mientras Tanto n.º 82. Barcelona; 2001.

Carvalho APS. As mulheres no campo científico: uma discussão acerca da dominação masculina. In: Anais do VII Seminário Fazendo Gênero. Florianópolis: UFSC; 2006.

Carvalho RC. Os múltiplos sentidos da categoria “empowerment” no projeto de Promoção a Saúde. Cad. Saúde Pública; 2004;20(4):1088-1095.

Chiesa AM. Autonomia e resiliência: categorias para o fortalecimento da intervenção na atenção básica na perspectiva da Promoção da Saúde [Tese livre-docência] São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2005.

Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. Resolução 196/96 dispõe sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília; 1996.

Curitiba. Secretaria Municipal de Saúde. Relatório Diagnóstico de Saúde. Curitiba; 2009.

Curitiba. Secretaria Municipal da Saúde. Atenção à mulher vítima de violência, Curitiba. 2004.

Dantas-Berger SM, Giffin K. A violência nas relações de conjugalidade: invisibilidade e banalização da violência sexual? Cad. Saúde Pública; 2005; 21(2):417-425.

Demo P. Metodologia do conhecimento científico. São Paulo: Atlas; 2000.

Deslandes SF, Cruz Neto O, Gomes R, Minayo MCS organizadora. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes; 1996.

Diaz MD. Indicadores de género. Sevilla: Instituto Andaluz de la mujer; 2004.

Echenique TV, Castilho CD, Horzella HF, Hurtado RF. PNUD Chile. Programa de Naciones Unidad para el Desarrollo. Santiago; 2006.

Fonseca RMGS, Egry EY, Bertolozzi MR. Materialismo histórico e dialético como teoria da cognição em método para a compreensão do processo saúde-doença. In: Egry EY, Cubas MR. O trabalho da enfermagem em saúde coletiva no cenário CIPESC. Guia para pesquisadores. Associação Brasileira de Enfermagem. Curitiba; 2006, p.19-61.

Fonseca RMGS. Eqüidade de Gênero e saúde das mulheres. Rev. Esc. Enferm. USP, 2005;39(4);450-9.

Fonseca RMGS. Mulheres e enfermagem: uma constuição generificada do saber. Tese [Livre docência] São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1996.

Fontanella BJB, Ricas J, Turato ER. Amostragem por saturação em pesquisa qualitativa em saúde: contribuições teóricas. Cad. Saúde Pública; 2008;24(1):17-27.

Giddens A. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP; 1993.

Giffin K. Violência de gênero, sexualidade. Cad. Saúde Pública 1994; 10;supl 1:146-155.

Goldani AM. Famílias e gêneros: uma proposta para avaliar a (des)igualdades. In: Algranti LM. A prática feminista e o conceito de gênero. Campinas: Unicamp; 2002, p.43-62.

Gomes R, Minayo MCS, Silva CFR. Violência contra a mulher. Uma questão transnacional e transcultural das relações de gênero. In: Souza ER organizadora. Impacto da violência na saúde dos brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde; 2005, p.117-140.

Guimarães MCS, Novaes SC. Autonomia reduzida e vulnerabilidade: liberdade de decisão, diferença e desigualdade. Bioética; 1999;7(1):21-4.

Heise L, Ellsberg M, Gottemoeller M. Ending violence against women. Popul Rep.; 1999:27(4):1-43.

Hirata H, Kergoart D. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. Caderno de Pesquisa; 2007:37(132):595-609.

Hirata H. Nova direção sexual do trabalho: um olhar voltado para a empresa e a sociedade. Florianópolis: Bom tempo; 2004.

Hirata H. Organização, trabalho e gênero. São Paulo: SENAC; 2007.

Inglez SD'A. Proposta de indicadores para avaliação da discriminação de gênero na família. Lisboa: CIDM; 1997.

Jablonski B. et al. O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflituosa divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. [citado em 2008] Disponível em: http://www.bernardojablonski.com/pdfs/produção/o_cotidiano.pdf.

Kergoart D. Relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho. In: Lopes MJM organizadora. Gênero e Saúde. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996, p.19-23.

Krug EG. et al. World report on violence and health. Geneva: World Health Organization; 2002.

Lefevre F. Promoção de saúde ou a negação da negação. Rio de Janeiro: Viera & Lent; 2004.

Lins RN. A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo. Rio de Janeiro: Rocco; 1997.

Lisboa TK, O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: Anais do Seminário Internacional fazendo Gênero – Corpo, Violência e Poder. Florianópolis: UFSC; 2008.

Lopez-Claros A, Zahidi S. Empoderamento das mulheres: avaliação das disparidades globais de gênero. Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher (UNIFEM) Geneva; 2005.

Losacco S. O jovem e o contexto familiar. In: Acosta AR, Vitale MAF organizadoras. Família: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez; 2007, p. 63-76.

Marcelino FT, Dimenstein M. A violência e gênero: caracterização dos casos atendidos na delegacia especializada no atendimento a mulher no Rio Grande do Norte. Interações; 2006:XII(22):143-170.

Matos M. A democracia não deveria parar na porta de casa: a criação dos índices de tradicionalismo e de destradicionalização de gênero no Brasil. In: Araujo C, Scalón C. organizadoras. Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: FGV; 2005, p.89-122.

Melo HP, Castilho M. Trabalho reprodutivo no Brasil: quem faz? Rev. Econ. Contemp.; 2009; 13(1):135-158.

Meyer DE. Do poder ao gênero: uma articulação teórico-analítico. In: Lopes MJM organizadora. Gênero e saúde. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996; p.41-51.

Meyer DE. Teoria e política de gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. Rev. Bras. Enferm.; 2005;57(1):13-8.

Minayo MCS, Sanches O. Quantitativo-Qualitativo oposição ou complementaridade? Cad. Saúde Públ.; 1993;9(3):239-262.

Minayo MCS. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. Rev. Bras. Educ. Méd.; 2009;33;supl 1:83-91.

Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2008.

Minayo MCS. Violência e saúde. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006.

Oliveira ZLC. A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis? In: Araujo C, Sacalon C. organizadoras. Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: FGV; 2005, p.123-147.

Onocko Campos RT, Campos GWS. Co-construção de autonomia: o sujeito em questão. In: Campos GWS et al. Tratado de Saúde Coletiva. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2006, p. 669-668.

Organização Panamericana da Saúde. Organização Mundial da Saúde. Mulher, saúde e desenvolvimento. Relatório apresentado na 130.^a Sessão do Comitê Executivo. Washington; 2002.

Peixoto CE. Solidariedade familiar intergeracional. In: Araujo C, Scalón C. organizadoras. Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: FGV; 2005, p.225-240.

Perista H. Guia para mainstreaming de género na actividade profissional e na vida familiar. Lisboa: CIDM; 2006.

Perista H. O uso do tempo. Lisboa: CIDM; 1997.

Poupart J. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: Poupart J, Delauriers JP, Groulx LH, Laperrière A, Mayer R, Pires A. A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes; 2008, p.215-252.

Rabello PM, Caldas Junior AF. Violência contra a mulher, coesão familiar e drogas. Rev. Saúde Pública; 2007;41(6):970-8.

Reichenheim ME, Hasselmann MH, Moraes CL. Conseqüências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de propostas de ação. Ciência & Saúde Coletiva; 1999; 4(1):109-121.

Rodrigues A, Cortes L. Os direitos das mulheres na legislação brasileira pós-constituente/Centro Feminista de Estudos e Assessoria (cfemea). Brasília: Letras Livres; 2006.

Saffioti H. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Fundação Perseu Abramo; 2004.

Santi PH. Rol de genero y funcionamiento familiar. Rev. Cubana Méd. Gen. Integr.; 2000;16(6):568-73.

Sarti CA. Famílias enredadas. In: Acosta AR, Vitale MAF organizadoras. Família: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez; 2007, p. 21-36.

Sawaia BB. Família e afetividade: a configuração de uma práxis ético política, perigos e oportunidades. In: Acosta AR, Vitale MAF organizadoras. Família: redes, laços e políticas públicas. São Paulo: Cortez; 2007, p. 39-50.

Scott J. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. Educação e Realidade; 1990;16(2):5-22.

Silva IR. Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil. Cad. Saúde Pública; 2003;19;supl 2: 263-272.

Soares C. Tempo, trabalho e afazeres domésticos: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios de 2001 e 2005. Rio de Janeiro: IBGE; 2007.

Sorj B. Percepções sobre esferas separadas de gênero. In: Araujo C, Scalón C. Organizadoras. Gênero, família e trabalho no Brasil. Rio de Janeiro: FGV; 2005, p.79-88.

Touraine A. O mundo das mulheres. Petrópolis: Vozes; 2007.

United Nations General Assembly. Declaration on the elimination of violence against women. In: Proceedings of the 85th. Plenary Meeting, Geneva; Dec./1993. United Nations General Assembly.

APÊNDICE 1

GUIA DE ENTREVISTA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____

Idade: _____ Cor: _____ Raça: _____

Estado Civil: _____ Tempo: _____

Situação Marital: _____ Tempo: _____

Filhos: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Ocupação: _____

Horário e duração do trabalho remunerado: _____

Nível salarial: _____

Marido/companheiro

Idade: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

Ocupação: _____

Horário e duração do trabalho remunerado: _____

Nível salarial: _____

PRODUÇÃO INTERNA OU “ESFERA DA REPRODUÇÃO”

Considerando as práticas familiares dos homens e mulheres:

1. Pode me contar, como são distribuídas as tarefas domésticas, em sua casa?

Indicador	Tarefa domestica	Quem faz em sua casa, usualmente.	Para você, quem deve fazer.
Distribuição das tarefas domestica	Limpa a casa		
	Lava roupa		
	Passa a roupa		
	Cozinha		
	Lava louça		
	Faz compras de casa		
	Outras tarefas		
Competência e /ou poder de decisão	Se tiver empregada, quem contrata e comanda.		
	Cuida das despesas da casa		
	Cuida dos investimentos familiares		

2. Conte-me, quem faz os cuidados com os filhos e /ou dependentes.

Indicador	Cuidado com o filho ou dependente	Quem faz em sua casa, usualmente.	Para você, quem deve fazer.
Divisão de tarefas dos cuidados com o filho/dependente	Higiene pessoal		
	Alimentação		
	Leva/busca na escola		
	Acompanha e participa das questões escolares		
	Cuida quando esta doente		
	Leva/acompanha ao médico		
	Atividade de lazer		
	Orientação e apoio psicológico		
Competência e /ou poder de decisão	Quem decide sobre a educação dos filhos		
	Quem decide sobre as atividades de lazer dos filhos		
	Quem decide sobre as tarefas domesticas dos filhos		
	Quem pune os filhos, quando necessário.		

3. Quanto tempo, cada um de vocês gastam para realizar as tarefas domésticas e o cuidado com o filho/dependente?

Indicador	Tempo gasto	Mulher	Homem
Uso de tempo diferenciado por sexo	Tarefa domestica		
	Cuidado com o filho/dependente		
	Total		

4. O que você acha mais justo, se a repartição das tarefas domestica e o cuidado com o filho/dependente fosse:

- () a mulher fazer todas as tarefas;
 () o homem fazer todas as tarefas;
 () a mesma carga para ambos;
 () 1/3 para homens e 2/3 para mulheres;
 () outra forma de distribuição. Qual? _____

Por quê? _____

5. Gostaria de saber, a respeito dos seus filhos.

Indicador	Expectativa/educação	Filha	Filho
Expectativas e educação diferenciadas por sexo dos filhos	Futuro escolar		
	Futura profissão		
	Futura união conjugal		
	Participação nas tarefas doméstica		
	Atividades de lazer		
	Socialização/ atividades sociais		
	Relacionamento familiar		
	Efeito da sua vida profissional		

PRODUÇÃO EXTERNA OU “ESFERA DO TRABALHO REMUNERADO”

1. Em sua casa, o sustento da família.

Indicador	Sustento da família	Mulher	Homem	Ambos
Responsabilidade do sustento da família	Quem trabalha			
	Quem deve trabalhar			

2. Você trabalha?

() sim

() não

3. Se você trabalha, o que significa o seu trabalho fora de casa?

Responda, conforme a ordem de prioridade

() independência;

() realização pessoal;

() ajuda financeira para manter a família;

() saída do espaço doméstico;

() manutenção da família (se for chefe de família).

Por favor, conte-me mais a respeito disso:

4. Como você faz para conciliar a família e o trabalho fora de casa?

Comente:

5. Você teve a sua vida profissional alterada ou não após a mudança do estado civil (união conjugal formal ou não, separação ou viuvez)?

6. Para você, o casamento, o divórcio, a viuvez devem ou não alterar a vida profissional das mulheres e (ou) dos homens (abandonar ou iniciar atividade profissional, diminuir ou aumentar a carga horária etc.)?

7. Fale-me com detalhes, se o nascimento dos seus filhos trouxe ou não mudança na sua vida profissional?

8. Você acha que o nascimento dos filhos, o número de filhos e a idade dos filhos devem ou não alterar a vida profissional das mulheres e (ou) dos homens (abandonar ou iniciar atividade profissional, diminuir ou aumentar a carga horária etc.)?

REDES SOCIAIS E APOIOS FAMILIARES

1. Você conta com a ajuda da família, vizinhos ou amigos para serviços domésticos, cuidados com as crianças e financeiras. Se sim, quem ajuda? Que tipo de ajuda?

2. Conte-me, com detalhe, o que significa a sua família na sua vida?

3. Você está satisfeita com a sua família? Se não, como você acha que deveria ser a sua família?

4. Para você, qual o significado do casamento formal na vida conjugal e (ou) familiar?

5. O que você pensa a respeito do “casamento informal” ou “morar juntos” na vida familiar e (ou) conjugal?

6. Gostaria de saber o que você acha da infidelidade masculina e feminina na vida conjugal e (ou) familiar.

7. Para você o que significa o divórcio na vida familiar?

8. O que você pensa sobre a mulher divorciada e o homem divorciado?

9. Qual a sua percepção sobre o celibato masculino e feminino?

10. Conte-me o que você pensa sobre a viuvez masculina e feminina.

11. Conte-me, em detalhes como é a sua relação com seu companheiro.

12. Como você acha que deve ser a relação entre a mulher e o homem?

PODER DE DECISÃO DA MULHER

1. Conte-me com detalhe, como é a sua vida pessoal (lazer, horas livres, relacionamento com seus parentes e amigos, cuidado com o seu corpo e vestuário, administração do seu salário etc.)

2. Agora, como você acha que deve ser a sua vida pessoal (lazer, horas livres, relacionamento com seus parentes e amigos, cuidado com o seu corpo e vestuário, administração do seu salário etc.)?

3. Conte-me sobre a sua vida amorosa e sexual, relacionamento com seu parceiro e a negociação do relacionamento sexual.

APÊNDICE 2

HISTÓRIAS DE VIDA

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Amor Perfeito é casada há oito anos e tem quatro filhos de 7 anos, de 4 anos, de 01 e três meses e a caçula, de dois meses. Estudou até a sétima série do Primeiro Grau e trabalha como diarista, das 8h às 5h, recebendo R\$40,00 por dia. Seu marido tem 37 anos, concluiu o Primeiro Grau e é metalúrgico, mas trabalha como auxiliar de produção. Sua jornada de trabalho começa às 7h00 e vai até às 17h30min., e percebe um salário mínimo.

PRODUÇÃO INTERNA OU “ESFERA DA REPRODUÇÃO”

Nesta família, conforme Amor Perfeito, limpar a casa, cozinhar, lavar e passar a roupa, cuidar das crianças, enfim, as atividades rotineiras são assim distribuídas: “Nós fazemos assim... Quando nós tamo trabalhando junto, né, no horário, como eu chego primeiro, eu vô, vô arrumando as coisa, já pego as criança, dô banho, dô lanche. Aí quando ele chega, me ajuda a lavar a louça, vê o que tem de roupa suja, daí separo, daí a gente brinca um pouco com as crianças e lá pelas 07h30, 08h00 horas [da noite] põe as crianças pra dormi. (...) E quando eu tô em casa, uma vez por semana aí eu faço tudo as coisa.” E, para ela, essa divisão de tarefas está correta, pois “eu acho que os dois em conjunto, principalmente como os dois trabalham, tem que dividir por igual, né?” As compras da casa são igualmente feitas pelos dois, como Amor Perfeito entende que deva ser: “os dois também. Por causa que tão dividindo tudo, então... não tem que

separar”. Tanto é assim que eles dividem também outras tarefas, por exemplo: “pra levar as crianças pro médico, quando eu não posso, ele leva, a gente tá sempre dividindo”. No entanto, quem cuida da casa é ela porque entende que isso quem deve fazer é “a mulher mesmo... (...) É melhor a mulher mesmo. (...) Porque eu acho assim... tem coisa que por mais que o homem tenta ajudá, a mulher sempre sabe onde que tem que ficar as coisa no lugarzinho, assim... e depois que tá tudo arrumado, ele pode ir ajudando a manter as coisa.” Já o investimento da casa, “aí não é só eu, aí é em conjunto, ele fala: o que você acha. Daí eu dou minha opinião, e ele fala, então agora vamo. A gente sempre conversa antes”. Amor Perfeito afirma que normalmente cuida do banho das crianças, da alimentação delas, “é eu. Como eu chego mais cedo do serviço, é eu que faço essa parte, né? Dou alimentação, dô banho...”, e, para, ela deve ser mesmo assim: “A mulher. Mas final de semana, ele tá em casa, ele pega as criança e faz tudo, eu fico com folga no final de semana.” As crianças são levadas para a escola de “Van”, porém o contato com a escola é feito por ele, “é a “Van” quem pega, mas nas reunião, quem aparece é ele”, assim como acompanha as tarefas dos filhos “aaamm, é mais ele”. Ela admite que é tarefa que deva ser feita pelos dois, porém diz “É que eu não tenho muita paciência.” E se refere ao filho mais velho: “ah, porque ele... o mais velho é bem difícil pra ensinar, né, e eu fico muito nervosa, porque ele demora pra pegá as coisa. Então, ele tem mais paciência, com os quatro ele tem mais paciência”. Por isso, talvez, quando as crianças ficam doentes “ele cuida bem mais”, embora afirme que isso compete a ambos. As crianças são levadas ao médico pelo casal, da forma como ela entende que deva ser “os dois, pra saber o que se passa com a criança, né?”. Quem brinca com as crianças, dá orientação a elas “ah, é bem mais ele”, ainda que ela pense que os dois devam fazer isso, tal como acontece com a educação dos filhos, que é algo decidido pelos dois, porque, para ela, deve ser assim, “os dois, né, em conjunto”. A decisão sobre as brincadeiras das crianças e o que elas devem fazer é tomada por “nós dois juntos”, procedimento que ela entende ser correto. Já a decisão se os filhos têm de ajudar em alguma, embora pequenos, é tomada por “ele. Ele põe ordem”, embora ela afirme que “que o pai e a mãe tem que tá junto sempre”.

A situação se inverte quando é para embravecer com os filhos: “Eu. Porque ele... ele tenta aminizá, ele senta, ele conversa, ele avisa mais de 500 vezes, Oh! Não pode fazer isso... Eu já... o meu é um, dois, três, e não adianta, vai ficar de castigo. (...) Ele é mais razoável, eu já sou mais... nervozinha como ele fala...” Mas, dar bronca nos filhos é atitude que ela pensa caber aos dois. Ela não sabe precisar o tempo despendido nas diferentes atividades domésticas, incluindo cuidar dos filhos “olha... eu não tenho noção de quanto tempo eu levo”, tampouco o tempo gasto pelo marido nessas atividades: “Ele também, é sempre a mesma coisa, quando a gente pega a gente até tenta dividi. Assim, quando ele tá em casa, ele fala você limpa ali e eu cuido das criança, mas ao mesmo tempo eu começo a cuidar das criança, ele vai limpando, e eu vou fazendo a mesma coisa, e no final acaba nós dois dividindo”. Contudo, esse cálculo pode ser mais exato quando eles passam o dia em casa: “quando nós estamos em casa em mais ou menos duas horas a gente consegue ter a casa limpa e o resto do dia a gente fica com eles”. E ela acha que as atividades domésticas e os cuidados com as crianças devem ser repartidas igualmente entre o homem e a mulher: “a mesma carga. (...) Porque por mais que a mulher fique em casa o dia inteiro, o homem chega do serviço cansado, mas também tem que ajudar a mulher. Porque a mulher fica em casa... mas se for ver, a gente trabalha mais em casa do que fora. A gente chega mais cansada... Então, por mais que venha, não custa nada chegar. E isso ele faz, ele vem do serviço, ele pergunta se qué alguma coisa, ele vai e ajuda.” Quanto à subestimação dos serviços domésticos, comenta: “esses tempos ele ficou sozinho com os quatro e ele disse: Nossa, mas como eles dão trabalho. Aí eu disse, é... pra você vê, é mil vezes pior trabalhar em casa, porque dá muito mais trabalho”. Ela tem dois meninos e duas meninas, e para a educação futura das meninas, “eu gostaria trabalhá muito com isso pra que elas termine, faça uma faculdade, né? Que inteligente, essa turminha é, bem espertas”, da mesma forma que para os filhos. E em relação à profissão deles, das meninas e dos meninos, ela diz: Olha, pra mim elas podem seguir qualquer profissão, menos doméstica”; para os meninos “a mesma coisa, acho que desde que eles tenham um bom estudo, consegue qualquer profissão, né? Porque

conseguindo estudá bastante, eles têm qualquer profissão. Acho que pra eles, eu não sei dizer qual a profissão que eu acho melhor pra eles”. E declara não ver diferenças no estudo para meninos e meninas. Quanto ao casamento dos filhos ou ficarem com alguém, ela explica: “a gente tenta conversá com eles que só depois dos dezoito eles pode querê casá, porque antes não... porque antes disso não... se for só um namorinho e pronto”. E isso, segunda ela, é válido para os filhos e as filhas. Seus filhos brincam juntos, mas a menina tem brincadeira só dela, “como ela é a primeira menina, ela brinca mais com as brincadeiras dele, ela joga bola, carrinho, essas coisas. Mas agora a prima dela tá vindo ficá aqui, ela tá aprendendo a brincá de boneca, e os meninos brincam de bola, de subir nas árvores... essas coisa.” Alguma diferença também no relacionamento familiar das crianças com o pai e a mãe: “Se for contá por ela, sim. Porque ela é muito grudada com o pai dela”, enquanto o menino “ele é normal assim com a gente”. Indagada se a sua vida profissional pode vir a influenciar a sua menina, o seu menino, responde: “Eu acho que não. Estudando ultimamente a família, assim... e como nós trabalhamos de doméstica, as crianças vê que a gente sofre demais como doméstica, então eu acho que eles estudam pra não passá o que a gente passa. (...) Então, eles pensam assim: doméstica não, vou estudá bastante pra ter uma faculdade, um serviço decente. Não que doméstica não seja, mas ... (...) Num é uma coisa boa, assim, porque sofre muito doméstica. (...) Não tem muito direito, tem muito pouco direito”. À pergunta se ela é registrada, ela diz: “Não, eu só sou diarista. Sou só diarista. Já trabalhei de doméstica.”

PRODUÇÃO EXTERNA OU “ESFERA DO TRABALHO REMUNERADO”

O sustento da família é feito pelo casal, como, aliás, ela acha que deva ser, “os dois em conjunto”. Entre os motivos a ela citados para trabalhar fora – independência, realização pessoal, independência econômica da família, saída do espaço doméstico –, ela diz: “acho que é a ajuda financeira pra família, né?” E para conciliar a família e o trabalho fora de casa, ela segue esta

rotina: “olha, eu chego em casa, tendo entrar em acordo com a turma aqui, e depois que arrumo tudo, fico com eles, brinco... tudo, né?, dô atenção que eles merecem”. Para trabalhar, nos cuidados com os filhos, conta com a escola e sua mãe, que não mora com a Amor Perfeito: “ ele e o mais velho ficam [na escola]. Ela e a nenê ainda não, ainda tá com um mês, e ela fica com a minha mãe quando eu vou trabalhá. Antes do casamento, ela já trabalhava, por isso sua vida profissional não foi alterada, “continua normal”. Para ela, o casamento ou o divórcio não deve alterar mesmo a vida profissional: “Não. Acho que não. (...) Não. Acho que deve continuá, né. Não é porque que se separou que vai largá tudo. Ou só porque ficou viúva vai ter que abandonar o serviço. Acho que tem que ter uma força... acho que dá até mais vontade, porque o serviço é tudo né...” Como, ao casar, ela nem pensou em parar de trabalhar, ela entende que a mulher só deve parar de trabalhar após o casamento “ah, só se o marido for muito rico né? Desde que me sustente, que não precise passar por nenhum sufoco, assim... que dê tudo pra ela, acho que não precisa trabalhar, mas... acho que é difícil ultimamente, todo mundo pensa em trabalhar”. Também o nascimento de seus filhos não trouxe mudança na sua vida pessoal ou no trabalho, como ela afirma categoricamente: “Não. De nenhum deles”. E pensa que não deve alterar o trabalho das pessoas, em geral.

REDES SOCIAIS E APOIO FAMILIARES

Amor Perfeito conta com a ajuda da mãe para o serviço doméstico e também para cuidar das crianças, “a maioria das vezes”. A mãe se desloca do Bairro Pilarzinho até a casa de Amor Perfeito para prestar essa ajuda. E sobre o significado da família, ela traz: “olha, pra mim significa.... uma coisa que eu nunca pensei em ter... mas a gente nunca pensa que vai ter uma família razoavelmente grande como a minha. Mas eles pra mim são tudo. Nossa... tem vez que eles vão pra casa da minha mãe... que por mais que minha mãe, minha mãe fica... as férias que minha mãe ficou uma ou duas semanas, nossa..... parece que me levaram um pedaço. Ou quando ele vai para São José dos Pinhais para ficar na tia dele, eu já fico ligando... e daí

como é que tá? Nossa... então, minha família... essa turma aí... sem eles eu não fico". E sendo assim ela está satisfeita com sua família, "eu tô satisfeita. Acho que se melhorar estraga". Em relação casamento formal, ela diz: "olha, eu não sei te responde"; já sobre as pessoas morarem juntas, sua opinião é esta: "eu acho que é a mesma coisa, porque passa a conviver junto, né? E a única coisa que muda se for pra igreja, casou, foi pro cartório fazê um documento... Acho que tirando isso, é a mesma coisa". Indagada sobre a infidelidade masculina ou feminina na vida conjugal, ela responde: "Acho que deve ter faltando alguma coisa dentro do casamento, né?, claro, pra acontecer isso". Faltando "acho que amor, falta de conversa, falta assim de união entre... tanto a mulher e o homem, e a família, os filhos, né? Porque daí se separa muito, né? Por isso é que acontece, porque daí a pessoa acha que indo pra fora vai conseguir tê isso". Assim, para ela, o divórcio na família: "Eu acho que significa que acabou o amor que existia entre o homem e a mulher, né? Então, uma parte assim... é bom que as pessoas se separem pra não haver agressão dentro do casamento. (...) Tentá se separar assim... numa boa". Diante disso, segundo ela, a a mulher divorciada ou o homem divorciado, "acho que eles estão tentando construir uma nova vida né? Acho que não deu com a pessoa que ele tava até o momento, então eles querem tentá outra coisa nova". E sobre as pessoas que nunca se casaram, o homem, a mulher, que estão solteiras, sozinhas, ela diz: "Acho que elas que querem viver sozinhas... acho que... é opção delas". E compara a viuvez do homem e da mulher com a separação: "Eu não tenho nada contra, porque a minha mãe é viúva. Então... acho que é a mesma coisa que uma separação, né? Só que quando se separa a pessoa sai viva, a viuvez... você vai ficar viúva, não tem mais aquela pessoa pra..." Quanto a sua relação com o companheiro relata: "Ultimamente, assim... agora de um mês pra cá tá calmo, mas... uns... dois meses atrás tava meio atribulado assim... (...) É que é assim... eu sou espírita e ele também era, agora ele não é mais. Daí eu tô no Candomblé. Daí ele não gostou muito porque eu comecei me aprofundando no assunto. Daí quando a gente teve essa discussão, daí... ele não gostou muito, daí ele me proibiu de ir. Então... mas na verdade, ele me conheceu nesse local, então acho que ele não tem que me proibi se ele

me conheceu, ele sabia que eu freqüentava, ele sabia.... sabia que eu gosto disso. Daí ele não gosto e começou a me proibi, daí eu falei que não ia pará, daí ele começo a me prendê dentro de casa. Daí eu falei, não... a gente... você me conheceu nesse lugar e eu vou continuar indo, e se você quisé continuá comigo vai ter que ser assim, senão, é melhor a gente se separá, porque uma vez que a pessoa prende a gente, vai prender pra sempre. Daí ele tentou, começou, daí a gente... ele pegou e veio e me agrediu... denunciei, agora ele tá mais calmo assim... depois que a nenê nasceu ele ficou mais calmo”. Ela idealiza a relação entre o homem e a mulher nos seguintes moldes: “Acho que deve haver conversa, diálogo, sempre que puder sair pra espairecer um pouco, pra não fica sempre preso dentro de casa, com o serviço doméstico e o serviço fora e tem que ser assim. (...) Tanto ele sair sozinho um dia, quanto ela sair sozinha também, né? Porque as vezes sai só o casal, mas também não é aquela coisa. Um dia ao menos ele tem que saí sozinho com os amigos, jogar bola, e ela saí sozinha também com as amigas...”

PODER DE DECISÃO DA MULHER

Amor Perfeito administra seu salário. Afirma que não cuida do corpo, não vai ao salão de beleza: “Não. Não faço nada disso. Nessa parte eu sou desleixada”. Conta que nas suas horas livres “quando dá tempo, não tenho que dá mais atenção pra eles... que tem final de semana que eles querem que fique só com eles, né?. Por mais que a gente fique, eles sempre chamam a atenção. Eu vou pra casa da minha mãe, daí a gente vai vê a minha vó, a gente vai passiá, ou a gente fica em casa vendo filme. Mas para sua vida pessoal “queria assim um pouco mais de liberdade. Porque na verdade, quando eu saio, eu saio com eles todos, né? Aonde eu vou, eu levo eles. Eu acho que eu deveria pensar um pouco mais em mim, e largar um pouco essa turma aqui”. Seu relato sobre sua vida amorosa, sexual assume o seguinte contorno: “ele tá tentando... ele tá tentando reacender o amor, porque sabe?... depois que a gente teve aquela discussão, porque a gente

tava tendo várias discussões nós dois, né? Daí, isso foi como se fosse acabando tudo o que eu sentia por ele, foi acabando, e tanto que na última discussão que a gente teve eu disse pra ele, olha acho que é melhor se separá, só que eu quero me separá com você numa boa, pra gente poder ser amigo, pra você ir na minha casa quando você quiser, eu vim aqui, a gente pegá as crianças pra passear junto... Só que ele não aceita... ele não aceita. Daí ele tá aqui, e ele acha que voltou tudo numa boa, só que eu falei que eu não sinto mais aquilo... O meu gostá dele é gostá de amigo, só que pra ele... não bate. Até uns tempo, qualquer um que visse ele, falaria que ele é uma pessoa obsessiva. Se eu fosse pra minha mãe, cinco minutos, ele tava me ligando. Aonde você tá?... com quem você tá?, volta pra casa que eu tô precisando de você... e foi onde que foi desgastando, meu amor que eu sentia por ele acabando, só que ele não entende. Daí ele fala assim... vou tentar te reconquistar, tentá fazer com que seu amor ainda volte pra mim, mas eu acho que quando acaba o amor, não volta. Só que ele não entende essa parte. Eu falei pra ele que até o começo do ano, que daí ela já tá mais velhinha, vai tar com uns cinco meses, daí eu vou começar dar um jeito. Vou procurar uma casa pra alugá pra nós saí, porque o que eu tenho é da família dele, eu não quero ficá aqui, porque mora tudo os irmão, daí começa aquela complicação... (...) É a família dele, e eu não quero morá no mesmo terreno que os irmão dele, porque... (...) Só que ele não tá entendendo essa parte, ele acha que eu tô aqui, que a gente tem que ficá junto, por causa das crianças. Só que eu falei assim que... não é porque tem as criança que a gente é obrigado a ficá junto. Ele falou que se eu me separá dele, eu vou ser incapaz de cuidar dos meus filhos. Só que eu falei... quantas mulheres já cuidaram de mais de quatro filhos, já cuidaram de cinco, seis filhos sozinha, e os filhos estão muito bem criados. E pra ele não, ele acha que eu sou incompetente nessa parte”. De acordo com ela, ele não aceita então a separação e reconhece que ele ajuda em casa: “até que nas outras coisas ele ajuda, tanto que ninguém entendeu a agressão que ele fez contra mim, né? Que me bateu, tudo... Ninguém acredita que ele fez isso. Mas eu disse, pois é, nem eu, porque depois de oito anos que ele reagiu. Ele não fuma, ele não usa droga, não é alcoólatra, não é nada. E ninguém

entendeu. (...) Ele ajuda. Tanto que ontem eu levei ela pro médico, e quando eu cheguei o almoço tava pronto. Daí ele viu que eu tava cansada que a gente passou a noite acordado, daí ele falou, vai lá e durma e quando acordei, ele tava lavando a roupa. Só que tipo assim... ele não entende que tudo o que eu sentia por ele acabou. E ele fala que eu preciso de uma psicóloga, e eu falei pra ele, acho que quem precisa é você, porque você queimou tua parte. E ele não quer entender”. Seu companheiro está tentando se reconciliar com ela, ao contrário de Amor Perfeito, que diz: “Ele tá tentando, mas eu não consigo sentir aquelas coisa por ele. É o que eu sinto, é aquele gostá de amigo, né? E tentá convivê com a pessoa porque já conviveu oito anos juntos. Eu sinto falta dele pra nós conversá, pra nós dá risada, pra ir no parque com as crianças, é isso que eu sinto falta. Mas não de manter uma relação com ele, eu não sinto vontade. E quando ele vem querendo me beijar, eu não sinto nada, e me dói eu estar sentindo isso, e ele sabe, mas ele insiste. Eu falei pra ele, eu me sinto mal de saber que você sabe, mas você não qué entendê. Aí ele, mas eu vou tentá te reconquistar. E eu falei, mas eu não vou poder fazer nada”.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Beijo tem 38 anos, mantém um relacionamento informal há 17 anos. Têm três filhos, a Mariana com 16 anos, o João Gabriel com oito e o Gustavo com cinco, grávida de sete meses (fruto do relacionamento com amigo da família, no momento da separação). Escolaridade primeiro grau incompleto (oitava incompleta). Atualmente não trabalha, mas já trabalhou como cabeleireira e seu último emprego foi no restaurante num regime de oito horas diária, recebendo em torno de R\$ 800,00.

O seu companheiro (“Não sei se dá pra dizer que é meu companheiro, porque nós estamos em processo de separação, tem um bom tempo... desde agosto que estamos em processo de separação e está bem complicada nossa situação”.) tem 46 anos, segundo grau incompleto, trabalha como motorista autônomo, sua jornada de trabalho de 6 a 8 horas com rendimento variável em torno R\$ 2.000.00 reais.

PRODUÇÃO INTERNA OU ESFERA DA REPRODUÇÃO

Beijo, rindo muito demonstra insatisfação quando questionada sobre a distribuição das tarefas domésticas em sua casa, respondendo “tudo eu, tudo eu, as nossas brigas, geralmente começaram por causa disso né... e ali nós começamos a entrar bastante em atrito, ali nós começamos...” Beijo acredita que o trabalho doméstico deva ser dividido por todos da família, porém conta com pouca ajuda dos familiares “eu acho que todas as pessoas que habitam ali dentro da casa, desde criança já têm que ir acostumando a arrumar a cama... eu chegava em casa estressada, chegava cansada, daí chegava em casa, me estressava em ver aquela casa toda bagunçada, tudo pra fazer; louça pra lavar, cama para arrumar, roupa para lavar, roupa pra passar, casa para varrer. Ah!!! É muito estressante, eu acho que... se tiver uma colaboração; se você

não tem uma... uma situação financeira que não possa pagar uma empregada, tem que ter uma colaboração das pessoas que habitam a casa né, e eu acho que é uma coisa tão prática, tão fácil; desde que, você tenha consciência e auxilie, mas é complicado isso...” (risos)

Quanto às despesas da casa e investimento da família, no momento, é o marido, pois está desempregada, porém acredita que seja tarefa do casal. Os cuidados com as crianças, higiene, alimentação, doença, levar e trazer da escola, quando pequenos, ficava exclusivamente sob sua responsabilidade, situação que nunca esteve de acordo e posiciona que quem deve fazer é: “Ah!!! Tem que ser os dois, tanto o pai como a mãe; eu acho que tem que ser os dois, participar por igual. Se um não está, o outro tem que atender.” As decisões sobre as tarefas domésticas, atividades de lazer das crianças e a educação dos filhos “é os dois”, porém faz o seguinte comentário: “tem que ser os dois, mas geralmente, sempre sobra pra mãe,.. acho que a natureza da mãe já. A mãe cobra mais, a mãe exige mais. Tanto que eu e a Mariane estamos em atrito porque eu sempre cobre dela as tarefas de casa, escola, as amizades dela; eu sempre cobre tudo, o pai sempre... é o bonzinho na história porque ele passa a mão; não tá ali pra chamar a atenção, não tá ali para... tomar uma atitude né?.. E como eu sempre estava mais presente na vida deles, é eu que tomava mais as decisões né”. Em relação a sua filha mais velha “eu não estou mais interferindo mais na educação dela, agora é só o pai dela. Porque a gente está em atrito, eu e ela, a gente está... não está tendo uma convivência de mãe e filha.”

A tarefa doméstica são feitas por ela, mas ela não consegue precisar o tempo que despende nessas atividades “O tempo que... eu estou integral agora em casa é..., o dia todo, principalmente agora grávida, me sinto uma pata choca. (risos) Não consigo mais fazer muita coisa”. Quanto ao tempo dispensado pelo marido na tarefa responde: “Na verdade, nenhum, porque ele não faz nada” e justifica “nesse tempo que a gente está em processo de separação, eu fiquei afastada de casa quatro meses, deixei até as crianças com ele, e retomei, voltei, retomei, porque o Gustavo e o João Gabriel porque eles estavam abandonados”. Ela entende, porém, que essa

divisão poderia ser igualitária “Eu acho que se os dois trabalham fora, se os dois lutam juntos, nada mais justo que tudo dividido; enquanto um dá banho nas crianças, o outro faz a janta, ou vice-versa; mas isso é complicado, eu acho que sempre acaba sobrando para mulher” caso a mulher não trabalhe fora ela diz que: “eu acho correto a mulher fazer as coisas, mas nada impede que o parceiro ajude alguma coisa, colabore com alguma coisa”. Acredita que a falta de colaboração dos homens nas tarefas domésticas seja pela educação recebida conforme o relato:

“Eu acho que já vem da educação. Da educação errada que a própria mulher dá. Porque homem não chora, homem não faz isso, homem não faz aquilo... e eu acho que é errado isso... Tem que aprender sim a higiene dentro de uma casa, tem que aprender... porque um dia pode morar sozinho, pode precisar ficar sozinho... tem que aprender a cozinhar, saber limpar uma casa, tem que saber fazer de tudo dentro de uma casa, não é porque é homem. Não vai deixar de ser menos homem por causa disso, né? Hoje em dia está tudo tão igual. Porque não...”

Demonstra preocupação com a filha quanto à futura profissão, a formação escolar e a união conjugal e comenta com muita emoção: “Mariane, ultimamente a gente não tem diálogo nenhum, nenhum mesmo... eu me preocupo devido a nossa separação, o nosso atrito em casa está interferindo... na vida dela (emocionada). e espero que não interfira nos estudos... acho que ela pretende ter uma profissão, como ela mesma já falou várias vezes, que não queria ficar em casa cuidando de casa; ela queria ter uma profissão e ser uma pessoa independente... ela fala que não vai casar tão cedo, e não vai ter filhos tão cedo; então, torço pra isso e desejo que ela consiga”. Revela o mesmo desejo para os meninos “Ah, eu acho que todo pai e toda mãe espera, o melhor. Espera, deseja, luta e batalha pelo melhor deles, mas nem sempre está ao alcance da gente né, o que a gente pode fazer é o estudo. Eu espero que eles se realizem, espero que eles consigam tudo aquilo que eles pretendem e lutem por aquilo que eles esperam e desejam, tanto profissional como na vida pessoal deles”. Quanto à união conjugal dos filhos faz comentário “que eles tem a vida deles profissional, tem a vida deles particular, mas evite filhos; evite filhos, porque filhos é muito

bom, é muito bom, mas é muito complicado também. É uma carga muito grande... é uma carga muito grande, eles são um serzinho assim... acho que... egoísta; filhos é egoísta, eles pensam no bem estar deles, eles estando bem... eles tendo aquilo que eles querem, que eles desejam... porque você abre mão de tudo daquilo que você quer pra você dar aquilo que eles querem. Então, o que eu puder fazer e falar pra eles, evite filhos”.

Os filhos têm pouca atividade de lazer “o lazer deles está meio complicado, porque a gente está nesse processo de separação, e acaba interferindo... neles né; eles acabam sofrendo junto, e às vezes a situação financeira também não ajuda muito”. Porém a participação dos filhos nas tarefas domésticas ocorre de forma diferenciada conta com mais ajuda do menino que da menina “Gustavo, ele me ajuda bastante. Ele toma a iniciativa, têm coisas que eu não preciso pedir pra ele, ele mesmo toma a iniciativa... ele tem assim a natureza dele assim parecido comigo... como a Mariane é igualzinha ao pai, não tem interesse em nada, em fazer nada. O pai dela fica em casa, ele não enxerga que tem um quintal pra limpar, é... não enxerga nada pra fazer dentro de casa; eu acho que é o que o ser humano precisa é enxergar as coisas sozinhos, sem ter que alguém mandar ou alguém pedir pra fazer... seja no trabalho, seja em casa, a pessoa tem que ter iniciativa própria”.

PRODUÇÃO EXTERNA OU ESFERA DO TRABALHO REMUNERADO

Apesar de estar desempregada Beijo pensa que o sustento da família é responsabilidade de ambos: “Eu acho que tem que ser os dois... Ah... Como a mulher quer tanto os direitos iguais e eu vejo o tempo que eu trabalhei, não tem coisa mais satisfatória que você trabalhar, você receber o seu dinheiro e você fazer aquilo que você quer com o teu dinheiro. Principalmente pra você poder satisfazer algumas vontades dos seus filhos né. Então, eu acho que tem que ser os dois”. Para ela, o significado do trabalho externo, além da satisfação, considera “independência, a parte financeira em casa também, a realização pessoal tudo também, porque você

se sente útil... em... em estar fazendo alguma coisa que não seja lavando e cozinhando dentro de casa; porque é uma coisa que estressa pra caramba, e é um trabalho que você trabalha desde o momento que levanta até na hora que você deita, e não tem reconhecimento nenhum; não tem valor nenhum, nem dos filhos, nem do marido, seja lá quem for que conviva com você; não tem... não tem valor”. Salienta ainda os conflitos vividos e o início de atrito familiar quando começou a trabalhar “eu sempre passava por chata, por mania de limpeza, por neurótica, por ruim, porque eu acabava brigando com eles... (risos) eu não sei, às vezes eu não consigo entender... o relacionamento a dois, a três é complicado. Não sei se é complicado ou se as pessoas têm mania de complicar. Mas... eu acho tudo tão prático, a vida é tão fácil, tão... tão curtinha e tão boa de se viver, mas o ser humano tem mania de complicar. Mania, mania de complicar; porque eu adoro estar dentro de casa e estar limpando, aquilo não me pesa nada; só que o que eu não gosto é que eu limpe e os outros vão atrás bagunçando, sujando, então, o trabalho é inútil, é uma coisa inútil, que você está perdendo tempo. Agora se as pessoas colaboram, que você limpa e as pessoas contribui para manter uma casa limpa, eu acho muito gostoso de estar dentro de casa, é preferível estar dentro de casa que na rua”. Comenta com tristeza que a sua vida profissional não deveria, mas teve alteração após o casamento e o nascimento dos filhos “Se... o parceiro for uma pessoa que colabora em tudo com você, eu acho que não interfere... Trabalhava, mas parei... o pior erro que uma mulher comete é isso... Estaciona... Porque eu vivi cuidando de casa, cuidando dos filhos... Eu acho que não vale a pena não, você estacionar a sua vida, mesmo que seja pouquinho, mesmo que seja sacrificado, vale a pena acho que você trabalhar fora...E lutar pra você conseguir sempre um emprego melhor, um trabalho melhor, e estudar também, me arrependo muito disso” Pretende voltar a trabalhar e faz uma ponderação “Se eu conseguir conciliar, que vai ser complicado né; mas uma hora eu consigo, pelo menos me realizar profissionalmente né; que eu já trabalhei como cabeleireira também, fiz o curso e trabalhei um tempo; pretendo sim, me realizar profissionalmente, e ou lutar pra isso”.

REDE SOCIAL E APOIOS FAMILIARES

Beijo não conta com a ajuda da família, de vizinho, dos amigos para cuidar de casa ou da questão financeira, apenas ajuda de uma vizinha para buscar o filho no futebol “nesse tempo em que eu estava trabalhando, às vezes não tinha quem levasse ele no futebol, às vezes não tinha quem fosse buscar, daí ela me ajudava bastante nesse ponto”.

Quando lhe foi perguntado sobre o significado da família responde brevemente com muita emoção “Família é tudo né”, não conseguindo neste momento falar mais a respeito, no final da entrevista, ela retoma a pergunta contando a sua vida “Quando você perguntou o que era a família... eu soube o que era família depois que eu tive os meus filhos, porque até então, eu perdi a minha mãe quando eu tinha 7 anos, a gente se afastou; meu pai era deficiente visual, não tinha condições de criar nós, cuidar de nós, então a gente se esparramou; de 6 irmãos que eu tinha, um pra cá, um pra lá, outro... então, eu não tive convivência, com família, família. E... passei a ter isso depois que eu tive os meus filhos; daí que eu parei de sentir falta da minha mãe; que a mãe que é tudo em uma família, não tendo a mãe... é... desestrutura tudo né. Apesar que meu pai era tudo pra mim; eu falo as vezes pra minha irmã que... se eu nascesse mil vezes, mil vezes eu queria ser filha dele. Porque ele era um ótimo pai, pouco tempo que eu convivi com ele,... ele só me passou coisas boas, e faz muita falta na minha vida, até hoje.

A opinião em relação ao casamento formal ou informal é a seguinte: “Eu acho que... que o que influencia muito é o relacionamento, você se dar bem. Você tem que se dar bem com o parceiro, com a pessoa que você escolheu pra viver junto, pra você dividir a sua vida, tua... os teus sonhos, os teus desejos; e se você se enquadra bem com a pessoa, eu acho que isso não influencia em nada”. Já a traição na vida conjugal considera “Eu acho... muito... muito relativo; eu acho que a partir do momento que você vê que não dá mais o relacionamento, que você se interessa por outra pessoa... você tem que... chegar uma separação e viver aquilo que você está sentindo no momento”. Quanto ao divórcio ela diz “Ah... é complicado, é complicado. Eu vejo por mim, a gente viveu uma união estável há 17 anos e

a gente não consegue chegar a uma definição, a um acordo. Principalmente quando envolve filhos no meio; se você não tem filhos, acho que se torna tudo mais fácil, mas quando tem filhos, aí peeeesa, pesa bastante”. Para ela mulher ou homem divorciado é “Eu acho que pessoas... não deu certo, a pessoa tem que partir pra outra, cada um viver a sua vida, e viver, fazer aquilo que quer, que deseja, sem interferir ou prejudicar alguém; tem que viver, tem que viver, porque a gente está aqui só de passagem”.

Sobre o celibato “Eu acho que é uma ótima opção de vida. Ah!!!! Ali ela vive, ela vive, ela... por mais que tenha momento de solidão, ou qualquer coisa, justifica. Porque... uma união a dois, você tem que abrir mão de muuuita coisa, deixar de fazer muuuita coisa... E se você optar por uma vida sozinha, você vai onde quer, você faz o que você o quer, você chega a hora que você quer, você não tem que dar satisfação para o parceiro né; coisa que a pessoa que é casado, tem que dar satisfação de tudo; e é isso que eu quero pra mim. Que eu desejo pra mim, quero pegar os meus filhos, sair, viajar, ou sair, ir namorar, não tem que dar satisfação pra ninguém; não tem coisa melhor que isso. Sem briga, sem discussões...Pena que eu não tive ninguém que me instrísse, me orientasse para ter uma vida assim né”.

Não tem uma opinião formada quanto a viuvez “Não tenho noção disso, não tenho”.

Na relação entre o homem e a mulher comenta que: “Ah, tem que ter muito carinho e respeito; acabando com o carinho e o respeito, acaba com qualquer tipo de convivência, de relacionamento”.

PODER DE DECISÃO DA MULHER

Beijo considera sua vida pessoal “Ah! Ultimamente a minha vida tá... toda atrapalhada, toda complicada, tem quase meio ano que eu estou tentando chegar a uma solução, mas eu não estou conseguindo; mas eu espero conseguir... Ah, eu quero ter a minha independência financeira, não importa que seja pra ganhar bastante ou pouco, mas eu quero a minha independência, e quero... principalmente estar com meus filhos. O que vir,

vou aceitar... mas que não interfira, que não queira me mandar, que não queira interferir na minha vida, em relação aos meus filhos... em nada, espero conseguir definir a nossa, a nossa situação, a nossa história que está complicada, principalmente com a Mariane; a gente não chega ... numa solução com ela, porque tá complicado pra ela também; tá bem complicada a minha vida, bem complicada.

A respeito de sua vida amorosa sexual com o seu parceiro, da negociação com ele, segundo ela: “eu acho que foi o que manteve a gente nesses 17 anos juntos, foi isso; a gente se acertava muito bem na cama, a partir do momento que levantava, ali surgia os nossos atritos, nossas cobranças; porque ele é uma pessoa muuuito desorganizada, uma pessoa muuuito bagunceira dentro de casa; então, não tem... não tem convivência entre eu e ele, de jeito nenhum, porque nós somos o oposto um do outro; tudo o que ele vai fazer, me irrita, ele... eu ponho no lugar, ele tira do lugar, eu arrumo, ele bagunça. Não tem, não tem convivência. E... interfere nas crianças, porque eu quero chamar a atenção das crianças, quero ensinar as crianças, e ele acaba interferindo também. Pra ele aquilo é normal, mas pra mim, aquilo não é normal. Uma casa toda bagunçada, e ali gera as confusões, as discussões pesadas, que... eram, graças a Deus, a gente ainda está conseguindo conviver em baixo do mesmo teto, numa boa; mas já tivemos várias discussões fortes, pesadas, que tinha agressões verbais, muito forte, muito forte, e interferia nas crianças que participavam de tudo... principalmente da parte dele, que ele começava com as agressões verbal né; e acho que eu não sou diferente de outros seres humanos, que ficava quieto, agüentava a pessoa te ofender e você ficar quieto; eu revidava. Hoje em dia, eu procuro, eu evito, evito por causa das crianças. E fica naquele impasse, nem um nem o outro sai de casa, eu já tentei abrir mão, como eu não estava trabalhando, eu achei que não... que o que ele me pagaria de pensão, eu não conseguiria manter as crianças, manter a casa; então eu achei que se eu saísse de casa e eu ficasse com as crianças, aquilo que ele... que ele ia dar conta disso né; mas ele provou pra mim que... que ele não dá; que as crianças ficam largadas, a casa fica bagunçada, um ambiente que não é uma casa, que eles tem que crescer com o mínimo...

consciência e noção do que é organização e higiene dentro de uma casa, onde fica aquilo... não tem nem como te explicar, só você convivendo, passando pela situação para você ver”.

Finaliza a entrevista comentando o seu relacionamento “é como se fosse uma bola de neve, cada vez vai se tornando pior, e pelo que eu percebo nele; ele é um amor de pessoa, sempre foi assim; tudo o que eu pedisse pra ele, e estivesse no alcance dele ele sempre me atendeu. Só que o que falta dele é o companheirismo dentro de casa, participação dele dentro de casa, pra que eu pudesse sair trabalhar fora e ajudar ele na parte financeira, né. Mas não tem colaboração, participação dele, neste ponto. Daí quem sofre com isso, sou eu e as crianças, porque ele não se desgasta, ele não se... não se interessa pelas coisas dentro de casa. Neste tempo, as crianças viviam de marmita, marmitex, ou, besteira... Eu voltei, eu comecei a cobrar dele; não as crianças precisam de uma alimentação correta, adequada, eles precisam de fruta, verdura. Ele chegava de noite com uma pizza, x-salada, com... só porcaria pras crianças. E eu acho que está tudo errado, tudo errado; não tem como ele ficar com as crianças. Daí a gente não consegue chegar num impasse, agora a gente vai ver se consegue definir; parte da casa ele e a Mariane, parte da casa eu e as crianças, o Gustavo, e o João Gabriel”.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Margarida tem 31 anos, é solteira e teve duas uniões conjugais. Tem uma filha de 12 anos. Coursou Contabilidade na UFPR e sua profissão é de contadora. Ela trabalha oito horas por dia e recebe por mês “até mais ou menos dois mil. Somando com pensão e tudo”. Seu segundo companheiro, de quem está separada, tem 35 anos, cursou o segundo grau e é técnico em eletrônica, profissão em que trabalha oito horas diárias recebendo R\$1.300,00, por mês.

PRODUÇÃO EXTERNA OU “ESFERA DA REPRODUÇÃO”

As tarefas de limpar a casa, lavar a roupa, passar a roupa, cozinhar, na casa de Margarida, mesmo quando vivia com seu companheiro, habitualmente era ela quem fazia, como hoje: “É tudo eu.” E ela pensa que: “Ah! Seria bom se dividisse...” Quem fazia as compras era ela também, “às vezes ele me ajuda... mas ... só ia fazer companhia”. Para ela, isso “acho que devia ser dividido também”. Ela não tinha empregada, mas, se tivesse, caberia à mulher comandá-la”. As despesas da casa e os investimentos estão igualmente sob sua responsabilidade, embora ela entenda que “Ah... podia ser o homem, né? Mas ... é tão instável...”, que ela mesma preferia fazer. Além disso, mas a gente vê umas pesquisas que diz que a gente mulher sempre gosta de uma besterinha, então a gente vai lá e compra... um monte de besterinha... batão... sei lá... Mas não é, o homem vai lá e gasta meeesmo... ele vai lá e compra um monte... (...) É, e normalmente são coisas maiores...”os cuidados com a filha, a higiene pessoal, levar e buscar na escola, ela divide com outros membros de sua família.”A higiene e a alimentação ficava aqui, ela fica aqui comigo e com meus pais, né? Minha mãe mora aqui... (...) aí eu levava pra escola, e quem ia buscar era meu irmão... Já das questões escolares da filha quem dá conta é Margarida.

Porém, levar ao médico quando sua filha está doente depende da situação: “eu ou a minha mãe... e às vezes quando eu não posso”. Ela gostaria que isso fosse dividido com o pai da garota, “mas o pai dela tá tão longe...”. Indagada se ele mora fora da cidade, ela diz: “Não. Ele mora aqui mesmo, mas a gente tá separado a bastante tempo, então acaba que essa parte fica toda comigo. (...) Aí ele fica mais com o passear, comprar umas roupinhas... essas coisas... (...) e pra minha mãe, que também me ajuda bastante”. Então foi preciso esclarecer se Margarida mora com a mãe, e ela respondeu: “Não, eu moro sozinha”. Das questões psicológicas e da educação da filha, também estão encarregadas: “Eu e minha mãe. Agora a parte que caberia ao pai eu divido com a vó.” O pai de sua filha não participa em quase nada, embora ela entenda que devesse participar: “Eu acho que deveria participar, mas ele acabou casando de novo, ele tem outra filha... e ele tem um pouquinho de problemas, então... eu até entendo o lado dele. Daí agora é que eles estão se aproximando um pouco mais. Mas como eu falei, ele vem só final de semana... ele leva ela pra passear, ele não participa assim da educação, do dia-a-dia dela, não, acho que eles quase não se conhecem no dia-a-dia mesmo.(...) Ahaaa... Só pra não sentir mais saudades dele ...” E dadas tais condições, ela confirma que quem pune, quem define sobre as tarefas, são as duas, Margarida e sua mãe. Ela lembra, porém, “olha, acho que ele é o pai dela, ainda me dá uma pensão, que é um salário mínimo” (...) É. E o resto fica tudo comigo. É atividade doméstica... carro... “.E isso mesmo quando ela vivia com o pai da filha, como ela explica: “É, eu fiquei casada com ele os dois primeiros anos, então... nessa época a criança fica mais com a mãe mesmo, porque mama... essas coisas. Ela se ocupava “o dia todo” com as tarefas domésticas e o cuidado com a filha, e recebia a seguinte ajuda dele: “Ah, quando ele tava junto, ele ajudava mais pra levar e buscar ela, trazê, porque eu trabalhava e ele também.... e ainda ia pra faculdade naquela época. Então ela ficava aqui mesmo com a minha mãe, então ele.... mais a noite, até as seis horas no máximo...” Ela entende, porém, que essa divisão poderia ser igualitária, em suas palavras: “Ah... podia ser meio a meio, né? Porque eles poderiam ajudar mais, talvez... participar mais ativamente. Talvez deve ter algum outro que... eu que não

tive a sorte de encontrá... (...) É. Meu irmão é bem ativo. Participou bem ativamente... Bom, eu não tive essa sorte.” Indagada a respeito do que ela espera da formação escolar da filha, sua resposta foi: “Ah, eu espero que ela se forme, até a 7.^a série e agora ela tem vontade de ir pro CEFET no 2.^o grau, e nós vamos batalhar pra isso. Na área de desenho industrial... alguma coisa assim. (...) É, é.... então, ela já pensa um pouco assim...” E se ela tivesse um menino, esperaria “a mesma coisa dela assim, a gente incentivaria pra se formar, ter uma profissão.” Em relação à união conjugal da filha, ela diz: “Eu acho que depende dela, né? Não tenho o que opinar por enquanto, ela é muito novinha ainda, não tem nem namoradinho, nada.” Já a expectativa quanto ao casamento da menina: “Ah, a gente sempre tem... mas, eu assim pra mim, ela pode levar a sério, não precisa ser rápida não, pode ficar lá... quanto ela tiver uns trinta anos.” E afirma que seria a mesma coisa caso tivesse um menino. No que tange à participação da filha nas tarefas doméstica, ela conta: “Ela é meio preguiçosinha, não participa muito, não. Ela arruma o quarto, arruma a cama, mas tem que pega um pouco no pé.” Na hipótese de ela ter um filho homem, nesse particular : “Eu gostaria que participasse. E eu acho que seria mais ou menos parecido, porque embora não seja menina, elas já são preguiçosinhas, né? As meninas já são um pouco diferentes de antes... até mesmo nessa época eu já fazia muita coisa e minha mãe devia fazer muito mais que eu, então...” Ela entende que a participação dos filhos nas tarefas domésticas estaria diminuindo de geração a geração, “vai diminuindo um pouco”. Sua filha “gosta assim de ir ao shopping, ao parque, vai pra praia também... é mais coisas urbanas mesmo”; freqüenta festinha “ela tem amigos, vai pro churrasco, vai... em festinha de aniversário, na escola, também tem bastante amiguinhos lá.” Na questão do lazer, para ela, seria igual se tivesse um filho “normalmente os meninos jogam mais bola, saem mais do que as meninas até. (...) É. Acho, acho que sai um pouco mais”. Relata que o relacionamento familiar da filha é bom, pois “ela se dá bem. Ela, ela... conversa com a gente, ela é extrovertida, não tenho nenhum problema...” Ao ser colocado nessa situação a hipótese um filho, ela reage assim: “Pocha!! Daí é mais difícil, porque os meninos é diferente. Teria que ter um filho homem pra saber como é. Mas

acho que poderia ter um bom relacionamento com teu filho..., como poderia ter algumas ... mas acho que depende muito, né?”. Ela acha que sua vida profissional tem algum efeito na vida de sua filha: “Ela já... já tá indo pra aula comigo, ela já sabe muito bem como funciona, ela sabe bem o que ela quer fazer e o que não quer (risos) Acho que é mais ou menos assim.” Ela não consegue responder essa questão imaginando que ela tivesse um filho: “Talvez, ... Não sei... acho que ... não sei dizer... é meio difícil dizer”.

PRODUÇÃO EXTERNA OU “ESFERA DO TRABALHO REMUNERADO”

Na sua casa, somente Margarida trabalha para o sustento da família, ela pensa, porém, que os dois devem trabalhar. Para ela, o trabalho fora de casa, significa “a manutenção da família” e questionada, complementa: “independência também, né? E os outros são o complemento...” Sobre essa independência, faz a seguinte exposição: “É... como eu tô sozinha, atualmente, eu sou o chefe da família, senão... se eu não trabalhar não ando. Também uma independência porque, né... sei lá, de repente se fosse só depender de uma pensão, né, de ex-marido ou coisa assim, não tem como. Mesmo porque a lei hoje ela determina que a mulher trabalha também e seja responsável por metade das contas, né? Talvez nos divórcios mais antigos não, né, até as mulheres tinham um direito maior. Mas acho que a lei tá dando essa... essa igualdade pra mulher. Então, a gente não pode mais voltar atrás, agora você tem que assumir, né? Se foi certo ou errado... pra algumas mulheres acho que é certo, algumas até conseguiram, seu espaço, mesmo sendo remuneradas, quase e talvez igual a um homem na sua função, numa empresa grande, numa multinacional. Mas a maioria das mulheres não, trabalham mesmo, ganham menos e tipo... a sociedade voltou pra isso sem dá talvez uma assistência melhor. E a mulher assumiu isso, por que ela quis também, eu acho, porque ... elas batalharam pra isso, agora elas estão um pouco perdidas, porque não foi, é, é... talvez por culpa da mulher não ter passado pros filhos homens as responsabilidades que eles teriam que dividir com as mulheres. Porque hoje

you vê que os meninos estão mais mal criados do que antes... tipo no tempo do pais, eles sabiam bem que deviam ser chefes de família e pronto né, eles já eram criados assim. Agora, hoje em dia, são criados para dividir, mas muitos acabaram ficando meio perdidos nisso também. Não assumem a parte, né, da parte masculina do relacionamento, mas... tipo... acaba que a mulher se torna mãe do marido. Hoje em dia ainda mais acho até que antes, porque antes eles tinham um apoio psicológico, uma coisa a mais, mais... mais voltada pra esse masculino, por ser chefe de família, tudo. E hoje em dia tudo é dividido, mas essa divisão não ficou bem dividida, nem pra mulher, nem pro homem. E como faltava... meio que uma reformulação mesmo da sociedade para que todo mundo ter... soubesse agora nessa nova sociedade onde é seu lugar, qual o seu papel.” Em outros termos, definir o o papel da mulher e o papel do homem: “É, tem preconceito, né? Tipo... então vamo dividir, então... vamo lavar... um lava a roupa, o outro lava também, tipo... sem preconceito em fazer isso. Não achar que ahhhaaa, isso não é coisa de homem... (...) É, isso é coisa de homem e isso é de mulher. Se for assim também... muita coisa a mulher tá fazendo que não seria serviço de mulher... Ah! Tipo trocar o chuveiro... de repente você tá sozinha, você se obriga a fazer.... Se furar o pneu do carro, você também tem que dar um jeito... Se quebrar o seu chuveiro, tem que dar um jeito”. Sobre a persistência da discriminação em relação à mulher no âmbito familiar, ela complementa: “É, ahaaa, é ainda aquela questão do preconceito mesmo.... Então, você pode sai, trabalha, tudo, e ainda ser dona de casa, mas eles, e eles podem só trabalhar”. A solução para isso, segundo seu ponto de vista: “Olha, eu acho que é difícil, acho que desde pequeno mesmo, deve começar a criar tanto a menina como o menino que assim já... Para que os dois seja responsável pela casa, pelos filhos.... pelo trabalho também... pela renda da casa... mas não é fácil não, é difícil”. Quanto a conciliar família e trabalho fora de casa: “Bom, pra mim, acho que como eu tenho trazido minha filha pra cá, acho que é fácil, né? Ela vai pra escola de manhã e a tarde ela fica aqui comigo. Daí, vai pra casa, comemo, no outro dia de manhã a mesma coisa... Então, até que...” Além disso, ela tem apoio da família, “é, tenho um apoio grande”. Sobre a alteração em sua vida

profissional após a mudança do estado civil ou depois que ela casou, ou que se separou, ela conta: “No começo sim. Agora é que eu to mais estável. Mas no começo eu tinha bastante, porque eu tinha que estudá também, então... eu trabalhava não aqui no escritório, daí trabalhava em outro lugar, daí estudava à noite...” Sua estabilidade não adveio após a separação, mas sim: “depois que eu me formei, na verdade é que ficou mais fácil. Eu vim trabalhar aqui com meu pai que já é contador, né, daí ficou mais fácil, porque aqui é mais perto de casa, porque aqui também, meu pai e minha mãe moram, aqui, então, ficou mais tranquilo nesse ponto. Mais fácil de se locomovê, fico mais próximo dela também”. E, para ela, o casamento, essa mudança do estado civil altera a vida de uma pessoa: “Ah.... altera. Altera em todos os aspectos, psicologicamente, financeiramente, você tem que... é... você tem que reformular a sua vida. Porque senão.... “ E, segundo ela, essa reformulação “eu acho que faz parte... faz parte. Porque você tá aí com uma pessoa dividindo tudo e... de repente você não tem aquela pessoa mais aí. Então, a primeira coisa que te afeta, eu acho que é o lado financeiro. Porque, né... o que era dividido, acaba ficando pra um só, por mais que você receba uma pensão não é a mesma coisa.” Perguntada se deveria existir isso, respondeu: “se devia existir ... não sei.... o que eu acho é que não devia existir entre os dois, sabe. De repente, se tiver uma vida financeira boa acho que não sente tanto, mas sempre acaba existindo”. Sobre a mudança de sua vida profissional com o nascimento da sua filha, ela relata: “É... é que eu tive minha filha com dezoito anos, então... mudou tudo, mudou tudo, mas eu... Digamos assim, eu não tinha vida profissional nesta idade. Eu era estudante, então, eu continuei estudando, mas... porque meus pais sempre me ajudaram assim.... Tanto financeiramente como também ajudando a cuidar dela, ficar com ela, tudo, pra eu pode estudar, me formar, tudo”. E confirma que essa alteração na vida profissional com o nascimento de um filho acontece mesmo: “Alterá, altera. Não deveria, mas altera. Altera bastante. Principalmente a mulher, acho que o homem passa meio que desapercibido assim. Mas a mulher da época que tem o bebê até os primeiros dois anos, acho que interfere bastante. (...)É. Eu tinha um professor que até... é bem preconceituoso. Ele pegava e dizia que se você

quisesse ser um bom profissional, você não poderia nem casar, nem ter filho, porque... Mulheres!!! Se vocês querem fazer isso, então esqueçam. Então, ele era bem preconceituoso, a gente ficava tipo assim... acho que não é tanto assim, mas um pouco interfere. De repente, se você trabalha viajando, por exemplo, você já sabe que é um período você não vai poder viajar, e de repente, neste período pode surgir alguém e... que acaba ocupando seu espaço e... eu acho que pesa, acaba sendo meio prejudicada as mulheres.” Ao se falar sobre não ter esse preconceito que mulher para estar bem profissionalmente não pode ter a vida pessoal, ela traz: “Eu acho que não, né? Não é desse jeito, porque imagine, senão não teríamos assim... tem médicas, deputadas, executivas que tem... (...)É, e elas devem... devem ter mais vontade, ter empregada pra ajudá, não deve ser fácil também, mas acho que elas dão um jeito e conseguem ser boas profissionais e boas mães também.”

REDES SOCIAIS E APOIOS FAMILIARES

Margarida conta com a ajuda de seus pais, tanto financeiramente como nos cuidados com sua filha, e ela explica essa ajuda: “É. Mais o lado paterno assim... né?” E, para ela, família: “Ah! Na minha vida é muito importante. É tudo, eu acho. Eu trabalho aqui, trabalho com meus pais, fico aqui o tempo todo. (...) Nossa. Se não fosse minha família, nem sei como ia ser minha vida. Não consigo nem imaginar”. Logo, indagada se está satisfeita com a família, ela responde: “Eu to, né?”. E uma família “eu acho que deve ser a mesma, pra mim, né. Uma família... tendo união na família você consegue passar por alguns problemas mais facilmente”. Sobre o significado do casamento formal na vida conjugal familiar, ela diz: “Olha... o casamento é bom, desde que você encontre uma pessoa boa, né. As vezes, você não consegue... eu tipo... eu ainda não consegui encontrar ninguém que pensasse igual a eu talvez. Mas não posso dizer que... é ruim, meus pais já são casados há trinta e cinco anos quase, meus dois irmãos também estão casados. E sua opinião a respeito do casamento informal, morar junto é a seguinte:”Eu acho que tanto

faz, se casar no papel ou morar junto... acaba assumindo as mesmas coisas. Acaba assumindo a mesma responsabilidade.” Já a infidelidade masculina e feminina na vida conjugal, de acordo com ela: “Isso é um problema. Acho que não deve ter nem dum lado, nem do outro. É melhor separar então já... Se for pra esse lado, se for pra ter outra pessoa... então, assume a outra pessoa, né?. Sou totalmente contra essa vida dupla”. Conforme seu entendimento, o divórcio na vida familiar: “É uma mudança. (...) É... é uma mudança acho que sob todos os aspectos, né? Se você tá casada, você... se você se divorcia, você... assume um lado de solteira, sem deixar de lado aquelas responsabilidades que você tinha quando casado. Aí então você ainda tem um filho, você tem casa, você tem ... um pouco de liberdade pra você saí, pra você conhecê outra pessoa, pra você se divertir, no caso, e você também pode... (...) E a mudança geral também na sociedade. Você volta, você se recoloca no mercado...” Quanto à discriminação da sociedade em relação às pessoas divorciadas, ela diz: “Ah! Eu acho que hoje em dia, né? Hoje em dia não..., tá muito normal. Eu tenho um monte de amigo na mesma situação que eu.” Mas a dificuldade em voltar de novo a sociedade, para ela, seria de você sair, e conhecer outra pessoa, de voltá. (...)É. De repente você passou um tempão casado, aí você acaba tendo relacionamento com as pessoas casadas e os amigos em comum entre o casal, né? E aí, é quando que separa e ... ou a amizade continua sendo as mesmas... mas tipo... deixar aquele lado solteiro, daí você já tem outras amizades, tudo. Pra mim, está sendo um pouco difícil de recuperar assim,... aquelas amizades. E você ... é questão de amizade mesmo, de você saí, conversar... demora um pouco, mas eu acho que consegue, mas acho que leva um tempo”. Ao tratar do celibato masculino e feminino, as pessoas que não se casaram, homens e mulheres, ela pergunta: “É assim... os religiosos?” Esclarecido que é das pessoas em geral, ela diz: “Não. Acho que é um termo de cada um. Porque eu acho... coitados... acho que é uma opção. Eu tenho uma prima do meu pai que tem a idade do meu pai, acho que 55 anos e nunca se casou. Eu não sei se ela é feliz, mas foi uma opção.” Questionada se ela usou a palavra ‘coitados’ por entender que esses indivíduos são infelizes, ela diz: “É... né? Pode ser, mas também pode não ser, porque é uma opção da pessoa, a pessoa pode ser feliz solteira, sozinha... é uma opção”. Sobre a viuvez,

masculina e feminina, ela coloca: “Olha, normalmente as viúvas mulheres, elas são mais independentes, acabam ficando sozinhas, não se casam mais. Os viúvos masculinos não, eles são mais dependentes, logo eles já se casam... Eu vejo minha vó. Minha vó já é viúva há quinze anos, e nunca mais... nunca mais mesmo, nenhum velhinho... coitadinha. Hoje não, ela tem 85 anos já. Mas meu ex-sogro, ele tá viúvo há um ano e já teve duas namoradas, e já disse que vai casá de novo. Então, os homens procuram... eles não ficam sozinhos. (...) É. Acho que os homens não se viram muito, uma dificuldade, sei lá, de lavar uma roupa, de ficar sozinho, sem comida, casa... Meu sogro é assim, ele era... ele sempre foi muito dependente da esposa, daí ela morreu de uma hora pra outra, daí de ele viu sozinho, em casa... tudo, né? (...) É. Daí logo eles já querem arrumar uma namorada, né? Pelo menos pra não se sentirem sozinhos, pra saí, pra passear, pra ajudá ele a controlar a casa. (...) A minha vó não. De jeito nenhum, eu acho que até ela... depois que meu avô morreu, ela arrumou toda a casa, trocou todos os móveis. Ela assim... acho que ela nunca mais deve ter pensado nisso.” Sobre sua relação com seu companheiro, ela conta: “Hoje em dia eu sou só amiga dele, só né?” E, para ela, uma relação entre o homem e uma mulher: “Eu acho que deve ser uma relação de amizade, compreensão, fidelidade, confiança.”

PODER DE DECISÃO DA MULHER

Sobre sua vida pessoal de lazer, de relacionamento com seus parentes e amigos, o cuidado com seu corpo, vestiário, ela revela: “Olha. Ultimamente, eu tô bem desligada, e como eu me separei a pouco tempo, eu não tenho saído muito, não tenho feito nada”. Ela vive sua vida da seguinte forma: “É... eu tento separar um pouquinho, tem que ter um pouco de lazer, ir ao cinema..., num bailinho, conversar com os amigos, também eu gosto de estudar assim... E se eu tivesse condições faria um curso de línguas talvez, mas é que agora eu tô meio... não tô podendo. Mas eu acho que é desse jeito. Acho que você tem que separar um pouquinho de lazer, um pouco de..., estudar um pouco também. Não ficar parado, só trabalhando, só

trabalhando.” E nisso inclui “cuidar do corpo”. Quanto a relação entre ela e seu parceiro, sua relação sexual, ela traz: “Ultimamente eu tô assim, bem tranqüila. Não tenho forçado muito não, tá muito recente ainda. (...) É, a separação. (...) Era tranqüilo, não era esse o problema. O problema mais era confiança mesmo, de pensamento assim mesmo... que a gente não tinha o mesmo foco, a mesma visão pro futuro assim... A gente tava cada um andando pra um lado, daí não dava certo.”

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Orquídea tem 32 anos, tem o segundo grau completo e vive há quatro anos e meio com o seu companheiro, embora tenha se definido como “solteira”. Ela tem três filhos: Gabriel, o mais velho, de quatro anos; o John, de dois anos e uma menina, que estaria completando um ano. O mais velho, porém, é fruto de união anterior. Seu atual companheiro tem 29 anos, cursou até a sétima série do primeiro grau (Ensino Fundamental), já exerceu várias atividades, como a de repositor, mas é eletrônico por profissão, formação que adquiriu no Quartel, onde trabalhou por sete anos. Tal como Orquídea, ele está desempregado, mas na semana desta entrevista, ele estaria fazendo uma entrevista de trabalho.

PRODUÇÃO INTERNA OU “ESFERA DA REPRODUÇÃO”

Orquídea lava e passa a roupa da família, limpa a casa habitualmente, porém “quando ele está inspirado ele também, mas é mais eu” e enumera outras tarefas domésticas nas quais ele colabora: “cozinhar é nos dois, ele gosta também”, a louça “de vez em quando ele lava”, e a compra da casa “também os dois”. Quanto às demais tarefas, diz ela: “geralmente mais eu que faço”; no entanto, para ela, limpar a casa, lavar a roupa, passar deveriam ser tarefas divididas, pois “ele tem que ajudar também, se ele está desempregado, tem que ajudar”. Seu companheiro cuida da despesa da casa, e ela explica o porquê: “na despesa, na verdade, não tenho essa liberdade para cuidar, porque ele, quando pega um dinheirinho, ele quer mandar. Ele tem problema de bebida, sabe? Ele é alcoólatra, então geralmente mais ele assim que manda. Às vezes, quando quero comprar alguma coisa, tenho que pegar dinheiro escondido para comprar o principal, então antes dele começar a beber tenho que fazer ele

comprar, se não ele gasta só em besteira”. Ele também cuida do investimento, mas ela conta: “investimento até que sim, quando ele está são, converso sério com ele sobre isso, como pode investir, comprar um terreno quem sabe, faz plano assim”. E ela pensa que esse papel deve ser mesmo dele. Já todos os cuidados com os filhos pequenos, alimentação, levar e buscar na escola, idas ao médico, quando um deles fica doente, é inteiramente da responsabilidade dela, exceto brincar porque “ele até que brinca também, ele gosta de brincar”. A ela também cabe a orientação dos filhos, “assim de psicológico?”, como perguntou e respondeu: “é eu também, porque, na verdade, ele não tem muito como ajudar nesse ponto porque tem problema de alcoolismo, ele nem tem boa experiência para dar para as crianças em casa”. À pergunta quem deve fazer isso, ela responde: “os dois com certeza né, porque é o futuro das crianças que se inspiram nos pais”. A respeito da educação dos filhos, traz o seguinte relato: “na verdade quando ele está são, ele fala coisas boas também, quando ele está meio tonto, que ele bebe, ele só fala besteira”. A decisão sobre o que as crianças podem brincar “ eu acho que os dois até, que eu me lembre aqui os dois”, mas quem fica mais bravo com as crianças, é “ele”. Quando se pergunta a ela quem deve decidir sobre a educação dos filhos, as atividades, sobre as brincadeiras, punir os filhos, sua resposta é: “ eu acho que os dois, porque os dois são responsáveis, pai e mãe” e faz uma revelação: “ o Gabriel, o mais velho, não é dele, sabe?... a menininha, sim ... é tem o do meio também, os dois é dele, a menininha e o piá. Quando eu conheci ele, estava grávida do Gabriel”. Orquídea não soube precisar quanto tempo gasta para fazer as tarefas de casa e cuidar de seus filhos, porque “eu acho que, aqui e tudo bagunçado, difícil parar limpo, geralmente não tem nada certo, cada hora faz um pouquinho, não tem certa a hora assim, sabe” E ele ajuda “até a hora de ele desanimar, quando ele desanima ele para”. A interpretação de que ele faz quando ele quer é confirmada por ela: “é, quando ele quer”. Mas, para ela, a divisão de todas as tarefas deveria ter carga igual para “os dois... porque a responsabilidade é dos dois, porque às vezes estou ocupada em alguma coisa, ele tem que ajudar também, em alguma coisa, a mesma coisa

ele, ele pensa em mim e eu tenho que pensar nele também. Então acho que os dois têm que um ajudar o outro”. Questionada em relação à educação futura dos filhos, ela diz: “Eu penso num futuro bom para eles, quero que eles aprendam bem, estou sempre ajudando em uma tarefinha, uma liçãozinha com o Gabriel o mais velho. Eu quero que eles se esforcem, vou fazer de tudo para mostrar força da parte deles”. Especificamente quanto à menina e sua educação, ela fala: “a menininha ainda esta no pré, no pré 1, então eu acho que também a mesma coisa, tem que incentivar...incentivar para as coisas boas só”. Sua expectativa em relação à profissão deles parece clara tanto em relação à menina quanto ao menino: “eu quero fazer de tudo para eles estudarem, para tem uma profissão boa, que nem a menininha não depender do marido quando estiver maior né?, ela ter uma profissão boa, e o Gabriel também, que ele trabalhe e que seja responsável e que tenha vida independente”. E manifesta a mesma preocupação quanto à futura união conjugal da menina e do menino: “eu quero conhecer bem tanto a menina que vai estar com o Gabriel quanto o rapaz que vai estar com minha menininha, né?, quando estiver maior, uns 18, 19, eu quero o bom para eles, conhecer bem as namoradinhas deles tudo, aconselhar o Gabriel tanto a menina também né?, em relação de tudo, namorinho, não querendo forçar nada também, só que enxergue a realidade assim, vamos ver até que ponto eles vão levar”. Um dos seus três filhos já participa nas tarefas domésticas: “o Gabriel, ele me ajuda a pendurar roupa às vezes, já estou incentivando também, faço juntar os brinquedos do chão, para eles saber já que está errado, “olha a bagunça Gabriel, tem que arrumar”. Eles dormem comigo, a menininha e o Gabriel dormem comigo na cama grande e meu marido dorme em cama separada”. Perguntada se deve haver diferença entre o menino e a menina para fazer as coisas da casa, ela responde: “ah não isso não”; contudo, em relação às brincadeiras, ao divertimento, como passeio, ela diz: “eu acho só que tem que ter diferença por ela ser menina né?, porque menina tem certas brincadeiras que fica feio como jogar bola, tem coisas que o Gabriel tem que falar, isso não, essa brincadeira é de piá, acho que não é nem tudo, né? Para ele, eu acho que também, não quero má

companhia essas coisas, não quero dar liberdade por ser piá, não.” No relacionamento familiar, sua pretensão é “passar confiança para os dois, para os dois confiar em mim, não mentir, assim um tudo né?, tudo que quiser conversar, conversar com eles ser amiga deles.”

Entrevistador: Em relação a sua vida pessoal como você acha que influencia com a vida do seu filho e da sua filha?

Entrevistada: eu quero que eles enxerguem que se não vou trabalhar não penso em mim, penso neles né? porque agora que a gente tem filhos, a gente pensa neles, quando vou comprar uma coisa deixo de comprar para mim para comprar para eles né?, Eu quero que eles enxerguem que vou lutar para eles ter uma coisa boa na frente deles, né? Assim, só quero que eles enxerguem que estou batalhando por eles.”

PRODUÇÃO EXTERNA OU ESFERA DO TRABALHO REMUNERADO

No momento da entrevista, nem Orquídea nem o companheiro trabalhavam fora, mas ela responde com firmeza à questão quem deve trabalhar para o sustento da família: “com certeza ele”. Sua experiência em trabalho remunerado foi a seguinte: “quando eu tive eles, eu só trabalhei como diarista, mas antes de ter eles, quando era solteira, eu trabalhava num consultório odontológico. Antes de ter meus filhos, eu trabalhava já pensando nisso no futuro, ter um marido bom, ter os meus filhos, crescer, dar tudo de bom para eles, né?, e agora que trabalho como diarista também tudo para eles, quando eles ficarem com vontade de comer alguma coisa, eu penso, vou trabalhar pra eles...” E conciliar a família e o trabalho fora de casa, para ela: “é difícil porque meu marido não fica com eles, mesmo estando desempregado não tem muita paciência assim, sabe? Quando vou trabalhar, fico com a consciência pesada, agora minha sogra às vezes quando está de bom humor ela fica, então por enquanto só minha sogra mesmo”. Diante disso, depois que ela casou, sua vida profissional “mudou, mudou completamente... porque quando a gente é solteira tem mais liberdade para se arrumar, ficar com uma boa aparência, mas, como eu falei,

depois de que casa pensa mais nos filhos, e também a gente não fica mais com aquele ânimo de sair procurar emprego, no caso dele que tem problema de alcoolismo, eu às vezes não tenho ânimo para trabalhar de diarista, que é uma coisa assim... não desmerecendo assim, mas não era uma coisa que eu queria né?. Tenho o segundo grau, tinha tudo para tá na frente conseguindo um emprego bom mesmo. Eu acho que mudou bastante sim, eu acho que é o desânimo mesmo, sabe? e só penso nas crianças em arrumar alguma coisa para eles, né?”

Para ela, o casamento, o divórcio não deve mudar a vida profissional e explica: “eu acho que não que a gente tem que continuar, né?, no mesmo embalo sim, tipo eu não estou crescendo na vida por causa dele, por não ter o apoio dele, né?, mas eu acho que não tem que desanimar para continuar tentando ter um futuro bom, um salário bom também, não só pelas crianças, mas também pelo conforto”. E o nascimento dos filhos trouxe mudanças na sua vida profissional, Como ela diz: “trouxe bastante... perdi a liberdade, eles me prendem muito para poder fazer as coisas, né?, até mesmo para crescer na vida, né?” Mas ela entende que o nascimento dos filhos não deveria alterar a vida profissional, porque “acho que a pessoa por ter os filhos devia se esforçar mais, né?, mas eu não faço isso por não ter uma boa companhia, no caso meu marido, né?, no caso se fosse eu e eles seria mais fácil porque ai pagava alguém para cuidar e podia ir para a luta trabalhar, mas ele não me dá liberdade para isso”. Na verdade, seus filhos “estão em creche, ser diarista é mais fácil para mim por causa da creche, mas eu não trabalho num lugar fixo mesmo por causa dele, que não me ajuda mesmo”.

REDES SOCIAIS E APOIOS FAMILIARES

Para suprir algumas necessidades básicas, Orquídea conta com ajuda “da assistente social”, da sogra “e também a igreja, a igreja ajuda com uma cesta básica para nós”. A família, de acordo com ela, “a família eu acho que é uma união, uma aliança de Deus assim, pra gente se apegar mais

com Deus senão ficamos muito sozinho também, né? A família serve para ficar unidos e crescer na vida juntos e ter um futuro bom”. Quanto à satisfação com a família, ela declara: “só com meus filhos, sim”. Ela acha que sua família deveria ser: “mais unida assim e menos miserável, tem muita miséria, não queria isso para meus filhos”. Ela considera positivamente o casamento formal na vida da família, aquele de papel passado, no cartório: “eu acho que deveria, se fosse um casal bom mesmo seria uma coisa abençoada, que não e o meu caso”. Por isso, apenas morar juntos “eu acho errado, eu acho que tem que ser certinho, formal, na igreja, talvez não na igreja, não é necessário assim, eu acho no cartório assim também bem consciente, não por tá, assim só porque o cara é rico, ah vou casar com ele porque ele é rico, tem que ser de coração e certinho mesmo”. E pensa da mesma forma em relação à infidelidade masculina ou feminina: “eu acho errado isso não é coisa de Deus, não”. Já o divórcio: “eu acho que é uma coisa até importante pro dois lado porque a gente não conhece bem a pessoa, casa achando que é uma coisa, mais tarde pode acontece alguma coisa mais forte na vida dos dois e esse divórcio uma coisa importante, foi bom, um jeito da pessoa se defender no caso se tiver algum caso que não deu certo”. Porém, sobre a mulher ou o homem divorciado, ela diz: “eu não acho legal né?, não era isso que eu queria passasse que tivesse muito assim, queria que todo mundo fosse unido feliz, que é difícil, né?”. Em contrapartida, sobre homens e mulheres solteiros, que não casaram, que são sozinhas, tem a seguinte opinião: “eu acho legal, que não tem filho nada, você diz, eu acho que a pessoa tem mais que assumir mesmo que não encontrou ninguém ou por opção, que não quis mesmo. Tem que pensar nela mesmo”. E sobre a viuvez masculina ou feminina faz esta ponderação: “quando é muito novo eu acho uma coisa meio triste... principalmente quando trágica assim, mas por idade assim é uma coisa normal”. Considera que sua relação com seu companheiro “não é nada boa assim com ele desde o começo, eu assim to tentando achar um jeito de se separar dele, por isso que to tentando arrumar uma coisa fixa assim”. E, para ela, a relação entre homem e mulher “tem que ser amigável ter que ter compreensão dos dois lados, uma coisa que eu não tive sorte que meu marido não é assim e muito nervoso, agressivo, ele é alcoólatra”.

PODER DE DECISÃO DA MULHER

Perguntada sobre sua vida pessoal, se passeia, visita seus parentes, amigos, ela diz: “assim no final de semana eu não tenho liberdade pra nada, na verdade eu não tenho tempo livre assim sabe, pra mim todo dia é igual, não muda muito não só a única coisa assim e que têm dias que estou mais animada e outro não, triste vamos supor, né?” Sobre um tempo para cuidar-se, arrumar-se: “eu não tenho muito ânimo pra isso, né?, eu me arrumo porque a gente tem que ter higiene mesmo, assim e as crianças também, tudo vem do marido, mas então assim tempo livre eu não tenho mesmo”. Diante disso, “minha vida pessoal eu acho que devia ter um pouco mais de liberdade, assim eu queria ser sozinha com meus filhos sabe, ser independente assim, sem precisar de ninguém”. Quanto a sua vida amorosa, sexual, seu relacionamento com o parceiro, faz o seguinte depoimento: “não, não tem, ele é até meio estúpido comigo, ele não é nada carinhoso comigo. “Às vezes estou dormindo, dando de mama pra minha filha, ele vem tentando abaixa minhas calças. Ele é bem estúpido, não tem aquele homem carinhoso que vai agradar a mulher assim não, ele é bem estúpido. Já denunciei ele várias vezes disso, já foi preso até por isso, sabe? agressão violência, no caso. Ele é bem estúpido. Então isso é um dos motivos que eu quero largar dele, por isso estou até traumatizada a respeito dele. Ele não tem nenhum tipo de carinho, é uma pessoa que assim pra mim é a mesma coisa que não tivesse num ajuda em nada e se eu tivesse sozinha eu estaria bem melhor, sabe? Eu não dependo dele, dependo do lugar assim porque não tenho como pagar aluguel ainda, se eu to morando com ele, um dos motivos é esse. Mas quero arrumar um serviço fixo mesmo, né? que eu ache um aluguel pra mim criar meus filhos eu mesma sozinha, não atrás de homem, que já tive vários homem viúvos separados mesmo, que já fizeram proposta ‘vem morar comigo, pega teus filhos’. Só que por eu esta passando por isso, tenho medo também, não dá pra confiar em qualquer homem. Prefiro morar sozinha e criar meus filho, porque no começo todos são bonzinho que nem meu marido, no começo era bom, depois foi conhecendo quem que era ele, agressivo, bebia não tem responsabilidade dentro de casa

pra nada”. Seu companheiro já foi preso em função de denúncia de Orquídea “ na delegacia da mulher... porque isso daqui foi ele que fez com um ferro entendeu, então já tive brigas assim direto agora até que parou faz um quatro meses assim depois que ele foi preso assim sabe que ele saiu da cadeia ele até não digo que melhorou, mas continua bebendo assim agora só agressão contra mim agora só palavras, isso ele continua, mas só com palavras, mas me batendo assim ele ta controlando assim porque ele tem medo porque não gostou de ficar preso, porque ele viu o que é lá dentro então o pouco que ele tem medo é isso, então só que eu não tenho ânimo pra nada, né? pra arrumar a casa, ta tudo bagunçado ai. Não tenho nada de bom, minhas coisas é simples. Pode ver ai, não tenho uma geladeira, ele vendeu minha máquina que ganhei do meu tio, ele vendeu tudo. Até quando eu estava na Casa de Apoio ainda, antes de ele ir preso, também ele vendeu muitas coisas. Por isso que eu digo que não tenho futuro com ele, não tenho como crescer na vida assim. Então é só eu, assim sozinha mesmo, porque eu sei o quanto posso sofrer. No começo é duro uma mulher sozinha cuidar dos filhos, eu sei que sozinha, eu quero fazer de tudo pra lutar, ai eu tenho mais ânimo, me esforço e ai não vou ter aquele desgosto que estou tendo agora”. Ainda assim, ela não tem ido ao centro da mulher, Casa de Apoio, para fazer o atendimento psicológico: “não tenho ido, eu sei que tem um aqui no Pilarzinho mesmo, aqui perto da cruz, ali se chama Ponto Referencial da Mulher. Ai meu marido saiu da cadeia ai eu achei que não precisava mais.” No encerramento da entrevista, ela se oferece para indicar outras entrevistadas: “se você precisar, eu arrumo mais pessoas e só você me ligar”.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Rosa tem 37 anos e possui o Segundo Grau completo. Tem seis filhos, um de 22 anos – de uma relação anterior –, uma de 17, outra de 16, de 14, de 13 e de 11 anos, estes cinco, frutos de uma relação marital de 17 anos. Trabalha como diarista, das 8 horas às 17 horas, e recebe entre R\$35,00 e R\$40,00, o que pode perfazer até R\$800,00 por mês. Seu ex-companheiro – ela está separada há um ano e dois meses – tem 39 anos, estudou até a 4 série do Primeiro Grau e trabalha como auxiliar administrativo. Seu rendimento mensal é de R\$800,00/850,00, por 8 horas diárias de trabalho.

PRODUÇÃO INTERNA OU “ESFERA DA REPRODUÇÃO”

Todos afazeres domésticos, inclusive a manutenção da casa em termos de despesas e investimento, são feitos por Rosa, conforme seu relato: “Eu, sempre eu (...) Ó, vou falar uma coisa, eu sustentava tudo, ele começou a trabalhar faz pouco tempo, geralmente eu que sustentei toda casa, as crianças e ele ainda. Eu..., tudo era eu, e quando ele trabalhava, fazia um biquinho, porque ele era drogado e alcoólatra, o dinheiro ia para o vício. (...) Vamos supor... se ele ganhava R\$50,00, ele dava um deizão em casa e o resto era pro vício. Então, eu coloquei meus filhos na creche, e eu mantinha a casa, luz, água, a compra, roupa, calçado..., tudo sempre fui eu que dei pras crianças”. Ela acha, porém, que os dois devem fazer isso, “porque acho que o filho não é só de um, né? É dos dois. Os dois trabalha, os dois tem a obrigação de sustentá, de..., de ajudar na casa, ajudá... Acho que os dois tem que ser, porque a igualdade é igual, tanto no trabalho, tudo”. Cuidar dos filhos em todas as necessidades também sempre coube a ela: “A educação... sempre tudo fui eu. (...) Pro médico... Ele nunca se preocupou em saber se o filho precisava de leite, alguma coisa... sempre fui eu. Das

decisões do que as crianças podem brincar às broncas, quando necessárias, diz ela, “sempre eu (...) Eu. Porque ele não ligava não. Pra ele tanto faz, então, quem chamava a atenção, quem brigava, era sempre eu. (...)Então, se aprontam, eu fico brava, imponho respeito, eles têm que me respeitá. Então, até hoje... assim... tanto que o meu que tem 22, até hoje eu falo e ele abaixa a voz e fica quietinho, nunca levantou a voz comigo, nunca... o que vai fazer 22. Já o pai deles, eles não respeitavam, porque o pai nunca respeitou eles. Então, eles gritavam com o pai deles. Eu que tinha que mandar calar a boca, ficá quieto, aí eles ficavam; se fosse o pai, não.” Age assim a contragosto, porque “os dois tem que educá, tanto o pai quanto a mãe. Porque eu acho que os dois têm autoridade, né? Não é só o pai mandar nos filhos, é..., os filhos tem que respeitar o pai e a mãe.” No contexto da casa, tornou-se difícil os filhos obedecerem ao pai: “Era raro eles obedecer o pai deles, era raro, porque... como eu vou te explicá... ele sempre estava bêbado ou drogado, ele sempre estava brigando... Então, quando ele tava brigando, as criança ficava meio que quieto, e quando eles eram piqueno até que eles eram mais quieto, depois começaram a crescer, começaram a responder o pai, porque eles se criavam num ambiente de briga. Então, o pai sempre xingando, falando palavrão que Deus que me livre e brigando, sempre xingando, brigando. Então, eles num... o pai nunca dizia nada, se eles aprontavam, o pai não falava nada, porque não tinha o que ele falar, né? Então, só quando ele chegava brigando, que ele falava cala a boca, é que eles ficavam quieto. Quando ele chegava brigando muito mesmo em casa... se não... não, eles não obedeciam.” Indagada sobre o tempo despendido nas tarefas da casa, descreve sua rotina: “ Olha, agora... de manhã eu fazia um pouco, porque eu sô assim... eu levanto às 05h30 faço o que dá tempo, porque saio às 8 horas, e eu trabalho aqui pertinho, né? Mas acho que pra limpar uma casa, dá uma ajeitadinha na casa umas duas horas você faz tudo, né?. E para cuidar dos filhos... aí fica o dia inteiro, como a gente não tem condições, a gente dá o carinho a tardinha, o tempo que dá, porque o certo é... nossa, se eu tivesse tempo nem teria posto meus filhos na creche, esse de 13 foi com 3 meses na creche, se criou na creche, da creche foi pro projeto, mas eu nunca deixei de dar atenção, carinho,

amor... tanto é que assim, tipo... meus sobrinhos quando vem pra cá falam que é tão gostoso vir aqui, porque é assim, quando a gente janta todo mundo aqui na sala, a gente assiste televisão todo mundo junto, então a gente é unido, eu preservo esse lado da união mãe e filho, sou amiga dos meus filhos e eles são meus amigos. a gente sempre senta junto... a tarde mesmo fico lá no quarto, assistindo televisão, eu preservo assim, aquele... aquele lado família, porque eu acho assim, a gente fica o dia inteirinho longe dele, então quando eu pegava eles da creche, eu deixava eles assistindo televisão, ia correndo lavar fralda, lavar as coisa, daí iniciava a janta, daí já ia sentá com eles, dá a comida pra eles e conversar com eles, eu sempre fiz assim, porque eu acho que precisa, né?. (...) É, a gente tem que ter contato, que nem eu falo pra eles, eu não quero que vocês briguem porque irmão é o mesmo sangue, tem que ter união, irmão tem que ser amigo pra sempre. Então, eu gosto desse lado família”. Sua resposta a como deve ser divisão justa das tarefas de casa e o cuidado com o filho, se essas atividades devem ficar só com a mulher ou só com o homem ou com os dois, foi: “não... não, tem que ser os dois parêlo. (...) Ó, enquanto a mulher faz a janta, o marido pode dar um banho no filho, contar uma história, ou, olha, vou te ajudar na lição. Porque, né, eu acho que... ou então ó.... um lava a louça o outro seca. Um ajuda o outro. Porque se os dois tiverem uma união no casamento, os filhos vão vê a união, eles vão se criá unidos também, daí, ó, eu vou ajudar também, porque minha mãe e meu pai fazem tudo junto e os filhos também vão pra esse lado junto. E,... eu acho assim, se o marido ajuda junto a mulher, a mulher mais cedo ela descansa e ele também descansa. (...) Geralmente o serviço da mulher é bem mais, porque hoje em dia os homens é assim, trabalham fora, se matam, chegam, sentam aqui e pronto, não querem saber se a gente tem roupa pra lavar, se tem os filhos pra dá banho, se tem janta pra fazê, eles não querem saber de nada, só querem tudo prontinho, né?. Porque geralmente de 10 homens tira um que ajuda a mulher, porque nem todos são assim.” Ela, que tem “quatro piá e duas menina”, ao pensar sobre a educação futura dos filhos, principalmente sobre os dois mais velhos, diz: “eu quero que os dois faça faculdade, com certeza...” Tanto ele quanto ela, eu quero que eles estudem para ser alguma

coisa na vida, não que eu ache que meu serviço não seja honesto, mas eu quero que meus filhos estejam melhores do que eu, eu não quero... que eles passem pros meus netos o que eu passei pra eles, quero que meus netos sejam melhores, tenham um futuro melhor, tanto que minha mais velha, o ano que vem vai fazer faculdade, eu não sei, mas quero dar um tempo, ela tá trabalhando, eu vou ajudá ela pagar a faculdade que ela quer fazer pedagogia. (...) Na PUC ainda, se Deus quisé, eu vou ajudá, ela vai pagar metade e eu vou pagar metade. O meu outro mais velho tá terminando agora o segundo grau de tanto eu brigá com ele, que eu terminei antes que ele, depois de velha, terminei de estudá acho que tinha uns 30 anos quando eu terminei o 2.º grau. E o meu mais velho agora tá terminando, daí ele pensa em fazer um concurso público e fazer alguma coisa, informática, essas coisa pra se formar. Então, eu faço né, esforço para que eles aprendam alguma coisa. Eu faço questão que eles façam faculdade que nem a minha mais velha, falei, se você for para faculdade e tiver sobrecarregada, eu pago, eu dê um jeito, me viro, eu pago a faculdade, mas eu prefiro que ela estude, faça alguma coisa, né?, porque a gente só quer o melhor dos filhos né? (...) E é indiferente, se um filho a mais precisar ajudar a pagar a faculdade, eu vou ajudar tanto ele quanto a menina.” E pensa da mesma forma sobre a profissão deles:” Bom, uma faculdade, se Deus quisé né, eu falo pra mãe assim, né. Alguém da família tem que fazer faculdade aqui, não é possível que vai terminá o 2.º grau e pronto, né. Por que todos os dias você tem que ter... eu falo pra minha filha, filha você vai fazer Pedagogia, você tem que tá sempre estudando, você tem que estar sempre reaprendendo, porque tá muito... tá muito... informatizado, cada vez mais tem mais informação, então tem sempre que ...” Já em relação ao casamento, a união deles com alguém, ela fala: “Eu espero que minha filha arrume um homem maravilhoso pra ela, que não seja igual o pai dela, né?. Alguém que dê amor e carinho, que seja compreensivo né?. Que compreenda ela, que divida as dificuldades da vida juntos, sem briga, que não beba nem use droga nada, por que ela tem 18 anos e nem pensa em namorar, ela fala, mãe nem quero namorar, porque viu tanto que eu tô sentindo que ela pensa, né?. Ela fala, eu vou namorar depois que eu acabar

a faculdade, que o meu mais velho já namora, mas eu me dô muito bem com minha nora, vai fazê 3 anos que eles namoram, mas brigam muito, e aí eu falo assim, filho não case porque você é muito novo. Uma porque a gente não tem estabilidade na vida, não tem uma casa, não tem nada, e um casamento, falei pra ele, não se baseia em você se casá, você vai lá, paga um aluguel e vai ficando vivendo no aluguel, aí vem os filhos e aí você não tem nada na vida. Eu falo assim, estude, trabalhe, primeiro consiga algum... algum terreninho pra você, alguma coisinha pra você, porque uma vida a dois, no começo, se os dois trabalham, os dois juntos consegue, mas depois vem os filhos, daí quando a gente tem um filho é tudo pro filho, daí quando a gente fica sempre em segundo plano, porque em primeiro lugar tá sempre o filho.” Em resumo, ela deseja que a filha encontre um homem “Respeitador e trabalhador né? Porque eu acho que se ele respeitá ela e for trabalhador, não precisa ser rico, nem ser nada, ele respeitando e sendo trabalhador, tá de bom tamanho” e para o filho “pra ele eu quero a mesma coisa, apesar que minha nora é um amor, sabe?. E pro meus outros filhos também né, que apareça, né, pessoas boas, porque existe pessoas boas, né?”. Seus filhos, independente do sexo, ajudam nas tarefas da casa porque “tem que ajudar, senão.... é, desde pequeno ensinei que tem que ... cada um tem sua coisinha pra fazê.” E também não os diferenciam quando se trata de passeios, saídas: “Não. Eles saem junto. Agora minha menina tá se juntando bastante com o mais velho, então o mais velho vai, tá ela, o mais velho e o de dezesseis. Então, sempre tem uma festinha, alguma coisa, tão sempre junto. Pedem pra saí, se eu deixar deixei, senão deixá não deixei, só vão se eu deixá com autorização. E dô hora pra chegá, tal hora quero em casa, e, tal hora tão em casa. Eu sou assim, uma hora tem tá em casa, se não tiver, eu vou buscar, porque eu dei o horário. Então, pra não pagar o mico, como eles falam né? Porque eu busco, porque assim... eu confio nos meus filhos, mas tem amigos e amigos, né? E onde eles vão geralmente, nunca tem só um que bebe ou não bebe, então sempre tem aquela rodinha, então tem que sempre está atento, e, dependendo o lugar eu não deixo ir.” E essa igualdade de tratamento também existe no relacionamento familiar. E retoma a questão profissional dos filhos dizendo que quer coisa melhor: “ai quero,

acho que é a coisa mais... não precisa ser nada, acho que um filho tendo um diploma, pra mim acho que vai ser minha maior alegria, assim, quando eu vê minha filha se formando assim... nossa!!! Eu tenho minha patroa que é pedagoga, ela incentiva muito, a minha filha mais velha é a Amanda, né, então, ela fala, Ah!!! Fala pra Amanda..., daí ela chama de Amandinha, porque ela é baixinha, miudinha né. Ela fala, fale pra Amandinha não desisti nem que..., ela tem uma escolinha ... até minha filha trabalhou meio ano, sabe. Aí ela fala, fale pra Amandinha, nem que ela trabalha de manhã, eu arranho uma vaga a tarde, mas que ela não desista do sonho dela, porque não é só um sonho dela, é também um sonho meu também né, daí eu quero igual pra eles todos.”

PRODUÇÃO EXTERNA OU “ESFERA DO TRABALHO REMUNERADO”

Rosa sustenta sua uma família, mas “acho que deveria sustentar era o marido. A mulher cuidar da casa e dos filhos, trabalhar em casa, cuidar dos filhos, dar atenção tudo pros filho. (...) É o homem, o homem, porque ele casa, ele tem que saber que vai ter a mulher, mais tarde vem os filhos... tem que sustentar. Antigamente não sustentavam? Né?. É o certo.” De forma que trabalha fora não por razões de independência, realização pessoal, ajuda financeira, saída do espaço doméstico, mas sim para suprir as necessidades mais básicas de sua casa, “não, eu fui mesmo porque vi meus filhos passando fome. (...) Você vê um filho teu passando fome, você tá com uma pessoa, daí eu dependia da minha sogra nessa época, daí pra você conviver com 5 kilo de arroz, 5 de feijão e um pacote de macarrão, uma coisinha ou outra, e você vê teu filho chorando de fome e o bendito lá bebendo, sabendo que lá na minha sogra tinha leite e tudo, dava água de maisena tomá pra ele não morre de fome, então abriu uma creche, coloquei meu filho na creche e fui trabalha, por necessidade, pra não vê meu filho passá fome, pra não vê meus filhos ficar sem roupa e sem calçado. Porque se eu não tivesse feito assim, eu não sei se eu ia estar com todos meus filhos. Porque se dependesse dele, ele não tava nem aí, ele não se

importava se o filho tava tomando mingau feito com maisena ou feito com leite, pra ele tanto fez como tanto faz.” Então, passa a descrever a condição de viciado do ex-companheiro:” quando eu conheci ele bebia menos, mas depois ele começou a usar droga, e por último craque, ele usa craque. (...) Ele usa, por isso larguei dele. Porque... como você vai vivê num ambiente, que tá, vamos supor, conversando com você... ele não fala nada, você saí, ele começa a quebra a casa, ele te humilha, ele te xinga de tudo que é coisa, pra você ter uma idéia, ele me chamou que eu era amante do meu mais velho, do meu próprio filho, que meu filho mais velho não é filho dele, né?. Então, ele falava que eu tinha um caso com meu filho, tinha caso com meu irmão, tinha caso com todo mundo. Então, você chega em casa, daí ele chega de xingando, te humilhando, daí ultimamente, ... essas últimas vezes, tanto é que dei queixa dele porque tava me agredindo, uma vez se não fosse meus dois meninos de 13 e 14 pega ele, pulá em cima dele, ele tinha me batido, foi o dia que eu dei queixa dele na polícia, foi... ele tinha me batido até dizer chega. Aí ele deixou... E não é porque ele me batia, era o psicológico, ele me humilhava muito, imagine uma pessoa gritando e o quarteirão todo escutando, daí não é... ele chega... vai das 07:00 até as 04:00 da manhã, ninguém dorme, ninguém dormia, daí no seguinte tinha que levantar as 05:30 para trabalhar e o marajá ficava lá dormindo, e eu me ferrando, cansava, tudo... e ele numa lá boa, e todo dia era assim, de domingo a domingo, dava pra você contar nos dedo o dia que você tinha liberdade. Então, né, eu ia trabalhá... fui estudá a noite... fui estudar a noite porque eu não agüentava a pressão dentro de casa, ao menos aquelas 4 horas no colégio era cansativo, mas eu tava lá, eu distraia minha cabeça, porque não tinha... meu filho de ... esse que tem 14, ele fez três anos de tratamento psicológico, ele pegou uma depressão profunda por causa do pai. Porque desde nenê, ele nasceu nervoso, então, eu sempre tratava ele com homeopatia, até chegou uma hora que não deu, que a médica disse que tinha que fazer tratamento, com remédio e tudo, eu tomava antidepressivo também, tomá antidepressivo para morar na minha própria casa. Então... não tinha condições, não tinha, não tinha. Então, eu tinha que trabalhar, trabalhei, agüentei, agüentei... só que chega uma hora que não

agüenta mais, né. Eu acho assim que você... que nem lá no centro de referência a psicóloga me falou, que chega uma hora que a gente tem que se amá, e eu tenho que tomá uma atitude. Eu penso assim, ó, se eu não mudar o meu jeito de ser, se eu não mudar, a minha filha, com o primeiro que aparecesse, se não ia fugir, ia se casar, porque não tava mais agüentando a situação. Os meus filhos, o que ia ser deles, ia ficar na rua, podiam ser usuários de drogas, podiam ser alcoólatras. Então eu penso assim, se eu não mudo, eu tenho que mudar a minha vida pra mudar o destino dos meus filhos. Porque senão, acho que vai ficar sempre aquela mesmice de não dormir. Porque não tem, não tem lógica você ficar com uma pessoa porque aí... mas... vai... tenha fé... porque um dia ele endireita, só que eu até consegui tratamento pra ele, só que ele não quis. Então, do que adianta, não adianta eu, os filhos querer que ele mude, tem que partir dele, né?. E eu acho assim, eu penso assim, a partir do momento que acabou o amor e o respeito, acaba tudo. A gente não tinha mais amor, não tinha mais respeito, então, pra que ficar né, se enfrentando... e antes que aconteça um... e igual eu falei no Centro de Referência, ele ameaçava meu filho de morte, me ameaçou de morte. Então, antes que aconteça uma desgraça maior, eu preferi abandonar tudo. A advogada falou não... fique, você fica lá que eu dou um papel daí você fica em casa. Eu disse não... eu quero deitar no travesseiro e poder dormir e ali eu não sabia se eu ia poder.... (...) Ali é da minha sogra, mas a advogada disse que por direito eu ficava ali. Mas eu prefiro paga aluguel, porque sei que se deito a cabeça, fico tranqüila... porque ele não faz nenhum mal pra ela [sogra], então... e lá ele ia se achar no direito de ir a hora que quisesse, a hora que... então que sossego eu ia tê? Nenhum, né? Ao menos assim eu tenho sossego.” Sobre conciliar família e trabalho fora de casa, Rosa diz: “ Ah! A gente dá um jeitinho de mãe, né? Eu levanto todos os dias 05:30, daí... meu filho sai 06:20, né? Enquanto faço o café eu já vô ajeitando a cozinha, dando um jeitinho na casa e o resto fica pros meninos fazer, né?. De tarde chego, já faço a janta, converso um pouquinho com eles, a gente dá um jeitinho. Dá tempo para os filhos, dá tempo para tudo, pra trabalhá, pra olha a casa, dá amor e carinho pros filhos, pra ir no colégio escutar a bronca dos filhos, e assim vai indo... Para

ela, “quando a gente quer dá...” tempo para tudo. Seu trabalho durante o casamento ou após a separação não mudou:” oh! Meu trabalho é o mesmo, mas eu me sinto feliz. Oh, eu venho pra casa, sabe quando você vem feliz, você não tem obrigação com janta, não que eu não tenha obrigação, mas não tenho obrigação por causa daquela pessoa, você não vem com aquela cabeça... que nem eu chegava ali onde eu morava... meu Deus do céu, será hoje como vai ser, ele vai me enchê o saco querendo a casa, será que vou ter sossego, assim não, ó, eu chego, eu sei que meus filhos vão chegar, ahaaa, vai ter conversadeira, vai ter briga, começa... que as vezes discutem entre criança, normal, né?... mas eu venho feliz pra minha casa, eu venho feliz porque eu sei que não vai ter ninguém pra atrapalhar meu sono na noite, eu sei que vou deitá no meu travesseiro e vou dormir, eu tô vendo meus filhos felizes, né?. Que nem a Lia, minha filha de 11 anos, ela tinha insônia, ele chegava, a gente ficava todo mundo sentadinho na sala. Ele chegava, ia cada qual pra sua cama, a gente não tinha mais aquele contato de família, de mãe e filho unido sabe... que enquanto ele não tava em casa, a gente ficava conversando,, quando ele chegava ia cada qual pra sua cama dormi, nem janta não jantava, porque quando ele chegava, tanto era o desânimo que a gente tinha dentro da nossa casa. Agora aqui não, eu chego que chego feliz, às vezes chego cansada, brigando quando não limpam a casa, que é normal, né? Mas eu brigo com felicidade, o meu serviço eu trabalho mais feliz. Hoje eu não dependo mais de remédio pra viver, né? Mudou bastante, nossa, graças a Deus, eu tô... num tô 100%, vou tar 100% quando, um dia, se Deus quiser vou tar na minha casa. Tô 90% do que tava antes.” Por isso mesmo entende que o casamento, o divórcio não deve alterar o serviço, o trabalho: “Não. Não, deve porque... porque eu penso assim que não tem nada a ver, porque se separou ou divorciou, você tem que viver, você tem que seguir a sua vida né, o percurso da sua vida. Você tem que pensar assim, poxa, não é só porque me separei que o mundo acabou, eu tenho meus filhos... e se não tiver filhos, não tiver ninguém... mas você sempre tem alguém, tem uma irmã, tem uma mãe, que nem... eu acredito assim... você tem que lutar por você. Que nem hoje eu falo assim pro meus filhos: Eu gosto de vocês, mas eu me amo primeiro, porque eu

tenho que aprende a me amar, a gostar de mim, me entende a gostar dos meus filhos, pra mim poder passar coisas boas pra eles. Agora, se eu não gosto de mim, o que eu vou passar de bom pro meus filhos, nada, né?” Contudo, o nascimento dos filhos trouxe mudança no seu trabalho: “ Trouxe. Trouxe. (...) Oh! Se fosse meus filhos meu problema, né?.... Porque tipo assim... a responsabilidade no mercado, daí depois que tive minha filha... minha filha vivia doente, tive que pegá serviço, daí você tem filho... que nem eu... quando a gente não ganha bem... quando a gente tem filho pequeno a gente não pode... e eu não tinha ninguém pra me ajudá, não podia contar com meu marido naquela época as crianças na creche, eu já acho, eu podia tar trabalhando em alguma coisa melhor pra mim, mas com filho pequeno, não tem como você trabalhar numa empresa registrada. Porque você sabe que se você trabalha numa empresa registrada, primeiro lugar pra eles é o serviço, não é o filho. E quando a gente ganha o filho, tem que ta consciente que em primeiro lugar os nossos filhos, depois o serviço”. Portanto, para ela, o nascimento de filhos e o número de filhos alteram a vida profissional: “Altera, altera. Altera porque quanto mais filhos você tem, mais problemas você tem, e quando eles são pequenos, não tem como você... só se você... não tem como você levar uma profissão adiante, vamos supor, se eu tivesse feito uma faculdade com minhas crianças pequenas, acho que não teria nem terminado, como você vai fazer uma faculdade se você tem sempre uma criança doente em casa, que tem isso, tem aquilo, né? (...) É, se torna mais difícil.”

REDES SOCIAIS E APOIOS FAMILIARES

Como visto, Rosa não conta com nenhum tipo de ajuda de ninguém. E família, para ela, é “tudo”. (...) Ah!, Alegria, a tristeza junto, o amor... tudo o que é de bom que tem... não tem coisa melhor que minha família”. Ela está tão satisfeita com sua família, que diz: “minha família é perfeita pra mim. Não precisa melhora”. Quanto ao significado de um casamento formal, casamento no cartório, na vida conjugal, é esta sua

opinião: “Pra mim falá a verdade, o casamento no cartório formal é só para separação de bens mesmo, eles já casam pensando no que... que a gente vai casar e tem partilha de bens e....” Já o casamento informal, para ela: “olha, eu acho normal. Hoje em dia as coisas tá tão assim né. Eu morei quantos anos junto e nunca achei falta de casá. Ainda bem que nem mudei meu nome, porque se não ia tá me incomodando pra divorciá. Porque eu acho assim... a lei já ficou tanto bom pra pessoas como se já tivesse casada, então, não tem mais aquela lógica, aquela coisa. (...) É, tenho meu nome de solteira. Eu falo pra minhas amigas, eu quero morre solteira... casá não, tá loco... já em termo de convivência já foi o suficiente.” E sua posição é radical quando se trata da infidelidade da traição, tanto do homem como da mulher: “Não tem perdão. (...) Eu não perdoaria. Porque eu acho assim... tem a mulher que cuida das coisas dele... se a mulher é boa, não tem motivo pra ele trair. Nem que a mulher for ruim, não dá mais, sai e pronto, pede o divórcio, vamo separá, não dá certo, né? Seria mais bonito, tanto do lado dele, quanto do dela. Tanto um quanto o outro não tem perdão”. Divórcio, separação na família, significa, para ela: “Pra mim foi a libertação, né, agora, quando tem aquela família que se divorcia, tem a união dos filhos com os pais é muito triste pros filhos, porque os filhos chegam a sofrer, né? Tem filhos que... fica com problema no colégio, um monte de coisa. O certo seria não divorciá, uma união entre todos, né? quando se dá bem assim, né? Porque muitas vezes tem conseqüências graves, assim... para as crianças, né? quando é muito apegado ao pai. (...) O que não é o meu caso, né, porque eles não eram apegados ao pai, de jeito nenhum, porque não dá carinho, não dá amor, não tem como consegui, né?. O único que gostava dele, que vai vê ele de vez em quando ele é esse que fez tratamento de depressão. Esse dava a vida pelo pai. [o caçula] Não, esse ta com quatorze, a caçula é de onze. A de onze era muito apegada ao pai. Ela era, mas depois que viu que ele começou a brigá, ela se afastou do pai. Esse de 14 é o que mais vai vê o pai, de vez em quando pede pra ir ver aí eu deixo. Mas esse, esse... chorava, ele falava pra mim, mãe, meu pai tá se matando e você não faz nada pelo pai. Ele dava a vida pelo pai dele. Só que com o tratamento, ele abriu os olhos, acho que caiu na realidade e viu que a gente

tentou ajudar o pai dele, aí ele falou: mãe o pai não qué saí, meu pai não qué minha ajuda, não qué a ajuda de ninguém, então, ele tem que procurar ajuda sozinho. Mas o que mais vai vê o pai assim, é ele que ainda tem um pouco de apego com o pai ainda. (...) Não, o de dezesseis não qué nem sabê. Ele humilhou muito o de 16. Maltratava muito, só xingava ele, maltratava muito. Esse de dezesseis falou assim, que o pai dele pra ele morreu já”. De acordo com ela, mulher divorciada, o homem divorciado, “ah, eu acho que cada um deve seguir a vida deles, porque se eles opinaram por isso é provavelmente porque não estava bem ou não gostava mais, ou não tava um relacionamento bom. Porque não adianta também você vivê de aparência, né? Eu acho assim que normal, eles tentá ser feliz de novo, porque não deu certo. Quem sabe não encontra uma outra cara metade, que nem o Padre Reginaldo fala, né. Todo mundo tem o direito de ter o segundo amor na vida, né? Sobre os homens e as mulheres que não se casaram, que continuam solteiros, sozinhos, ela tem a seguinte opinião: acho que é uma opção deles, ou têm muitos que vivem pro trabalho e não tem tempo... vivem pra profissão, daí não querem casar por uma opção mesmo.. acho. (...) Eu acho que é uma opção. Tem muitos que dão preferência pra profissão, né? A profissão ta em primeiro lugar. Tudo ta em primeiro lugar, daí.... eles não pensam num amanhã... ter uma família... daí com o passar do tempo, depois que eles passam dos 40 anos, eles... acho que não vão mais conseguir arrumar ninguém... daí tem pessoas que viveram a vida inteira sozinha, se for arrumar alguém pra morar não vai conseguir... nem pra casá, nem pra morar junto, porque ele já é acostumado naquele ritmo sozinho. (...) Acho que não casa mais...” E da viuvez :”ah, quando o amor é grande é triste, mas se a pessoa fica viúva, tem que... como que eu podia te dizer... Se ela ficou viúva, ela não se achar velho ou incapaz de arrumar outra pessoa né? Acho que ela ficou viúva, mas não morreu, quem morreu foi o falecido, e aí, ela tem que continuar viva, né? Tem que vivê a vida, porque a hora do companheiro dela chegou e o dela ainda não.” Para ela, a relação entre homem e mulher, “tem que ter respeito em primeiro lugar, e muito amor. Tendo respeito e amor, o resto é o resto. Então, o principal é o respeito e o amor, mas em primeiro lugar é o respeito”.

PODER DE DECISÃO DA MULHER

Rosa traz a seguinte narrativa sobre sua vida pessoal, passeios, visitas a parentes e amigos: “Vou, vou. Vou nos meus amigos, vou na minha mãe, de vez em quando faço um churrasco com a piaçada, todo mundo se divertindo, saio pra dança de vez em quando... desde que, meu mais velho fique em casa cuidar dos piquenos, se não eu não saio, que eu não deixo meus filhos sozinhos. Eu falo assim, não que eu tenha bebê mais, mas eu tenho um de menor aqui. Então, o de menor é de minha responsabilidade. Se eu saio, meu mais velho fica em casa. Mas eu me divirto. Me divirto... não vou... mas vou muito em casa de amigas, tanto que domingo fui lá pra Contenda, pra Piraquara passear, bem... (...) Eles ficam grande, aí não querem mais saí com a gente, daí quem vai é a pequena que de vez em quando comigo, mas nem na minha mãe, minha mãe mora em Piraquara, nem na minha mãe ela não quis ir, aí eu fui sozinha. Eu falo, eu vou, vocês não querem ir, porque vocês não querem ir... eu aproveitar minha vida, porque eu trabalho a semana inteira, né? Aí você sai um pouco, espairece, a cabeça... e eles ficam aí e eu vou.” E não mudaria nada, pois ela acha que sua vida pessoal deve ser: “Assim. Assim, eu acho, tenho tempo pra família, tenho tempo pros amigos, tenho tempo pra tudo”. E sobre sua vida amorosa, sexual com seu parceiro, se havia alguma negociação nesse particular, ela afirma: “nenhuma... a gente ia na marra, né, pra pará de xingá né, mas não tinha mais amor, sabe. Tanto é que eu tinha tocado ele da cama faz uns três anos e ele dormia na sala e eu dormia... eu toquei ele pra dormi na sala e as meninas pra dormi comigo. Toquei ele da cama. Porque a partir do momento... chinga também... porque a partir do momento que ele te compara a uma prostituta, vê que uma prostituta é melhor que você, daquele momento toquei ele da cama, falei, em mim você não rela mais. E de vez em quando ele inventava de toca a mão em mim, né? A mão no rosto assim... eu falava, não incoste a mão em mim, vai catá tuas nega lá no meio da rua. É vou achar uma mulher, ele falava. Pode achar, não trazendo aqui dentro, pode fazer o que você quisé da sua vida, eu te respeito pelos meus filhos. Porque eu nunca desrespeitei ele, né? Nunca saí e nem fiz nada, sempre

respeitei ele morando... mesmo dormindo separado, sempre respeitei pelos meus filhos. Porque eu penso assim, se eu moro com aquela pessoa em baixo do mesmo teto, acho que tem que mostrar respeito. Mais ainda pelos meus filhos, né? Então, mas geralmente... mas geralmente era a força, tipo... a força pra ele parar de gritá e de xingá. (...) Como é que quer um relacionamento bom se... Olha, depois que o meu sogro morreu, daí é que ele virou mesmo... Enquanto meu sogro era vivo a gente se dava bem, porque meu sogro sempre chamava atenção... ele trabalhava, ele trabalha lá na Fiat Lux, nessa época foi uma época.... os primeiros cinco anos até que foi, até que foi razoavelmente bom, até que meu sogro morreu, daí começou... (...) : Porque daí, ele falava: Ah! Eu tenho que saí do serviço pra ajudá minha mãe, daí ele não se importou com os filhos, com a família, se importou com a mãe. Tudo bem, a gente tem que ajudá a mãe da gente, só que eu penso assim: você casou, você tem teus filhos, teus filhos é tua família agora, é a tua família, não é mais a tua mãe, né? Ele podia muito bem conciliar e ajudar a mãe e continuar no serviço, e ser a mesma pessoa, né? Só que daí ele começou a bebê, bebê, daí começou usar droga, daí chegou uma hora que não dava mais”.

ANEXO 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, Irene Okabe, enfermeira, doutoranda da Escola de Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo – EEUSP estou desenvolvendo uma pesquisa intitulada *Violência contra a mulher: Uma Proposta de indicadores de gênero na família* sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Rosa Maria Godoy Serpa da Fonseca. Convido você a participar dessa pesquisa que tem como objetivos: Analisar a relação entre desigualdades de gênero na família e a violência contra a mulher; identificar os posicionamentos das mulheres acerca dos indicadores de gênero na família, considerando as práticas e comportamentos de homens e mulheres; identificar situações de desigualdade de gênero no grupo de mulheres que vivenciaram episódios de violência doméstica; Correlacionar a ocorrência de desigualdade de gênero na família com episódios de violência intrafamiliar, e ainda caracterizar as ocorrências de violência doméstica quanto ao agressor, a agredida e a agressão.

A sua participação é voluntária e consiste em responder a algumas questões do questionário elaborado para atender os objetivos acima citados. Todos os dados coletados serão utilizados apenas para fins científicos sem jamais serem expostos seus dados pessoais. Você não é obrigada a participar dessa pesquisa. Sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento, bastando apenas manifestar-se da maneira que melhor lhe convier.

Caso tenha dúvidas sobre a pesquisa ou alguma outra pergunta sobre essa pesquisa que não tenha sido suficientemente esclarecida, por gentileza, entre em contato com a pesquisadora responsável: Irene Okabe através do tel: (41)3253-5296 ou 9968-0252 ou pelo e-mail: irene.okabe@pucpr.br e também com o Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP tel: (11)3061-7548.

Reafirmo que sua participação é voluntária. Esclareço ainda que, sua participação não implica em danos diretos à sua saúde.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Curitiba, ____ de _____ de 2007.

ANEXO 2

TERMO DE CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO

Eu _____,
RG n.º _____, estou sendo convidada a participar de um estudo intitulado: *Violência contra a mulher: uma proposta de indicadores de gênero na família*, cujos objetivos são: Analisar a relação entre desigualdades de gênero na família e a violência contra a mulher; identificar os posicionamentos das mulheres acerca dos indicadores de gênero na família, considerando as práticas e comportamentos de homens e mulheres; identificar situações de desigualdade de gênero no grupo de mulheres que vivenciaram episódios de violência doméstica; correlacionar a ocorrência de desigualdade de gênero na família com episódios de violência intrafamiliar, e caracterizar as ocorrências de violência doméstica quanto ao agressor, a agredida e a agressão.

Caso aceite participar desta pesquisa, eu responderei questionário elaborado pela pesquisadora, que consta de perguntas referentes ao tema.

Estou ciente de que minha privacidade será respeitada, ou seja, meu nome, ou qualquer outro dado confidencial, será mantido em sigilo.

Estou ciente, também, de que posso me recusar a participar do estudo, ou retirar meu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar, nem sofrer qualquer dano.

Poderei manter contato com a pesquisadora responsável, por meio dos seguintes telefones e/ou endereços eletrônicos: Irene Okabe. Tel: (41)3253-5296 ou 9968-0252. E-mail: irene.okabe@pucpr.br e também com o Comitê de Ética em Pesquisa da EEUSP tel: (11)3061-7548.

Li este termo, fui orientada quanto ao teor da pesquisa acima mencionada e compreendi a natureza e o objetivo do estudo do qual

fui convidada a participar. Concordo, voluntariamente em participar desta pesquisa.

Assinatura da participante

Assinatura da pesquisadora

Curitiba, ____ de _____ de 2007.

ANEXO 3

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM
Av. Dr. Enéas de Carvalho Aguiar, 419 - CEP 05403-000
Fone: 3061-7548 - Fax: 3061-7548
C.P. 41633 - CEP 05422-970 - e-mail: edipesq@usp.br

São Paulo, 18 de janeiro de 2008.

Il.^{ma} Sr.^a
Irene Okabe

Ref.: Processo nº 696/2007/CEP-EEUSP

Prezada Senhora:

Em atenção à solicitação referente à análise do projeto **“Violência contra a mulher: uma proposta de indicadores de gênero na família”**, informamos que o mesmo foi considerado aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (CEP/EEUSP).

Analisado sob o aspecto ético-legal, atende às exigências da Resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

Esclarecemos que após o término da pesquisa, os resultados obtidos deverão ser encaminhados ao CEP/EEUSP, para serem anexados ao processo.

Atenciosamente,

Maria Fátima Prado Fernandes
Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Prado Fernandes
Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo